



## **Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e  
à Associação Brasileira de Psicanálise

### **Presidente**

Luiz Carlos Mabilde

### **Secretário**

Paulo Fonseca

### **Secretário Científico**

Carlos Gari Faria

### **Tesoureiro**

Paulo Fernando B. Soares

### **Diretor do Instituto**

Cláudio Laks Eizirik

### **Secretário do Instituto**

Juarez Guedes Cruz

### **Conselheiros**

Marlene Silveira Araújo

Isaac Pechansky



ISSN 1413-4438

# Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Volume III - Nº 1 - Abril -1996

## Editor

Mauro Gus

## Co-Editor

Joel Nogueira

## Conselho Consultivo

Alírio Torres Dantas Junior - SPR • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Carlos Gari Faria - SPPA • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Leopold Nosek - SBPSP • Luis Carlos Meneghini - SPPA • Luiz Emmanuel de Almeida Levy - SBPRJ • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Paulo Martins Machado - SPPA • Sérgio Paulo Annes - SPPA

## Conselho Editorial

Cláudio Laks Eizirik • David Epelbaum Zimmerman • Flávio Rotta Corrêa • Germano Vollmer Filho • Isaac Pechansky • Luis Carlos Mabilde • Marlene Silveira Araújo • Paulo Fernando B. Soares • Paulo Fonseca • Roaldo Naumann Machado • Romualdo Romanowski

## Comissão de Redação

Anette Blaya Luz • Antonio Carlos S. Marques da Rosa • Carmem Emília Keidann • José Carlos Calich • Jussara Schestatsky Dal Zot • Paulo Figueiredo • Raul Hartke • Theobaldo Thomaz

## Secretária Executiva

Irma Angela Manassero

## Revisão Ortográfica

Clotilde Favalli

## Composição

Luiz Cezar F. de Lima

## Impressão

Gráfica Editora Pallotti



R 454

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. III, nº 1 (abr., 1996)  
– Porto Alegre: SPPA, 1996, –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)  
616.89.072.87 (05)

CDU: 616.891.7

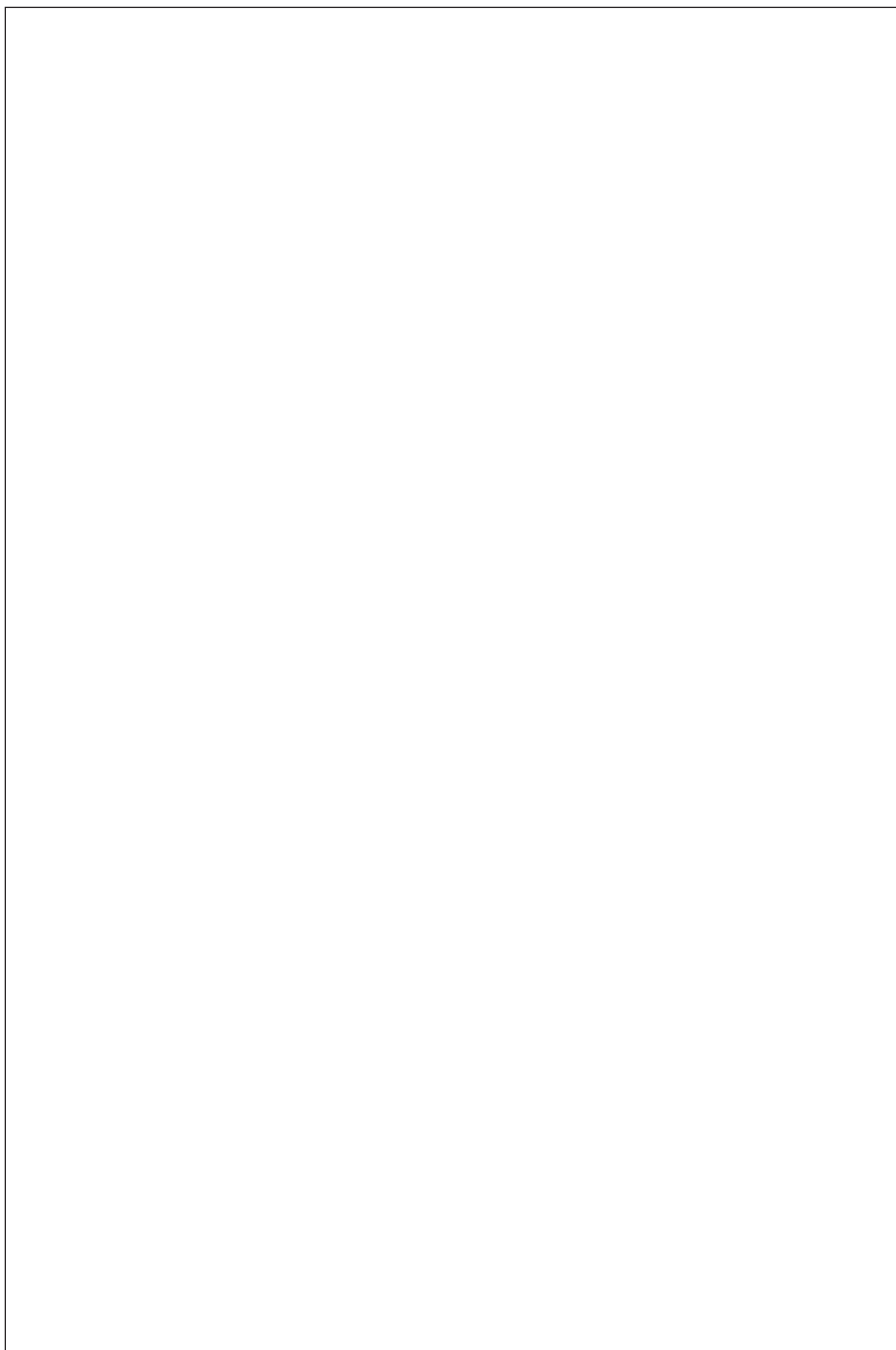
Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari Borges  
CRB/10 - 900





# Editorial





Cyro Martins: 05/08/1908 – 15/12/1995



## Tributo ao Cyro

Cyro era um homem acostumado com homenagens. Seus 87 anos de vida foram muito festejados. Com justiça, a cada ano, havia um jantar e um discurso aos quais ele respondia com alegria como se fossem os primeiros.

Para todos tinha uma palavra, um agradecimento especial, algo que se referisse à história que sabia manter com cada um, como se o acompanhasse de perto. E assim nos sentíamos com Cyro: acompanhados, prestigiados, respeitados. Cyro gostava de estar conosco e sua memória prodigiosa jamais esquecia o que falávamos; nossos pequenos gestos eram lembranças assinaladas por ele, a todo novo encontro: “E aí Mauro, a nossa Revista, como vai? As letras ficam!” dizia-me Cyro, com humor. E agora te respondo, amigo Cyro, tuas letras realmente ficaram e ficarão para sempre conosco, assim como tua presença otimista, tua confiança na Psicanálise e em nossa Sociedade, tua crença em nós a quem legaste não só a dedicação à verdade, mas também uma visão e compreensão profundas do sofrimento.

Escrevo e emociono-me; tenho à minha frente tuas fotos, que carinhosamente Zaira separou para nós, e os artigos que vão compor o número 1, Vol. III de nossa Revista. É uma edição especial em tua homenagem; recebe-a com nossa saudade. Leva tua foto e, também, teu último texto, “Psicanálise e Criatividade”, o editorial para o qual te convidamos. Lembras do nosso convite, os telefonemas e as visitas que te fiz? Tu já doente, mas sempre pleno de idéias. O texto está excelente; Maria Helena revisou-o. E a emoção foi grande, pois tua última letra foi para nossa Revista.

Nela ainda constam as mensagens de nossa Sociedade, pelo Mabilde, e do Instituto, pelo Cláudio, pois em ambas as instituições imprimiste a tua marca; jamais faltavas, opinando, apoiando, votando, ressaltando sempre as qualidades de cada um; justo, correto, humano. Agora, teu lugar está vazio.

Mas precisamos continuar, para seguirmos conosco. Donaldo Schüler comenta tua obra e Meneghini narra tua história, como homem, psicanalista e escritor.

Ao publicarmos Psicanálise, segue nosso tributo: escrevem ainda Antonino Ferro, Edgar Diefenthaler, Jorge Ahumada, Juarez Cruz e, para encerrar, Joel Nogueira revisita Ferenczi.

Este é o número 1 do Vol. III. São 100 anos de psicanálise, teus 87 anos e tua morte que é um estímulo para nossas vidas. Queremos envelhecer como tu, deixarmos um rastro como deixaste, vivermos lúcidos até nossos últimos momentos.

Adeus, amigo, tua vida nos indicou o caminho, tua letra ficou.

**Mauro Gus**  
Editor



Atenção montador

Página 6 é branca





# Editorial a convite







Atenção montador

Página 8 é branca





## Psicanálise e criatividade\*

Nos meios culturais específicos da psicanálise, esse tema relacionado com manifestações estéticas tornou-se, nas últimas décadas, um dos mais sedutores. A ele periodicamente voltam analistas conhecedores de arte e literatura ou críticos versados em psicanálise. Os estímulos para essas especulações, quer se originem na vertente analítica ou na literária, são fundamentalmente os mesmos: o enigma que a personalidade do artista representa pela sua sagacidade inventiva no plano estético e que o singulariza na sociedade; a esperança de que a visão em profundidade da psicanálise ilumine esse abismo. Portanto estamos diante de um enigma e de uma esperança.

Os mestres intuitivos da psicologia – filósofos, escritores, poetas, artistas em geral – vêm dizendo verdades sobre a natureza profunda da imaginação criadora desde os tempos da tradição clássica. Assim, não é difícil perceber quanto a mitologia, a literatura e a filosofia do ocidente estão impregnadas desses conceitos, explícita ou implicitamente. Alguns deles, formulados sentenciosamente, sabêmo-los de cor desde as primeiras leituras propriamente culturais, aquelas que fizemos com um enlevo e um fervor bem diferentes do simples interesse pelo fio e o fim da história. Assim, aprendemos com Platão que “a arte é a sublimação da verdade”. Aprendemos? Decoramos, ao primeiro impacto, na adolescência, porque nos soa bonito o pensamento. Por que bonito? Pela mensagem tranqüilizante que as sentenças levam ao ego dos jovens, contribuindo de certa forma para a contenção de seus limites dentro de dimensões animicamente confortáveis. Teriam contribuído outras dimensões menos devassáveis? Por certo, sucessivas gerações captaram poeticamente a simbologia desse conceito, enriquecendo-se com suas sugestões, explorando, em múltiplas variantes, sua elasticidade teórica. No entanto, a densidade do seu conteúdo psicológico latente só foi possível desvendar, na amplitude de sua fecundidade, quase dois mil e quatrocentos anos depois que os lábios do filósofo a proferiram. E quando teria ocorrido essa compreensão que bem merece foros de científica? Ocorreu quando tivemos meios de penetrar no mundo da fantasia inconsciente. Por certo, a técnica da investigação psicológica criada por Freud acrescentou uma nova dimensão às ciências do homem: o dinamismo do psiquismo inconsciente. Na história da evolução cultural, esse fato adquiriu um significado de elo essencial na seriação das idéias, passando a figurar destacadamente entre as realidades conceituais da nossa época.

\* O presente texto retoma algumas das idéias expostas no ensaio “A criação artística” (*In*: MARTINS, C. *O Mundo em que vivemos*. Porto Alegre, Movimento, 1983, p.31-58).





Quando se fala em criatividade, no consenso do público leitor culto, a primeira imagem que se impõe, porque reveste logo uma catexis de imagem ideal, é a da criação artística, em particular a da ficção literária. Com efeito, em nenhum gênero de atividade criadora do espírito experimentamos a mesma ilusão de vida que nos dá uma novela bem lograda, através de seu conteúdo documental, de suas virtualidades de estilo, de suas glosas existenciais. É que em nenhum outro gênero de criatividade sentimos o homem, com suas verdades eternas, tão perto de nós. Parece-me que na ficção literária o autor se dá muito mais, no sentido da verdade científica, porque projeta suas múltiplas facetas nos vários personagens, que nos empolgam porque passam a circular no mundo imaginário próprio do autor, como ilustrações da realidade, num jogo permanente da polivalência dos símbolos.

Mas o tema é psicanálise e criatividade, abordado do ponto de vista da psicologia profunda, logicamente. Abrange, portanto, muito mais do que o setor literário. Refere-se às artes em geral e à produção intelectual de idéias novas.

Anteriormente às contribuições da psicanálise, as posições críticas em face da literatura, da arte em geral e das ideologias situavam-se, de modo predominante, em torno dos recursos de estilo, das correntes de influência em quaisquer desses campos, das dimensões sociais da obra, da biografia e das experiências culturais do autor. A crítica tradicional sempre andou mais em busca das verdades gerais que das individuais, mais preocupada com a imagem social do autor do que com as verdadeiras motivações que o levaram a gerar e configurar expressões de criatividade. E realmente não estava preparada para enfrentar a face oculta que dá o tom de mistério e sedução à criação. Esse tipo de investigação se iniciaria com a psicanálise aplicada. Por outro lado, convém ressaltar que escapam ao interesse imediato e à competência da psicanálise o exame dos artifícios da técnica artística e das conotações abstratas dos ideólogos.

Quando nos aproximamos dessas matérias, como agora, na qualidade de psicanalistas, a primeira questão que nos ocorre é esta: o que pretendemos com tal abordagem? Achar as vertentes da vocação, as verdadeiras origens, as bases mais distantes, no indivíduo, na espécie, dos dons da criatividade do homem? A psicanálise, como “ciência do anímico inconsciente”, traz sua contribuição sem considerar esgotado o assunto.

É verdade que nessa investigação utilizamos um instrumento de trabalho que já cooperou decisivamente para desvendar segredos dos sonhos, das neuroses, dos mitos. Portanto, foi partindo dessa poderosa base, de suma transcendência na evolução cultural do homem, que os discípulos de Freud, seguindo seu exemplo pioneiro, se aventuraram a interpretar o simbolismo das imagens e das palavras que, projetadas, tecem a criação mental. E foi assim que, começando pela dessacralização dos





mitos, a psicanálise chegou às motivações inconscientes da ilusão estética.

A essência de nosso tema refere-se à dinâmica da faculdade criadora, espécie de disposição operante, elo superior de uma constelação de processos psicológicos, atuantes tanto no pensamento científico quanto na criação artística. No primeiro, é muito mais severo o controle do ego; na segunda, são incomparavelmente mais livres as flutuações de sentido e colorido emocional da linguagem.

Entre esses processos psicológicos sobressaem os de nível pré-consciente. Com fundamento nessa convicção, afirma-se que a criatividade se relaciona com a aptidão para o exercício, o mais espontaneamente possível, das funções pré-conscientes, por meio do fluxo de associações livres. Efetivamente, fantasia inconsciente, imaginação e função simbólica, ao se harmonizarem numa coexistência de sentidos, incitam o psiquismo a elaborar idéias, configurar imagens, construir obras.

Omitindo interrogações filosóficas, finalizações metafísicas e a problemática perturbadora das ideologias, limito-me a abordar aqui aspectos da atividade psíquica em que estiver presente o processo estético.

Até onde conceitos diretivos – construções teóricas, sem dúvida – ajudarão na pesquisa da motivação inconsciente da criação artística? Como marcos teóricos referenciais, auxiliarão na investigação de fantasias básicas, que agiram subjacentemente no sentido criador, influenciando a atividade sensório-motora no campo específico de cada artista. Começando pela última fase da metamorfose sofrida pela fantasia inconsciente na sua elaboração integrativa, a dos atos sublimatórios, imprimimos logo, nessa análise, uma determinada ordem significativa nas representações manifestas, reconhecidas como tentativas de estabelecer vínculos de objeto. E daí deveremos seguir, tomando a direção oposta, o devir projetivo das imagens, visando a atingir as fontes genéticas e inarticuladas do processo criador. A análise abissal encontrará nesse caos desejos informes de restauração e recriação, que posteriormente servirão de apoio à sublimação e à criatividade.

Na clínica psicanalítica não procedemos de modo diferente quando interpretamos um sonho ou um sintoma neurótico, ao reduzirmos o conteúdo manifesto a latente. Nessas investidas pelos mundos próprios do artista, a psicanálise sempre se valeu da forma e do conteúdo da obra, da biografia do autor e, como bússola indispensável, de seu próprio esquema conceitual. Essa aproximação se torna possível graças à identificação projetiva com o autor. De tal modo, o investigador psicanalítico ou o crítico literário se deixam inundar pelas ressonâncias contratransferenciais em relação à obra e ao autor. E aos leitores ou espectadores comuns, por efeito de identificação projetiva ou introjetiva, a mensagem do autor chega como uma oferta de intimidade, que lhe proporciona a elaboração de suas próprias fantasias subjacentes, fenômeno esse que se traduz nas surpresas, nos achados da leitura, acompanhados duma sensação de





bem-estar, de compensação do esforço. Em termos estruturais, pode-se dizer que o leitor ou espectador atingiu um equilíbrio de certos setores inconscientes do ego, bem como do superego e do ideal do ego. Mas às vezes os componentes agressivos sobrepujam o nível compensatório da ficção novelística ou da criação plástica ou musical, provocando no leitor, no espectador ou no ouvinte um sentimento de desconforto, que se exterioriza, não raro, numa inibição da compreensão, que é uma forma de rejeição.

Provavelmente não exista uma definição integral do ato criador, esse flagrante vibrátil da transfiguração do pensamento poético em obra de arte ou da especulação em conceito. Talvez seja improfícua a pesquisa formal dessa definição. Evitando cogitações filosóficas e eludindo, tanto quanto possível, por meio de um critério objetivo de pensamento, as tendências regressivas que limitam o ego diante das grandes questões, talvez se possa levantar uma hipótese. A fabulação, que no futuro se multiplicaria nas diversidades das formas de arte hoje conhecidas, se transformou numa contingência imprescindível à sobrevivência da espécie, desde que o homem experimentou o primeiro medo, o primeiro ódio, o primeiro sentimento de culpa e logo o primeiro impulso de reparação.

O ato de criação artística requer uma certa predisposição, que é a dimensão poética do espírito. Esse acesso às emoções que comandam sua vida interior põe o artista de frente ao outro *si mesmo*, assim como a associação livre do paciente e a atenção flutuante do psicanalista, colaborando, produzem o *insight* na situação analítica. Por isso o ato de criar é concomitantemente recriação. Na situação analítica, como é próprio da técnica do ofício, atualizam-se maneiras arcaicas de simbolização através da transferência, como base de partida para a cura. Na operação intelectual criadora, sob a provocação dos motivos imediatos mais aparentes, recria-se num enlevo de cisma, *sublima-se*, conjurando o passado oculto em áreas menos racionais do psiquismo, com propósitos que reúnem o desejo de restaurar e a necessidade de gratificações da libido. Essa, a razão de ser a experiência criadora um ato unificador por excelência, uma tentativa de integração dos objetos introjetados. A obra de Proust representa, possivelmente, na literatura deste século, o exemplo mais bem logrado dessa asserção. Esse esforço de integração do ego é animado pelo ideal de reparação e intento de domínio da angústia emergente, com raízes na posição depressiva. Por essa razão, os homens sempre procuraram, instintivamente, na magia da arte, o seu poder de cura.

**Cyro Martins**

Porto Alegre, novembro de 1995.





# Palavra do Presidente

É-me muito gratificante assumir a Presidência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre no ano em que a Psicanálise comemora cem anos de existência e comprovar o seu notável desenvolvimento ao longo do tempo aludido. Mesmo sob a pressão da assim denominada “década do cérebro”, a qual parece pretender sepultar a Psicanálise, esta, no entanto, segue forte, vigorosa e capaz de beneficiar e influenciar um enorme número de pessoas em todo o mundo. Nós, os Psicanalistas, somos, hoje, mais numerosos e continuamos nos aperfeiçoando para melhor entendermos nossos pacientes. Além de sólida, de efetiva, a Psicanálise é, tanto para o analista quanto para o analisando, fascinante em face de sua natureza revolucionária e libertadora. Talvez por isso, seja tão combatida.

A história da Psicanálise mostra todo o colorido de sua luta, progressos e dificuldades. Orgulhamo-nos de fazer parte da sua história e da descendência de Freud.

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, é claro, também possui sua destacada trajetória, nada comum para uma Sociedade tão distante da Europa, Estados Unidos e mesmo do centro de nosso país. Ainda assim, já se passaram mais de trinta anos desde sua oficialização como componente da IPA, todos eles vividos com muita intensidade científica, acadêmica e institucional, graças ao trabalho e à dedicação de muitas pessoas através de afazeres diversos como dirigentes, professores, alunos, membros, funcionários, etc. Sim, temos nossos heróis, a começar pelos fundadores da nossa Sociedade, aqueles quatro analistas exigidos pela IPA para primeiro tornar possível a criação do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, em 1956, e, depois, a Sociedade propriamente dita, em 1963. Mário Martins, José Lemmert, Celestino Prunes e Cyro Martins sempre serão lembrados por tudo o que fizeram e representam junto a todos nós.

Minha homenagem especial a Cyro Martins, há pouco falecido, com seus oitenta e sete anos de vida plena de atividades. Cyro era um bravo, era estóico e excelente colega. Transmitiu sempre uma contagiante simpatia, além de parecer acreditar, acima de tudo, no poder da vida, no papel das instituições e na capacidade de superação, de entendimento e progresso do homem. Sempre disposto e versátil, foi Psicanalista e Escritor, além de ter exercido todos os cargos nas instituições em que militou.

Na nossa Sociedade, sua última atividade oficial foi a de Conselheiro na gestão presidida por Luiz Carlos Meneghini, da qual eu também fazia parte como Tesoureiro. Cyro esteve sempre presente, ativo e foi marcante a sua participação durante todo o período de tantos acontecimentos.





#### Palavra do Presidente

---

Aliás, foi por iniciativa e persistência de Luiz Carlos Meneghini que hoje, ao escrever esta mensagem, tenho mais uma grande satisfação: a Revista de Psicanálise da SPPA. Enquanto alguns de nós relutávamos com a idéia da criação da Revista, preocupados com os altos custos, Meneghini insistia, insistia... Sorte nossa, sorte da Sociedade, que acabamos convencidos com os seus argumentos.

A razão de ser de uma Sociedade científica é a promoção, a formação, a divulgação e a documentação da cientificidade a que se dedica. Fazia-nos falta uma Revista da qualidade e seriedade que Mauro Gus, Joel Nogueira, e todos os demais integrantes do corpo operacional da Revista, souberam produzir. Desde o seu primeiro número sente-se isso. Não só nossa produção científica agora fica publicada, como também temos a oportunidade de ler autores estrangeiros consagrados, em artigos recém escritos.

Para finalizar, reafirmo minha disposição e a de meus colegas de Diretoria de trabalharmos com seriedade e determinação no cumprimento de nosso Plano de Gestão, bem como renovo minha confiança nos desígnios da nossa Sociedade, relativos a seu papel humanístico e científico da maior importância.

Conto com todos  
Um abraço

**Luiz Carlos Mabilde**  
Presidente da SPPA





# Mensagem do Instituto

---







Atenção montador

Página 16 é branca





## Cyro Martins, professor\*

“Enquanto as águas correm” muitas vezes andamos “sem rumo” “campo fora”, em busca de alguma “mensagem errante”. Muitas vezes, encontramos apenas uma “porteira fechada”. E saímos à procura de uma “estrada nova”, que nos conduza a algum lugar onde sintamos a “paz nos campos”. As vezes, a partir de uma “entrevista”, abrem-se a nossa frente “as perspectivas do humanismo psicanalítico”. E, em meio ao verdadeiro “rodeio” em que a vida pode se transformar, podemos nos beneficiar de uma “orientação educacional” e duma “profilaxia mental”. A trajetória de muitos de nós pode se resumir nos “caminhos” que levam “do mito à verdade científica”.

Tal foi o que aconteceu com um antigo rapaz de 20 anos, como diria Drummond, ao deparar-se com a conferência, sob esse último título, proferida por Cyro Martins na Faculdade de Direito de Porto Alegre, em 15 de outubro de 1956, e publicada na Revista da AMRIGS, que teve o efeito de revelar um novo panorama e sugerir o caminho profissional a ser seguido. Quantos não terão tido a mesma influência? Quantos não terão passado por esse consultório, individualmente ou em grupo? Quantos não terão ouvido as incontáveis conferências, painéis, entrevistas, apresentações de trabalhos científicos? E quantos não terão lido, relido e se confortado nos numerosos livros, artigos e entrevistas? E quantos não se alimentaram nas aulas, seminários, reuniões científicas e administrativas dessa mescla de cordialidade, experiência, cultura, bom senso e benevolente ironia que caracterizava a personalidade de Cyro Martins, cheia de energia e capacidade de viver e trabalhar?

Fixo-me neste livro e nesta conferência específica, não só pela influência que teve sobre mim, mas porque penso que é uma síntese de sua trajetória humana e científica. Nele encontramos o escritor, o médico, o psiquiatra e o psicanalista. Na maneira de formular os títulos, e nos próprios assuntos escolhidos temos essa evidência: “avidez e repetição”, “um gordo de Dickens”, “ontogenia do psiquismo”, “24 horas na vida de um masoquista”, ou, mais tarde, “juventude sem métrica e sem rima”, ou ainda sua surpresa, ao não encontrar, em algum lugar do Instituto de Cardiologia, onde fora falar sobre a ética médica, a frase famosa de Raul Pompéia: “O coração é o pêndulo universal dos ritmos”.

Essa “mescla milagrosa”, de que nos fala Discepolo no tango “Cafetin de Buenos Aires”, cidade em que Cyro conquistou seu “talismã psicanalítico”, como ele mesmo diria, lembra de imediato as palavras de um analista insigne, Donald Meltzer

\* Texto baseado na saudação proferida, em nome da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, por ocasião dos 84 anos do Dr. Cyro Martins.





Cláudio Laks Eizirik

(1968), ao falar psicanálise como atividade humana: “o objetivo é a estabilidade e o segredo é a simplicidade, mas sugiro que o princípio guia é uma tensão equilibrada e próxima ao limite. Só dentro de um marco de trabalho com uma tensão equilibrada pode surgir a misteriosa função da criatividade, que por si só faz com que um analista tenha um lugar numa sociedade científica de seus iguais”. A criatividade foi explorada e investigada por Cyro Martins, e por ele exercida em toda a sua plenitude.

Entre as razões por que o admirávamos, estava o fato de que Cyro foi um constante e incansável professor: de Medicina, de Psiquiatria, de Psicologia, de Psicanálise, de saúde mental. Professor sem cátedra, sem título, sem salário, sem curso formal ao magistério universitário, mas vencendo galhardamente os sucessivos passos de sua carreira brilhante e mantendo-se sempre atento, ativo, participante, inquieto.

A partir de 1960, foi professor do Instituto de Psicanálise da SPPA, coordenando seminários teóricos de quase todas as matérias e supervisões coletivas. Recordo vívidamente sua maneira de abordar o material clínico, ilustrando a interpretação de um sonho com um gesto longo e uma gostosa expressão gauchesca, o que fazia os alunos sorrirem, ao mesmo tempo que fixavam com nitidez o simbolismo subjacente. Mesmo depois de ter-se afastado da atividade regular dos seminários, em meados da década de 80, Cyro continuou a participar das atividades do Instituto, analisando candidatos, supervisionando casos, realizando entrevista de seleção, enfim, contribuindo com sua presença muitas vezes silenciosa, mas sempre disponível e pronta para uma intervenção oportuna e de irrecusável bom senso. Ouvir suas opiniões na Comissão de Ensino do Instituto de Psicanálise era presenciar a reafirmação desse contínuo exercício do magistério, agora depurado de formalidades, com aquela capacidade de ir direto ao cerne de uma questão que se observa nos velhos sádios em que a experiência e o conhecimento da natureza humana dão origem à sabedoria.

Já é parte de nossa história a forma como ocorreu a formatura de Cyro e de Mário Martins, assim descrita por ele, em 1993: “... sobreveio a clássica disputa entre a casaca e o linho branco. Houve pleito renhido. Venceu o linho branco. Para Mário e para mim pouco importava a preferência da turma por este ou aquele traje para a cerimônia solene. Total, contávamos mesmo era com nosso terninho puído, já cansado de guerra. Assim, não por modéstia nem por birra contra os colegas, com os quais nos dávamos muito bem, mas por absoluta necessidade, colamos grau na Secretaria da Faculdade. Presentes: os dois formandos e o diretor, o velho Sarmento. Acho que o juramento hipocrático foi rabonado, porque o ato foi brevíssimo. Descemos a escadaria da Faculdade, caminhamos cem metros juntos, nos despedimos e cada um agarrou seu rumo”. Esse momento, e os sucessivos encontros entre os dois colegas, nos anos seguintes, foram plasmando o caráter de nossa Sociedade. Mas o detalhe

18 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996





Cyro Martins, professor

que quero destacar é que, revendo o Arquivo de Atas da Faculdade de Medicina da UFRGS, encontrei uma correção a essa lembrança de Cyro: não só o juramento hipocrático foi feito por cada um, como ainda Sarmento Leite concluiu a cerimônia com as palavras que então eram usadas: “Ide. Podeis exercer e ensinar a Medicina”. É possível que essa recomendação final, de alguma forma, tenha-se gravado na mente dos dois amigos. Ambos não só exerceram, mas ensinaram com toda a generosidade que lhes era peculiar. Cyro, em particular, difundiu a psicanálise com graça, simplicidade e permanente fidelidade ao pensamento freudiano. Nesse trabalho lento, longo e paciente, nessa incansável exposição dos temas psicanalíticos, era o professor em ação, procurando compartilhar as descobertas que o haviam encantado como jovem médico e que nunca cessaram de receber seu afetuoso reconhecimento. O período final de sua vida foi também conduzido com a mesma dignidade e altivez, sua última lição. Lembrando-o agora, em tantas situações e momentos, em conversas privadas no seu gabinete forrado de livros, ou em encontros sociais ou institucionais, penso na primeira vez que o vi: foi no Salão Nobre da antiga Faculdade de Medicina, no velório de Paulo Guedes (em fevereiro de 1969), Cyro proferiu a oração fúnebre, concluindo-a com uma frase que hoje me parece sintetizar os sentimentos dos que fomos seus alunos, colegas e amigos: “Glória a ti, Cyro Martins, que soubeste viver”. □

**Cláudio Laks Eizirik**  
Diretor do Instituto de  
Psicanálise da SPPA



Atenção montador

Página 20 é branca





# A violência na obra de Cyro Martins

Donaldo Schüler\*, Porto Alegre

*O autor examina a violência como motivo literário na ficção de Cyro Martins, psicanalista e ficcionista recentemente falecido. Fazendo diferença entre violência e poder, o autor considera essa como o conjunto de atos negativos que ocorrem à margem das normas que encorajam a convivência humana. Como autor realista, Cyro Martins mostra a maneira como agem personagens violentas. Omitindo opinião pessoal sobre o que acontece, o romancista convida o leitor a julgar por si mesmo. Em seus livros teóricos, Cyro Martins confirma o que se lê em sua produção ficcional. Subordina todas as tendências negativas, tais como desejos belicosos, inveja e ciúme, à pulsão de morte. A “explosão verbal” praticada pelos meios de comunicação de massa pertence à violência. Tarefa da arte literária é devolver à palavra o poder que a publicidade lhe tirou.*

---

\* Professor Titular do Instituto de Letras da UFRGS, aposentado.





Donaldo Schüler

Antes Cyro Martins conversava conosco. Sua obra literária veio crescendo a ritmo regular desde 1934. Modificações mais ou menos significativas de um livro a outro não permitiam fazer prognósticos. Agora que a obra do autor está concluída, cabe a nós conversar com ele. Seus textos responderão ao nível das nossas indagações. Por que inquiri-los sobre violência? Obras literárias se atualizam à medida que ressoam tocadas por inquietações de quem as lê. Violência, onde buscá-la? Em Nova Iorque, Tóquio, Paris ou no Rio de Janeiro? Ela não é privilégio de ninguém. Sentimo-la universal como a morte. Por que não solicitar a participação de Cyro Martins? Seus livros poderão revelar que o Rio Grande do Sul não o seduziu apenas com sua fisionomia local. O ficcionista elegeu o torrão natal para iluminar questões que repercutem em espaços bem mais amplos. Rubem Fonseca é agora a manifestação mais fulgurante da literatura violenta. Entretanto, a releitura do que se produziu no Brasil confere à violência abrangência maior do que tolera nossa pretendida cordialidade.

Violência, como entendê-la? O confronto de exércitos, obedecidas as regras acordadas, não caracteriza violência; entra em exercício o choque calculado de forças. A violência é covarde. Nega à vítima direito de defesa. Prolifera à margem de normas que favorecem a convivência. Destrói sem abrir perspectivas à regeneração. Esconde-se, porque, interrogada, não saberá justificar os atos. Distinga-se violência e poder. O poder, pensa Hannah Arendt (COSTA, 1984, p. 48), é gerado pelo acordo. Quando alguém atua em nome de um grupo, exerce poder. O poder é coercitivo quando submete insubordinados à ordem. Quem usurpa o poder exerce violência. A violência opera de muitas maneiras: através do discurso autoritário, com o uso dos músculos, munida de instrumentos, amparada por armas. A violência agride o poder, chega a reprimi-lo.

A confraternização generalizada ainda freqüente o imaginário de ensaístas sul-rio-grandenses em fins da década de trinta. Àquela época, na visão de Severino de Sá Brito, as campinas do Sul constituem um cadinho de convivência harmoniosa. Pensa o autor que as guerras democratizam os povos. As campanhas militares que desde as origens da ocupação do território castigavam os empreendimentos pastoris teriam contribuído para amenizar as distinções classiais, teriam promovido a bondade acolhedora, o auxílio mútuo, o progresso...

A ficção de Cyro Martins perturba esse quadro glorioso. *Sem rumo* (1937) não é título que anuncie decisões bem-sucedidas. A violência, já no primeiro capítulo do romance, mais vista do que comentada, desponta no trabalho cansativo do burro que, obediente ao assobio de um menino, Chiru, move o moinho. Trabalho marcado pela rotina e pela dor. No lento rodar do engenho, o tempo, veloz nas regiões que seguiram o caminho da industrialização, congelou. Aqui, o passar dos anos não altera os métodos de trabalho. Aqui, preso aos hábitos de sempre, o homem deteve a história. O





movimento circular do animal, que a cada giro avoluma o barro em que se afundam os cascos, assinala um tempo fechado, imobilizante, sem rumo. Visão de outra forma de existência não há. A lide rotineira sabe ser violenta na inércia.

Se em outros momentos o trabalho acontece em tom de festa, aqui, as tarefas solitariamente executadas expõem resignação e tristeza que, afetando homens, animais, paisagem, sobem até as nuvens que navegam preguiçosamente pelo céu.

Longe estamos do canto triunfal que abre poemas antigos à maneira da *Teogonia* de Hesíodo. Lá a comunidade dança e canta para vitoriar o triunfo sobre forças hostis, êxito de deuses em que os altos empreendimentos do homem se refletem. Poderíamos lembrar ainda o hino à natureza corporificada em Vênus na epopéia latina, *A natureza das coisas*, de Lucrécio. Se passarmos ao portal dos tempos modernos, ouviremos os versos sonoros de Camões em exaltada celebração do homem que se impôs aos mares. No Brasil, José de Alencar, embora destaque as feridas da terra conquistada, abrindo o romance *Iracema*, saúda deslumbrado os verdes mares braviosos.

A festa não estava ausente do trabalho campeiro. O romancista declara-se participante, em *Para início de conversa* (1990, p. 12), de atividades que beiravam o divertimento: parar rodeio, apartar bois, marcar, domar, tropear, esquilhar. *Sem rumo* afasta-se, entretanto, dessa tradição. Em lugar do canto, vemos um menino, molemente encostado numa parede, acompanhar um trabalho enfadonho, e o corpo inerte de uma ave abatida.

Nesse mundo sem deuses, hábitos e linguagem recolhem-se ao mistério. Chiru, ignorando a razão de se considerar o pica-pau uma ave agourenta e não sabendo porque “pedra atirada à toa, é pedra na mão do diabo”, move-se em ambiente opressivo, carente de explicação até para as coisas do dia a dia. A palavra, que já foi o lugar em que o sentido se desvenda, obscurece o que lhe competeria organizar.

A existência sem rumo é regida por leis a que o protagonista não ascende. Chiru espanta-se ao constatar a morte do pica-pau, derrubado por sua própria mão, contrariando inclinações suas coerentemente cultivadas. Percebendo-se num mundo de mistérios indecifráveis, seus próprios atos desfilam velados. Examinando o pica-pau moribundo, vê nos olhos da ave já sem vida a própria cara, e o mistério se adensa. A morte não lhe aparece abstrata, nem em palavras enigmáticas. Ela comparece concreta, agonizante no corpo de um pássaro. Morte que poderia ser a sua própria. Que diferença há entre a morte de uma ave e a morte de um homem? A inércia é a mesma, pressentida também no trabalho sem futuro. O golpe que abateu o pássaro poderia ter atingido a própria cabeça. Por que não? Tudo pode acontecer num mundo de que se ignoram os princípios.

De fenômeno universal, a morte se converte em drama pessoal na mente do







Donaldo Schüler

menino. Chiru sente no pássaro ferido a sua própria morte antecipada. Como remetê-la à abstração do calendário, se ele assiste, sem mediação discursiva, à extinção da vida? Tendo-a conhecido objetivamente e à distância, apalpa-a agora, assustadoramente próxima. Sem acesso a saber teórico, o menino apalpa a morte no corriqueiro das lides diárias. O sentido biológico e ecológico da morte não é no momento o mais relevante. O pica-pau moribundo não é mais que o espelho de um menino maltratado, sem futuro, posto à margem. A morte que, nas tarefas campeiras, não se mantinha alheia às experiências do menino, fere-o agora como um coice de mula. À luz da morte, delineiam-se os mistérios da vida.

Visto que os signos literários concentram camadas sobrepostas, não está fora de propósito ver o gesto do menino acrescido da revolta contra a opressão governista (Os legalistas receberam a alcunha de pica-paus na revolução de 1893). Se, de acordo com a doutrina positivista, somos cada vez mais governados pelos mortos, o menino sente, ao contrário, o governo dos mortos e de seus descendentes como opressão.

A abertura resume o romance. O deslocamento no espaço não muda a sorte dos marginalizados. O resultado das eleições, que deveriam exprimir a vontade popular, é predeterminado pela minoria privilegiada. Já no fim do romance, Chiru, para quem o mundo sempre foi enigmático, pergunta: “Em quem foi que eu votei mesmo?” Os senhores privam os humildes do exercício da palavra, de direitos do cidadão.

O desamparo de agentes divinos e a morte inútil já freqüenta o conto “Sem rumo”, inserido na coletânea de contos *Campo fora* (1934), livro de estréia. Aqui, vítima da pedrada é uma coruja, e protagonista é um menino chamado Nilo à procura de uma vaca perdida. Findas buscas inúteis, o infeliz volta para casa anunciando o insucesso. Ameaçado de relho pela mãe, parte ao acaso, para reiniciar, já na boca da noite, trabalhos que lembram os de Sísifo. Baldado muito esforço, segue obediente ao conselho de uma alma pia. Seguindo-lhe as instruções, Nilo oferece o naco de fumo ao Negrinho do Pastoreio, gênio protetor dos injustiçados, sem que o ato de fé melhore a sorte. O conto concentra, em economia exemplar, violência, andar desnor-teado, desmoronamento da piedade, estagnação. O retorno saudoso ao passado não sanciona regresso ao paraíso. Estabelecida está a problemática que alimentará a ficção de Cyro Martins.

Em *Um menino vai para o colégio* (1942), a violência migra dos humildes para a classe senhorial, sem retoques. Obedecendo a um processo especular, incorporado à arte de escrever do autor, o primeiro capítulo do livro reflete a abertura de *Sem rumo*. Agora, quem maltrata gratuitamente os animais é Carlos, filho do estancieiro Afonso, e a vítima dos atos desatinados é o cachorro Carranca, morto por revidar às agressões de Carlos. O latifundiário, cioso de sua autoridade, comanda a fazenda com procedimentos de senhor feudal, degradando a esposa ao papel de uma persona-





gem sem idéias, sem voz, sofredora, a derramar no choro a revolta reprimida. A opressão não se altera no internato da capital onde Carlos é matriculado para realizar os estudos que o deverão levar à formação superior. O padre é na escola o que o estancieiro foi no campo. A religião, interpretada como opressão, provoca indiferença, deboche. Na cena política, reflexo da estância e da escola, atua o ditador, agente que estimula a insurreição.

Na atmosfera de *Sem rumo*, Carlos, instruído pelo pai, assimila-lhe a ideologia, consagrando, com suas ambições de glória, a imponência dos antepassados. A revolução, apaixonadamente anunciada, se exitosa, substituirá os mandantes, sem alterar a estrutura. A narrativa, cronologicamente conduzida, alterna cenários, num espaço em que as rodas da história não se movem.

Em *Porteira fechada* (1944), comprimem-se os horizontes, já exíguos em *Sem rumo*. A ação se imobiliza em torno de João Guedes, arrendatário expulso do campo pelo avanço do latifúndio, ladrão por desespero, condenado, preso, humilhado até o suicídio. Se é humilhante ser preso, intolerável se torna sofrer as agruras da reclusão pelo crime de se lutar desesperadamente para sobreviver, sem esperança nenhuma de êxito. Por que continuar vivo, perdidos todos os valores? Em torno da morte de João Guedes, em nada singular, acontecem enforcamento, tentativa de enforcamento, embriaguez, perda de prestígio, evasão de poder, estagnação. Políticos, cadáveres vivos, vagam no cortejo dos que são conduzidos ao campo santo. A mosca que no início do romance passeia pelo nariz do coronel Fagundes, bodegueiro falido, com displicências de um inseto à superfície de um corpo inerte, prenuncia a morte que imobiliza a ação do romance. Marcada pela morte, a narração se prolonga em tom de velório. Enfática é a oposição a fanfarronadas de exaltação épica. A morte não esplende no fim para coroar a ação gloriosa. Percebida na ação de todos os dias, a morte corrói lentamente as seguranças. Vemo-la avançar implacavelmente como uma doença indomável. A fatalidade que abate os protagonistas desagrega famílias, privadas do esteio que deveria garantir-lhes estabilidade. As pausas que abrem buracos de silêncio no percurso da conversa já se alargam como prenúncios da imobilidade sepulcral. Mortes como a de Bento, que se suspende a uma árvore depois de perder a terra, só espantam individualizadas. Inserida no conjunto, espelha-se em cada morte a enfermidade global. A morte, vista sempre em representações concretas (um caixão, um velório, uma corda amarrada a um galho de árvore...), que reações provocará em refregas internas, invisíveis? Por esses caminhos o romance não avança, sendo-lhe alheia em geral a análise de paixões. Conflitos só emergem quando sensorialmente percebidos. A atenção, concentrada no visível, tampouco investiga esperanças que não se apalpam.

Cenário é o espaço de saudade, prenúncio da morte, aglomerado de excluídos





Donaldo Schüler

das pastagens fartas e férteis, exclusão não compensada pela reintegração afetiva que aconteceria na vigência da fraternidade. A visão do autor destaca-se da dos causadores do drama. Estes, com o auxílio da polícia combatem a pobreza, matando o pobre. Embriaguez, roubo e morte na pequena sociedade segregada são efeito de atos injustos praticados por quem detém o poder. Recorre-se à ação policial para tratar chagas sociais. Empurrados para a periferia com o objetivo de purificar o lugar em que residem os aquinhoados, os núcleos pobres se igualam topicamente aos cemitérios. A atmosfera de morte é a mesma. Se o homem, como pensa o autor, traça o seu próprio destino, essa posição deve ser entendida no conjunto das ações coletivas. A pobreza, excedendo as decisões individuais, age com força devastadora, aniquilando respeito, lealdade, honestidade. Nada resiste às forças que negam a vida num mundo desamparado de racionalidade. O homem, declarado mestre da natureza em outros tempos, não é mais senhor nem dos seus próprios atos.

O último capítulo rompe a unidade homem-natureza insistentemente cultivada pela literatura romântica. Só bois pastam nos campos férteis que outrora alimentavam homens. Ranchos vazios assinalam a passagem dos que outrora aí viveram e sonharam. A paz dos campos é a paz da morte, morte em que a vida não se regenera. O paraíso existe mas tranca a porteira aos excluídos, que se arrastam por caminhos inóspitos sem saberem que culpa os desgraçou. Os autores do expurgo, sedentos de eternidade, ampliam sem limites as propriedades, veneram a tradição que lhes lustra a imagem e o nome. Segregados e confinados em outras épocas e outros lugares são os leprosos, os loucos, os criminosos, os velhos. Aqui, os construtores de paraísos se livram dos pobres que eles mesmos empobreceram. Rompida a unidade social, a natureza só floresce em benefício de alguns, nem sempre os melhores. No mundo sem deuses, estiolou-se também a religiosidade que venerava a terra, generosa e justa. Tão grave como a agressão externa são as divisões internas. A falta de solidariedade dos oprimidos não aponta remédio para o combate às mazelas.

O conflito armado e a injustiça social que àquela época semeiam a morte em todos os continentes despertam aqui essa voz desesperada sem que se anuncie a aurora da luta por melhores condições de vida. A tradição épica, sempre atenta ao inimigo externo, vendava os olhos para a opressão exercida de uns sobre os outros nos campos defendidos ao toque das cornetas.

Em *Estrada nova* (1954), tradição e novos tempos se confrontam. A tradição é preservada numa fala congelada, anônima, eterna, a sabedoria dos provérbios. Estes, porque não se lhes conhece enunciador, arrogam autoridade inquestionada, divina, eterna. E são muitos: “Hay que bailar conforme o toque”, “alegria de pobre dura pouco”, “pensa-se no burro e aparecem as orelhas”... O provérbio, usurpando o respeito devido ao texto sagrado, inibe crítica, impõe silêncio, solicita submissão res-





peitosa, assegurando que as coisas são como são. Embora injusto, o mundo será o que sempre foi, sustentado por fatalidade cega, dominante nos textos já examinados.

Contra a fixidez apregoada pelos provérbios, instalam-se modificações materiais: o capital, a luz elétrica, a ferrovia. Resistem tradicionalistas, empenhados em eternizar o que no seu entender sempre foi. Inatentas a precauções sentidas ou pensadas, alterações materiais agredem princípios e métodos de trabalho impostos pelo culto ao passado. Na década de cinquenta, época em que o romance aparece, o desenvolvimento geral do país sacode até os bolsões mais resistentes a modificações. Já não se respiram os ares exclusivos da morte do romance anterior.

A tradição, contraditória, expulsa do latifúndio homens especializados nas lides campeiras como o velho Policarpo. Esmagado por forças que não compreende, que outra saída lhe resta senão a morte? A autodestruição que rondou o imaginário do menino Chiru efetua-se no homem vivido, Policarpo. O suicídio não quer ser compreendido como um gesto individual determinado pelo desespero, mas como uma sentença pronunciada por uma cultura estagnada, incapaz de acolher os que lutam em rotas que abram para o futuro. Estas sombras ainda lembram *Porteira fechada*.

A marcha da história acelera, entretanto, o passo, instalada no discurso. Eloqüente é o diálogo entre o velho fazendeiro Teodoro e Ricardo, o jovem contador que, fugindo da ditadura campeira, luta por uma existência mais justa na cidade. No encontro do contador com o fazendeiro chocam-se dois discursos. Ousando falar, o jovem, o condenado ao silêncio pela prepotência do patriarca, único detentor do discurso até aqui, deixa de ser literalmente infante, passando da categoria de não-falante à de falante. Outros jovens, como Carlos de *Um menino vai para o colégio*, reproduziam o discurso dos mandatários. Este jovem, afrontando o discurso dos que detêm o poder, provoca a emergência de pronunciamentos livres. Contra a enfática repetição de fórmulas consagradas, levanta-se a argumentação serena que obriga a refletir. Vencido pela fala do jovem, o coronel é constrangido a reconhecer que já não é suficientemente forte para conter as mudanças. Ao passo que a pretendida democracia rural encobria a opressão, o discurso argumentativo alicerça a sociedade de iguais independentemente de prestígio, linhagem ou posses. Antes, discursos reprimidos pela autoridade rural se perdiam na solidão, como os do mestre-escola Caravaca que berava os seus protestos a um auditório formado de bois, cavalos e carneiros (*Rodeio*, 1976, p. 20). Ricardo, filho de oprimidos, libertando, longe do campo, vozes silenciadas, expõe comedido ao esteio da opressão os seus protestos.

Havia já o sofrimento sem voz de personagens como Chiru e Janguta. O discurso, fugindo, em território urbano, do império dos mandantes, passa a atuar na cena em que homens se confrontam. A violência se encolhe ante o poder do discurso.

Não se festeje, contudo, o triunfo do discurso prematuramente. As contradi-





Donaldo Schüler

ções da história podem amordaçá-lo em lugares em que ele deveria assinalar vitórias no empenho de construir relações sadias, como se vê em *Um sorriso para o destino* (1991). Rufino Delgado mata a esposa acompanhada do amante e, absolvido por defender a honra, se instala no Uruguai, onde se apropria da fazenda de um tio velho e enfermo, vivendo vida confortável e dissoluta. A novela, cuja ação se passa na década de 20, põe em discussão o conceito de revolução. O júri, preso a padrões estabelecidos, mostra-se imaturo para a revolução, termo indevidamente usado para designar conflitos que nada alteram.

Nos tempos em que se tinha como certo o triunfo da justiça (recordem-se as tragédias de Sófocles), a organização cósmica, o destino, se encarregava de punir o infrator quando falhavam as instituições humanas. Face a injustiças humanas, a que tribunais recorrer, entretanto, num mundo desdivinizado? Acompanhamos em *Um sorriso para o destino* o desvirtuamento do discurso no lugar em que ele deveria atuar eficaz. Argumentos eruditamente balofos e jurados enredados por interesses miúdos deixam de tomar a decisão requerida pelo promotor, destinada a mover a história.

O discurso universitário é golpeado no conto que dá título à coletânea. *A entrevista* (1962), em que um professor de direito, o Dr. Augusto do Amaral, espera ansioso a visita de um jovem repórter a quem faria declarações que lhe abririam caminho à candidatura e à câmara. O discurso do professor se caracteriza por arcaísmos e por citações de celebridades que tem o mesmo efeito dos adágios da linguagem popular. O professor cuida em formular frases que não o comprometam e que, embora sonoras, não instruem ninguém. O discurso do tribunal e o da cátedra padecem da mesma enfermidade.

A revolução, a de 1923, anteriormente anunciada, entra em foco, enfim, em *Sombras na correnteza* (1979). Historiadores já haviam observado que esse conflito, contrariando os altos interesses apregoados contra uma ditadura que já se arrastava por muitos lustros, degenerou em confronto armado de facções rivais espalhadas no território conflagrado e reiterou em crueldade a sanguinolenta e desatinada revolução de 1893. A tomada de São João Batista, no início da conflagração, é exemplar. O chefe revolucionário ordena o incêndio de um estabelecimento industrial que empregava centenas de operários. Enquanto os mandantes de ambos os partidos se refugiam no Uruguai, os bois, ameaçados pelo incêndio, avançam sobre a população que ainda há pouco saudava a vinda dos revolucionários. A irracionalidade das ações militares se espelha no ataque cego dos animais apavorados. A tradição guerreira, decantada pelos tradicionalistas, macula-se de atos criminosos e covardes.

Ao arrepeio das palavras que o autor ouvira de um colega, quando jovem, para quem a mulher destes rincões é mais mulher por ser gaúcha, Cyro Martins traça o





quadro pitoresco das viúvas de heróis no fim do conflito, que resistem a novas propostas de matrimônio para não perderem o título de viúvas de heróis. Em lugar da mulher exaltada como livre, Cyro Martins destaca a mulher submissa, estejam os senhores vivos ou mortos.

Sem rumo se apresentam o heroísmo e os afetos.

O sem rumo é duplamente reafirmado em *A dama do saladeiro* (1980). A revolução de 30 que, como ação militar fica aquém dos que sonhavam com atos de grandeza épica, cai melancolicamente na mão de cafajestes. Os que se empenham em reacender a esperança na malograda revolução constitucionalista de 1932 recebem, como prêmio, confusão e desalento, cercados de pobreza. Enquanto isso, a intelectualidade nascente, esquecida das dificuldades da gente que labutava no campo, afanava-se em engrandecer o monarca das coxilhas.

*Gaúchos no obelisco* (1984) desmascara fanfarronadas guerreiras, recordando as contradições que se multiplicam no complicado enredo da vida pública. Antigos ditadores se alistam em exércitos de libertação; paladinos da liberdade instalam-se opressivos no poder. Governada pela estrutura opressão/ reação, a história não progride. O que se busca? Em vez de um regime que assegure oportunidades iguais a todos, fulgura a ambição de estar no topo. Política e latifúndio avançam com propósitos comuns, e o resultado é a morte. Há a morte dos que lutam pelo poder. Esta é tida como gloriosa. E há a morte anônima, numerosa, dos excluídos, esmagados por interesses que não são os seus. Os atores mudam de convicções e de conduta, mas os papéis que interpretam são sempre os mesmos. O narrador acompanha com certa melancolia a seqüência monótona de cenas.

O triunfalismo balofo, além de esbanjar riquezas e esquecer os pobres, tritura o caráter de um homem simples como João Silveira ao qual os opressores, uma vez que o têm na mira, não consentem nem o enlevo de algumas horas de amor.

Resta o lenitivo da arte. Em meio à violência da opressão, florescem textos literários e não são poucos, entre os quais, os primeiros romances de Érico Veríssimo. Sem eles, que perspectivas se abririam a entusiasmos juvenis?

A violência no Rio Grande do Sul não se singulariza, lamentavelmente, no desfile dos acontecimentos mundiais. Observadores preocupados registram a emergência da tirania: Salazar, Stálin, Hitler, Mussolini.

*O príncipe da vila* (1982) aponta novos rumos na arte narrativa de Cyro Martins. Se em outros romances o narrador figurava como testemunha de fatos, ele emigra agora para o espaço do leitor, tomado de incertezas. Entre o leitor e os fatos há depoimentos contraditórios ou alucinados que, inibindo verificabilidade, requerem interpretação cautelosa.

A memória, a do narrador, depositário privilegiado de experiências já sedi-





Donaldo Schüler

mentadas, acesso a um tempo que não existe mais, cede espaço a lembranças conturbadas por subjetivismos de toda sorte.

O sentido do mundo, já questionado em outros romances, se configura diversamente. O jogo de espelhos entre o homem e o animal confrontados com a morte converge agora na figura do príncipe, homem e animal. A mesma fonte narcísica alimenta o cunho soberano da letra de Brandino, os cuidados dedicados à vestimenta, ao corpo, à fala e à cultura do espírito. A autoconsciência de Brandino é suficiente para, em certo momento, perceber a teatralidade sem conteúdo de seus atos aplaudidos. Suas cartas, motivo de espanto, obedecem todas ao mesmo modelo, e a rotina da prefeitura, de que ele é lugar axial, uma vez instalada, não lhe requer mais que ordens mecânicas. A mediocridade de suas funções não desdoura o brilho que elas lhe ganham. O pendor ao singular leva-o a adquirir o galo, cujo canto se destaca das vozes habituais. “Príncipe da vila”, título primeiro conferido à ave, envolve em breve Brandino, confundindo ambos no mesmo apreço.

O brilho de Brandino soterra as dúvidas sobre a sua origem. Cochichos revolviavam maldosamente a filiação do protagonista, concebido, ao que se pensa, durante a ausência do respeitável fazendeiro que figurava como seu pai legítimo, longe por meses para socorrer urgências das pastagens. A imagem engrandecida do funcionário sufoca a versão injuriosa, sorrateiramente divulgada, ofensiva à sociedade patriarcal, ciosa da pureza da linhagem.

O festejado funcionário público, casado, enfim, com Teresa, misteriosamente abandonada há muitos anos às vésperas do casamento, ainda assim partido vantajoso para um rapaz pobre como era o braço direito do prefeito. Brandino esmera-se para representar o papel de homem sábio e hábil contador de histórias. Desamparado de estudos regulares, enverada pelos duvidosos caminhos da cultura de almanaque, em que homeopatia, astrologia e espiritismo se misturam.

Silenciada a voz do galo, heroicamente morto na luta com uma raposa, impera a voz de Brandino que, assumindo o papel de contador ambulante de casos – arremedo do aedo de outros tempos – seduz platéias de crianças, jovens e adultos.

Como explicar a morte inglória de Brandino na luta com fantasmas? A narrativa, de propósito ambígua, acolhe um leque de interpretações. O golpe que, visando outro, cai sobre quem o desfere já freqüentava as preocupações do autor desde Sem rumo, na cena em que Chiru vê o seu próprio rosto nos olhos moribundos da ave ferida. Como os fantasmas que atormentam Brandino provêm de sua própria consciência atribulada, não poderá o protagonista fugir do tiro que os aniquila. Poderíamos evocar Serge Leclair, em *Mata-se uma criança*, ao argumentar que o suicida comete o equívoco de matar-se a si mesmo em vez de destruir a imagem principesca que os pais lhe atribuíram desde o berço. Brandino tinha-se identificado tanto com o papel





de príncipe que, atacando fantasmas (a imagem principesca é uma delas), é vítima de seu próprio ato violento.

O romance enseja também a reflexão sobre a diferença entre o ambiente peculiar em que se afunda o paranóico e a imaginação artística. O psicopata é, na verdade, escravo de seus fantasmas, enquanto o artista entra livremente no seu mundo imaginário e, ao sair dele, vem iluminado para revelar aos homens que as coisas não precisam ser como são. A imaginação, condutora das ciências e das artes, liberta das contingências que sem ela exerceriam um domínio inquebrantável. Brandino, falso profissional e falso artista, cai nas malhas das imagens que ele quer reais. Que será dele se ele não é o príncipe que todos aclamam? Habitado à imagem de altas soberanias, é-lhe penoso imaginar-se destronado. Sendo real a fantasia principesca, por que não serão reais os sonhos oriundos de almanaques? Morrem os monstros e morre o príncipe que os combate. Um príncipe como Brandino não tolera morte que não seja a de um príncipe.

Em meio a tantas batalhas feridas nas coxilhas, temos agora um combate interior, evoluído ao longo da vida, exteriorizado e presenciado pela gente do protagonista. Um tiro, há muito tempo retido, termina a refrega. Esta batalha, a em que ele próprio luta, esta o aedo não pode submeter às exigências do enredo. Como fazê-lo, se ela, sendo-lhe estranha, lhe escapa? Tornada pública, esta morte é acolhida, como tantas outras, pela neutralidade do ritual, que tem como função incorporar a exceção às regras da gramática. Esta morte, vista e chorada como as demais, minimiza os seus efeitos de estranheza.

Antítese do príncipe Brandino é o mendigo Izidro de *Enquanto as águas correm* (1939). No balanço que o protagonista faz de sua vida ao final do romance, destaca-se um sonho que o atormenta. Na visão noturna, Izidro comete o assassinato do pai, a quem nunca se apegara em vida, precipitando-o no abismo. O leitor de Cyro Martins tem melhores condições para decifrar o enigma onírico do que o atormentado sonhador. Na figura do pai que se despedaça no abismo, concentram-se todos os autoritarismos imagináveis, locais e universais. Tendo cometido o assassinato do pai, o espanhol Izidro pode levar vida de anarquista, o homem contrário a hierarquias. Não preso a nada, larga-se no mundo, engajando-se em movimentos libertários onde quer que os encontre. A cultura sul-rio-grandense, ciosa de si mesma, é condenada ao cair nos olhos estrangeiros de Izidro. Maus tratos aplicados às crianças e sancionados sem reserva mostram a face hedionda observados por Izidro, um andarilho. A cultura literária, que marcou uma fase de sua vida, contribuiu para que a personagem recusasse a cultura dominante. O coração duro que o anarquista descobre em si fecha-se apenas a eleições restritivas. Visionário de uma nova ordem, coloca, em lugar de leis impostas, um afeto universal que abarca a natureza na sua totalidade. Coerente com







Donaldo Schüler

seus princípios, escolhe um cachorro abandonado e uma mulher desprotegida para companheiros de seus últimos dias. A mendicância não humilha quem sempre considerou os bens patrimônio de todos. Morto o Príncipe, na figura do pai ou do filho, nasce o homem livre. A morte principesca propicia também o nascimento da mulher livre, preocupação contínua de Cyro Martins.

A natureza peculiar da imaginação artística e da criação literária é tratada ainda em outro romance de Cyro Martins, significativamente chamado *Na curva do arco-íris* (1985).

A saudade, sentimento que se aprofunda na velhice, reinventando o passado, produz a obra literária num espaço que confronta dialeticamente o vivido. Liberta dos entraves do observado, a imaginação se dilata sem peias, emergindo como força diabólica em competição com o mundo natural. Incidindo sobre o que se tem como realidade, a imaginação transfigura, incorpora o vivido em outra ordem, liberta as personagens de entraves.

A personagem, uma vez dotada de autonomia, se projeta sobre o criador. O produto da imaginação, incidindo sobre quem imagina, acolhe-o na mesma liberdade. O mito da caverna, inventado por Platão para explicar a atividade do filósofo, pode ilustrar também a atividade do artista. Libertado das algemas que nos prendem ao cotidiano, o artista, ao sair da prisão, vê uma realidade mais bela do que as sombras que desfilam ante os olhos dos escravos. A obra de arte que empunha ao retornar é o instrumento que pode romper os grilhões de outros algemados. Nesta visão autor e leitor se aproximam. Ambos habitam o mesmo espaço da arte, isto é, da liberdade.

O escritor comparece, em *Na curva do arco-íris*, já avançado em anos. Ora, velho não é fatalmente antiquado. Também Platão observou a velhice como pórtico do saber. Sentindo as amarras da vida se afrouxarem, o velho se aparelha para refletir, para produzir um mundo diferente daquele que conheceu. Machado de Assis, ao atribuir, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o papel de narrador a um morto, o fez por motivos semelhantes aos de Cyro Martins. Lá como aqui toma-se distância da vida para refletir sobre ela. Eis a razão pela qual Cyro Martins não escreve sobre o presente. Requer, para imaginar, fatos já sedimentados, distanciados. O destino do velho não é a eternidade. “Só sendo Deus para agüentar a eternidade.” Território do velho é a história. Não a história já feita ou determinante, mas a história que ele mesmo inventa. O arco-íris, com seus múltiplos matizes, arqueado sobre a cidade, unindo a terra e as águas, simboliza os muitos caminhos da arte, produto da imaginação diabólica, divinamente pagã. Opondo os inventivos rumos da imaginação aos duros golpes da violência e o sem-sentido dos atos praticados no calor da paixão, a arte corrige, enfim, os prejuízos da história.

Tortuosos são, entretanto, os caminhos da liberdade, tema que alimenta *O*





*professor* (1988). Recusados padrões consagrados, riscos rondam os que decidem. O professor Lucílio Fuentes Caravaca, escravo da embriaguez, convivendo maritalmente com mãe e filha, mostra-se produto do patriarcalismo rural que deixa os despossuídos à margem das normas que orientam a vida dos senhores. Embora esclarecido, sem refletir sobre os seus atos, impelido por determinações internas e externas, não se comporta como fonte responsável de ação.

Como compreender, entretanto, que um poeta dono de si mesmo, Alceu Wamosy, milite nas hostes de Borges de Medeiros, um ditador? Os que pensam, ou deveriam pensar, não se arregimentam unanimemente contra a opressão. Sujeito à morfina, à paixão amorosa, ao evasionismo poético, Wamosy ingressou na luta armada sem saber por quê, permanecendo por sentir-se sujeito à palavra empenhada, a um vago sentimento de honra. Mesmo talentos notórios são conduzidos por poderes tirânicos. Há instâncias mais poderosas e mais temíveis do que as tiranias políticas. Embora cético quanto a decretos do destino, o professor emite um conceito estoico: “É preferível ir com paciência de voluntário do que ir de cabresto.” (p. 210). O princípio é, com efeito, confortável. Será ético? A liberdade, que não chega a ser um rumo, estende-se como um território que abre um leque de caminhos. Cyro Martins não protege as personagens de escolhas duvidosas, nem apresenta a liberdade como o paraíso reconquistado. Escolhas múltiplas despertam indecisões que enriquecem o quadro da complexidade humana. Colocando-se à distância, o narrador, ao examinar os homens que agem, toca em regiões profundas, onde se assentam senhores que, nas sombras, regem poderosamente. Num mundo sem rumo, não é consentido ao homem, que já não dirige a história, declarar-se senhor nem dos seus próprios atos. O gesto do menino com que iniciamos estas considerações é comandado por uma ordem misteriosa que excede a vontade do protagonista. Forças obscuras empurram o homem a lutas que deixam rastros de sangue derramado por paixões que não dignificam os combatentes.

Reflexões teóricas do autor, consulte-se *O mundo em que vivemos* (1983), ratificam experiências de leitura. Psicanaliticamente orientado, Cyro Martins subordina todas as tendências negativas, incluindo a vontade guerreira, à pulsão de morte, que abrange sentimentos hostis como a inveja, a rivalidade desleal, os ciúmes mórbidos. A projeção da responsabilidade de acontecimentos nefastos a outros agrupamentos humanos gera o inimigo coletivo, origem das guerras de vingança. Inclua-se entre os atos contrários à emergência da vida “a explosão verbal”, praticada pela máquina publicitária que, munida da retórica de repetições inócuas, mutila a palavra, instrumento de comunicação. Cabe à arte devolver à palavra o vigor que a publicidade lhe tomou.

Compreenda-se a reserva do autor quanto ao uso de metáforas. Se elas, igno-





Donaldo Schüler

rando diferenças, constroem unidades em que contrários se harmonizam, por que haveríamos de procurá-las num autor que sublinha as diferenças? Rompendo unidades, Cyro Martins elege um nível que lhe permite ver os problemas à distância. A ruptura não poupa os níveis de linguagem. Os excluídos usam vocabulário e gramática não sancionados pelos padrões lingüísticos de quem detém o poder. Como psiquiatra e como escritor, Cyro Martins entra no lugar da exclusão, interessado em saber como aí se pensa, se fala, se vive e se morre. Provocando a convergência de experiência de vida, pensamento e arte, Cyro Martins constrói um quadro amplo em que conflitos geográfica e historicamente situados encenam forças que agitam o homem. □

## Summary

The author examines violence as a literary device in the fiction by Cyro Martins, psychoanalyst and fictionist recently deceased. Making a difference between violence and power, the author considers the former as the whole of negative acts which occurs outside the norms which encourage human existence in community. As a realistic writer, Cyro Martins shows the way violent characters act. Omitting his personal opinion about what happens, the novelist invites the reader to form his own judgement. In his theoretical books, Cyro Martins confirms what one reads in his fictional production. He subordinates all negative tendencies, such as bellicose desires, envy and jealousy, to the death pulsion. The “verbal explosion” practised by the media belongs to violence. The task of literary art is to return to the word the power which publicity has taken from it.

## Referências

- BOSCHI, R. R.. org. *Violência e cidade*. Rio de Janeiro, Zaar, 1982.  
CLASTRES, P. (1980). *Arqueologia da violência*. Trad. Carlos E. M. de Moura. São Paulo, Brasiliense, 1982.  
COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.  
FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1979.  
JANKÉLÉVITCH, V. *La mort*. Praris, Flammarion, 1977.  
KUNDERA, *L'art du roman*. Paris, Gallimard, 1986.  
MAGALHÃES NETO, J. *A cultura da violência*. Porto Alegre, Faculdade de Direito da UFRGS, 1979.  
MARTINS, C. (1934). *Campo fora*. Porto Alegre, Movimento, 1984.  
———. (1937). *Sem rumo*. Porto Alegre, Movimento, 1977.  
———. (1939). *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre, Movimento, 1990.

34 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996





---

A violência na obra de Cyro Martins

- . (1942). *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre, Movimento, 1992.
- . (1954). *Estrada nova*. Porto Alegre, Movimento, 1975.
- . (1962). *A entrevista*. Porto Alegre, Sulina, 1968.
- . (1960). *Rodeio*. Porto Alegre, Movimento, 1982.
- . *Sombras na correnteza*. Porto Alegre, Movimento, 1979
- . *A dama do saladeiro*. Porto Alegre, Movimento, 1980.
- . *O príncipe da vila*. Porto Alegre, L&PM, 1982.
- . *Gaúchos no obelisco*. Porto Alegre, Movimento, 1984.
- . *Na curva do arco-íris*. Porto Alegre, Movimento, 1985.
- . *O professor*. Porto Alegre, Movimento, 1988.
- . *Um sorriso para o destino*. Porto Alegre, Movimento, 1991.
- . *O mundo em que vivemos*. Porto Alegre, Movimento, 1983.
- . *Páginas soltas*. Porto Alegre, Movimento, 1994.
- OLIVEN, R. G. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982.

**Donaldo Schüler**

Rua Congo, 270  
91380-070 – Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador

Página 36 é branca





# Cyro Martins

*Luiz Carlos Meneghini\*, Porto Alegre*



---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996 □ 37





Luiz Carlos Meneghini

Como bem o atesta o próprio Freud, foi James Putnam, professor de Neurologia em Harvard e homem de elevados padrões éticos e científicos, o primeiro norte-americano a reconhecer o enorme alcance da psicanálise; a ele se deve, sem dúvida, a grande acolhida e divulgação que esta nova doutrina sobre a mente humana iria encontrar naquele país.

Mas a argúcia dos Putnam, com sua sensibilidade em detectar talentos, como logo veremos, não se dirigia exclusivamente para Viena e para o Velho Continente e, na década de 30, outro ilustre membro desse clã focava sua curiosidade sobre estas paragens da América Latina.

Graças aos inesgotáveis arquivos secretos de Maurício e Luiza Rosenblatt, chegou às minhas mãos um exemplar do primeiro número de RUMO, revista mensal dirigido por Aparício Maciel, publicado em fevereiro de 1936. Ali, entre dois sonetos de Mario Quintana, um artigo de Celestino Prunes sobre “O Direito de Morrer”, um conto de Telmo Vergara, uma crônica de Hamilcar de Garcia e um artigo de Galeno Pianta sobre “O Complexo de Oedipus e o amor à Pátria”, encontrei um escrito, sob o título “Noventa e Três”, ao fim do qual a redação apôs a seguinte nota relativa a seu autor:

“Sobre um escritor regionalista: Samuel Putnam, notável sociólogo norte-americano, na secção ‘Livros Estrangeiros’ da ‘University of Oklahoma’ assim se refere sobre o livro ‘Campo Fora’, de Cyro Martins. Em síntese, trata-se de contos coloridos da vida da fronteira brasileira, cuja época e estilo estão de acordo com os tipos que habitam essa região. Objectiva, assim, soldados, homens que hoje são amigos, amanhã inimigos e amigos, de novo, no dia seguinte, através das circunstâncias impostas pela política. Há uma descrição em 500 palavras apenas, de um mutilado no campo de batalha que seria suficiente para fazer parar, para sempre, todas as guerras. Cyro Martins é um escritor de indubitável poder.”

Uma vez mais não se enganaram os Putnam. Mudaram os tempos, incrementaram-se as ansiedades na sociedade contemporânea, mais desenfreada campeia a agressividade humana, mas não mudou o Cyro que abominava a destruição e seguiu confiante na capacidade criativa do homem.

Dele ouvimos em fevereiro de 1978, na Cidade do México, como arremate de seu trabalho sobre “Fantasia e Realidade no Homem Contemporâneo”:

“... Pois essas duas expectativas de calamidade universal exacerbam tanto o sentimento de culpa persecutória quanto o pressentimento da mais absoluta





insegurança. Mas a essas emoções de espanto, o homem contemporâneo, que apesar de tudo teima em ser homem, contrapõe uma fantasia de salvação, composta do senso de humor de uns, da intuição poética de outros e do saber científico de uns poucos, destinada a desviar a agressividade humana de seus rumos catastróficos e a canalizar suas energias para outro destino, o de reparar, o de sublimar, o de construir, proporcionando aos povos novas equações de entendimento mútuo, para que a fantasia que amanhecerá no ano 2.000 fulgure atraente, sem ser uma simples miragem”.

Este Cyro Martins humanista, intuído pela crítica norte-americana há mais de sessenta anos, imbatível nas refregas do cotidiano, vivendo em recato seus sofrimentos íntimos, porém inabalável em sua crença no poder construtivo do amor, sempre com olhos serenos e esperançosos voltados para o futuro, este Cyro Martins, eu – menino então – só viria a conhecer mais tarde, muito devagarinho, através de imagens ao início vagas e fugidias, aos poucos se delineando mais nítidas, até que adquirissem configuração definida, num convívio de mais de quarenta anos, alimentado pelo calor do afeto que prodigalizou aos que dele se acercaram.

Apenas alfabetizado em 1934, não chegou a mim notícia do aparecimento de CAMPO FORA, como impossível era saber que, um ano antes, nossa Faculdade de Medicina formara discreto e promissor jovem de Quaraí.

Em 1937, eu queimava pestanas para o exame de admissão ao ginásio – o mesmo Anchieta para o qual, em 1920, um menino do Cerro do Marco vinha para o colégio – enquanto o jovem doutor igualmente passava noites em claro, no preparo de concurso brilhante que, em 1938, iria torná-lo psiquiatra destacado do Hospital São Pedro. Sempre fiel à literatura, encontrava ele ainda disponibilidades para lançar naquele ano, SEM RUMO.

Em 1939, o ginasião, de passagem pela Rua da Praia, em vitrine da Livraria Globo ou da Livraria Americana, fixou um nome e um título que – sabe-se lá por que veredas inconscientes – encontraram simpatia e ressonâncias duradouras: “ENQUANTO AS ÁGUAS CORREM”, de Cyro Martins.

MENSAGEM ERRANTE, em 1942, e PORTEIRA FECHADA, em 1944, não mais pegariam desprevenido o adolescente ávido em descobrir coisas sobre a realidade desta sua província.

Ao menino da capital, nascido entre caminhos de paralelepípedos – o asfalto só viria mais tarde – e criado numa tradição de pequena burguesia luso-brasileira, não seduzia a romântica valorização de um tipo de vida restrito a uma região ou de uma rusticidade de conotações machistas.

Eis que a prosa escorreita de Cyro, fluindo em linguajar de legítimas raízes







Luiz Carlos Meneghini

nacionais, vinha me reconciliar com uma querência não idealizada e com um gaúcho despojado de suas roupagens míticas, vivendo as contingências de seu conturbado contexto social, profundamente autêntico em suas vicissitudes e anseios frente às mudanças históricas em processamento, tudo narrado com tocante simplicidade e afeto pela pena do autor.

Tive, entretanto, que aguardar até 1950 para passar do relacionamento com o Cyro livro ao Cyro pessoa. Era eu aluno de Clínica Neurológica quando o catedrático Celso Aquino arrastou Cyro até um dos anfiteatros de nossa Santa Casa para que nos desse uma magistral aula sobre Fisiologia Medular. A preleção foi brilhante e erudita, com a clareza e lucidez próprias ao Cyro quando transmitia suas idéias. Grande a frustração, também, porque o contacto era fugaz: de malas prontas, aprestava-se ele a partir para Buenos Aires, onde iria realizar sua formação psicanalítica.

Até desaparecer, Celso insistia em levar Cyro à enfermaria para que repetisse aquela aula, como instava comigo para que eu fizesse a livre-docência de Neurologia, recusando-se a aceitar que tínhamos abandonado definitivamente o martelo de Babinski pelo divã de Freud.

Mas naquele ano, que marcava a metade do século, novelista consagrado, maduro e experiente já como psiquiatra, Cyro partia deixando entre nós um rastro marcante de sua atividade. Com outros pioneiros, participara da fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, exercendo o cargo de seu secretário por seis anos ininterruptos. Essa Sociedade foi importante núcleo de aglutinação científica e associativa, cujos frutos viriam a colher mais tarde minha geração e as que nos seguiriam.

Em 1950, movido pelas mesmas inquietações que haviam levado Mário Martins e José Lemmertz ao Prata e Celestino Prunes ao Rio, Cyro, também, à custa de muitos sacrifícios, ia preparar-se com afinco para os pesados encargos que esse quarteto de escol teria que assumir em Porto Alegre, implantando entre nós a psicanálise e imprimindo novos rumos ao ensino da psiquiatria e à assistência aos doentes mentais.

Finalmente em 1955, ele e Zaira estão de volta a Porto Alegre onde eu e muitos outros colegas, então jovens, estávamos a postos para escutar sua palavra e com a secreta esperança de virmos a ser igualmente seus amigos. Ambas as expectativas se cumpriram, sem decepções.

A bagagem de Cyro vinha bem mais pesada na volta; não somente haviam aumentado seu cabedal científico e sua capacidade em compreender os conflitos humanos; vinha também, no colo, o Cláudio, cujo crescimento iríamos todos acompanhar, novo companheiro permanente da ESTRADA NOVA que Cyro e Zaira vinham abrir em Porto Alegre.





E depois, quando eles, acolhedores, nos abriam a porteira do Cerro Formoso, à Praça Júlio de Castilhos, no “galpão” decorado com o bom gosto de Zaira e perfumado por sua olorosa culinária, tínhamos o prazer de conviver também com a inteligência e vivacidade de Maria Helena.

Muitas águas correram desde 1957 quando Fernando Guedes, Sérgio Annes, Germano Vollmer e eu começávamos, sob a orientação de Cyro, nosso primeiro seminário psicanalítico sobre a obra de Freud. Seguro, competente e cordial, ele fazia nossa iniciação nos mistérios de uma ciência e de uma arte sobre as quais publicou obra tão vasta.

Era sábia a decisão da Sociedade ao nos oferecer o Cyro como primeiro regente de seminários.

Representava ele, certamente, um modelo de psicanalista que não se cinge ao terapeuta em busca da cura ou do alívio de seus pacientes ou ao frio investigador perquirindo insuspeitados labirintos da mente humana, mas era, paralelamente, um espírito interessado em integrar o conhecimento psicanalítico com outros setores da medicina e das ciências do homem.

Na aceitação que fez da psicanálise como embasamento do único humanismo possível nos dias atuais, encontrou Cyro também estuário para mais desenvolver seus dotes artísticos que aparecem, ora na forma aprimorada com que divulgou o pensamento freudiano, ora no modo com que sua instintividade se sublimou na criação literária pura, sem alienar-se da problemática social.

Como personalidade eminentemente agregadora, não se pode omitir seu papel nas origens e desenvolvimento da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo e da própria Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, continuadora atual de sua filha diletta fundada em 1939, da qual foi também fundador e seu primeiro secretário.

Solícito em atender ao chamamento de grupos desejosos de aprender mais sobre o comportamento humano, lá estava sempre o Cyro, apresentando cuidadosas e consistentes exposições.

Nesta missão que se impôs e para a qual não tinha esmorecimentos nem fadigas, muito palmilhou o Cyro as trilhas deste mundo, pedindo que o acompanhássemos e nos encorajando a produzir, escrever e viajar com ele.

Assim, juntos cruzamos pela primeira vez os Andes em 1960, quando o Grupo Psicanalítico de Porto Alegre buscava seu lugar junto ao movimento psicanalítico internacional, no Congresso Latino-Americano de Santiago do Chile, em 1960 e, para melhor engolir as amargas caturrices do Werner Kemper, tínhamos que dissolvê-las com deliciosos “psico-sauer”, saboreados à beira da piscina do Hotel Carrera e de “los locos”, estranhos mariscos degustados à beira do Pacífico, em Valparaíso.





Luiz Carlos Meneghini

Quase vinte anos se passariam e, no início de 1978, com seu passo vigoroso, estava a meu lado pelas ladeiras de Taxco, deslumbrados ambos pelo colorido daquela manhã mexicana. E tamanho foi o arrebatamento por aquela fantástica feira domingueira que nos perdemos das companheiras. Elas, muito práticas, ficaram contando seus cheques de viagem, para saber quantos dias sobreviveriam por lá, caso eu e Cyro tivéssemos fugido em busca das miragens de fumaças inebriantes de Tijuana...

Mesmo abusando um pouco dos leitores de agora onde o que é muito pessoal se mescla com os feitos do homenageado, o próprio Cyro me concederia tal licença quando dizia, ao final de um capítulo de seu RODEIO:

“Além de outras coisas vagas que poderia dizer, a título de mensagem errante, ocorre-me esta agachada, mas recomendando cuidado, para não fazer esparramo entre o visindário sizudo: vez que outra é bom ir ao encontro de nossas visões, as dos fantasmas evanescentes que ficaram para trás e as que ainda nos fascinam abrindo clareiras nos esconderijos do porvir. Mas o ideal mesmo é a gente poder não se sentir jamais em fim de festa e experimentar o gosto de viver no devir do dia a dia, infinito recomeçar da criação”.

Prosseguimos no dia a dia, mês após mês, os anos se sucedendo e dou agora um salto até a presente década.

Em fins de 1991, instado por vários colegas, aceitei concorrer, por segunda vez, à presidência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre; organizei uma chapa e, para um de meus conselheiros, a escolha recaiu em Cyro, embora cômico do sacrifício que isso representaria para ele, já octogenário. Aceitou, fomos eleitos e, tendo eu adoecido gravemente em 30 de dezembro daquele ano, era sempre presente em meu quarto de hospital, o conselheiro cordial, sempre tranqüilo e discreto. Chegado março de 1992, normalizada a situação, iniciamos as reuniões do Conselho Técnico-Administrativo, com ele indefectivelmente presente, fizesse frio ou chuva – eu até um pouco culpado pelo encargo que lhe havia dado e temeroso por sua saúde. Suas atitudes eram sempre oportunas e conciliadoras, aplainando as arestas nos momentos em que os demais queriam exagerar nas radicalizações ou manifestações mais agressivas. Em dezembro de 1993 concluímos nosso mandato, festejamos os trinta anos de reconhecimento da Sociedade pela Associação Psicanalítica Internacional e lançamos o primeiro número desta Revista, da qual ele foi um grande entusiasta.

Sua atividade literária e sua presença na Sociedade se mantinham inalteradas; em 5 de maio de 1994, fizemos um dueto para membros e candidatos, em nossa sede, sobre os primórdios de nossa agremiação, reunião muito alegre, gravada em vídeo, na qual não faltaram narrativas e inconfidências até mesmo picarescas...

42 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996





Cyro Martins

O último evento que compartilhamos – Cyro, Theobaldo e eu – ocorreu em 1995, na Casa Mario Quintana, com patrocínio do Instituto Estadual do Livro, relativo ao centenário de Dyonélio Machado. Cyro continuava completamente lúcido e atilado como sempre.

Há muitos anos, não caminho mais pelo centro de Porto Alegre, cingindo-me ao meu bairro, sempre em torno da Praça Júlio de Castilhos. Rara era a oportunidade em que não o encontrasse, quando “batíamos um papo” ameno e trocávamos impressões sobre as ocorrências do cotidiano. Despedíamos-nos, ele levando, na mão, quase sempre uma sacola do supermercado Econômico, da Miguel Tostes, com pequenos suprimentos para a casa. Outro encontro frequente, para um cafezinho no Quinta Avenida Center, era com José Carlos da Fonseca Milano, meu primeiro professor universitário, que desapareceria logo depois do Cyro. Eram colegas de turma e ambos pessoas muito importantes em minha formação.

Minhas deambulações pelo bairro, assim, ressentem-se, agora, do vazio criado por estas ausências.

Entretanto, é confortador saber que, em um de seus últimos diálogos com Zaira, na CTI do Hospital Moinhos de Vento, Cyro confidenciou-lhe – dirigindo-se a ela como “Mimosa”, como sempre a chamou na intimidade – haver vivenciado, num estado oníróide, que saía do leito hospitalar, reunia os demais pacientes ali internados e, com médicos e enfermeiras, ido ter a uma bela mansão na Avenida 24 de Outubro, defronte ao restaurante “Il Gattopardo”, na qual se realizava “uma bela festa”. Zaira autorizou-me a referir o fato, onde fica evidente que, na mente de Cyro, o instinto de morte era sempre derrotado; como médico e psicanalista que foi, ele sempre procurou resgatar a si e aos outros para a vida. □

**Luiz Carlos Meneghini**

Rua Fernandes Vieira, 89

90210-091 – Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise – SPPA

Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996 □ 43





Atenção montador

Página 44 é branca





# Artigos

---





Atenção montador

Página 46 é branca





# O diálogo analítico: Constituição e transformação de mundos possíveis

*Antonino Ferro\**, Itália

*O Autor apresenta, no presente trabalho, idéias e reflexões sobre o que ocorre no campo analítico, no qual interagem a mente do analista e do paciente. Mostra o intenso trabalho que deve ocorrer na mente do analista – e como essa deve ser permeável – para que as transformações ocorram e se mantenham na mente do paciente.*



---

\* Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.







Antonino Ferro

“Eu já disse que é importante fazer jogos psicanalíticos no contexto da revisão diária do trabalho analítico; e um jogo precioso consiste em conjecturar quais teriam sido as interpretações e, qual o caminho que o analista poderia ter tomado, se o material tivesse sido classificado de forma totalmente diferente em relação às conjecturas e interpretações por ele efetivamente feitas.”

Bion (*Trasformazioni*, 1963)

“O prefeito observou com atenção: temos a planta para visitar a minha prefeitura?... Mas, quando é que ela estará pronta?... E aí?... É como se estivesse sempre no começo!... Estes motivos não estão fixos e bem presos ao chão. Parece-me, quase, que se formem do nada, e são muitos. E, depois, talvez não se encontrem mais. Isto é, alguém os viu, os contornou e, depois de tudo, inesperadamente, não se consegue saber mais nada. E, portanto, não se pode dizer com segurança se ainda existem em algum lugar ou se desapareceram... interrompem-se as trocas. Isto diz respeito aos informadores, aos bilíngües que estão na fronteira ou que vão e vêm e que, ao menos, nos dizem alguma coisa... Talvez estejam ali esperando que alguém entre... Não se pode definir de uma vez por todas.’... ‘E, então, que planta será feita? ‘Eu diria que a planta deve ser feita em papel vegetal, de modo que se possa ver na transparência as folhas que estão em baixo.’... ‘Vamos imprimi-la.’ Eu disse que se podia, mas que as suas prefeituras possuem alguma coisa de estranho: que, talvez, dependam dos olhos de quem as visita. E mesmo que alguém torne a ver uma terra ou uma população daquelas, não se pode dizer que seja sempre a mesma, ou que seja a mesma que um outro já viu. Porque a ele, talvez, pareça completamente diferente, dependendo de como a observa ou do seu estado de espírito no momento de entrar. Portanto, pode-se pensar até mesmo que seja uma outra terra, na hora da descoberta... ‘O papel vegetal, para mim, tem a vantagem de deixar a situação um pouco incerta; porque permite entrar todas as figuras em transparências e não permite dizer que são as mesmas, nem que são diferentes.’... ‘Assim conseguimos ler através; não, ao contrário, lemos dentro, em diversas profundidades, todas as nossas razões, como se fossem... em tantos níveis... Eis que a planta a fazemos assim, nós a lemos penetrando com os olhos sempre mais para dentro, um motivo depois do outro, de acordo com aquilo que nos contaram. E depois pode-se crer que seja sempre o mesmo motivo, mas que cada um o conte de um modo diferente.’... ‘Seria bonito um mapa de água, assim os limites das nossas razões flutuariam, como acontece na realidade;... e se, depois, formam-se correntes dentro do mapa, a tinta da tipografia expande-se e desfia-se, como as nuvens quando há vento. E se nós





imprimimos na água palavras ou cores para indicar as montanhas e os prados onde pastam as tribos dos habitantes, se nós imprimimos um traço ou uma tela para indicar os vales nebulosos, ou alguns pequenos círculos para os ninhos das madonas, lentamente, pela natureza da água, todo esse conjunto denso de sinais dilui-se e forma algumas sombras ou algumas estrias; ou um arco-íris que brilha e que se vê com grande prazer.'... estava escutando-me, vendo com os olhos da imaginação que as linhas de impressão e as letras nadam neste mapa líquido, a decompor-se e depois recompor-se, de forma a sugerir uma geografia que transcorre diante do olhar e se colore como um tecido mutável..."

E. Cavazzoni, *Il poema dei lunatici*

## Premissa

Gostaria de iniciar pela constatação que, cada vez mais considero uma sessão, desde os seus primeiríssimos momentos aberta a infinitos desenvolvimentos possíveis, entre esses como hão de interagir analista e paciente, como hão de se dar e, sobretudo, que jogo de emoções despertarão. Existem tantos pontos-chave lingüístico-emotivos que não se pode pensar, uma sessão senão como um canto da "obra aberta" (Eco, 1962), embora, por outro lado, seja fundamental o seguinte:

- a) que exista no caminho que se seguirá, um gradiente  $\beta \rightarrow \alpha$  positivo, em favor do paciente;
- b) que o desenvolvimento da sessão tenha como "limite" a relação com a transferência compreendida como repetição e com a transferência compreendida como projeção da fantasia inconsciente do paciente;
- c) que permita o desenvolvimento da "história" útil ao paciente, e não a confirmação das teorias do analista (ou, pelo menos, que esta confirmação não impeça exageradamente o processo  $\beta \rightarrow \alpha$ );
- d) que se possa aceitar o fato que são inúmeras as possibilidades de "histórias" que podem ser construídas com o paciente; e que cada modelo corresponde a uma história de um dialeto diferente: aquele da infância, do mundo interno, da relação atual, etc..

Acredito que, além disso, a resposta do paciente seja aquela que nos permita nos orientarmos no percursos, se consideramos a presença de três elementos nela:

- 1) uma quota de transferência como repetição;
- 2) uma quota de transferência como projeção da fantasia inconsciente;
- 3) a organização de tudo isso por parte do pensamento onírico do estado de





Antonino Ferro

vigília “que sonha” a resposta ao estímulo interpretativo em tempo real.

Acredito, ainda, que seja importante poder relativizar a própria teoria, não como a mais verdadeira, mas como a mais adequada a fazer funcionar analiticamente o analista, sempre que a maior parte do material através da qual se constrói, provenha do paciente, da sua história, das suas identificações projetivas.

Auxilia-me, como ativador de pensamentos, a conceituação narratológica relativa aos “mundos possíveis”. Essa é uma noção que se desenvolveu inicialmente no âmbito da lógica modal, estendida à semiótica do texto por autores como Petofi (1975), Van Dijk (1976), Pavel (1976), Eco (1979).

A definição de Platinga (1974) é “*a way the world could have been*”.

Um exemplo muito rico dessas conceituações encontramos no recente filme de Nichetti “*Stefano quante storie*”, no qual, de acordo com o prevalecer de fatos emotivos ou outros, delineiam-se e estruturam-se várias histórias que poderiam ter-se realizado<sup>1</sup>.

Os “mundos possíveis” são também entendidos como todas as previsões que o leitor faz com as teorias das quais dispõe, à medida que lê um texto e têm muito a ver com as enciclopédias que frequentemente desviam o leitor do conteúdo do texto e que o fazem construir mundos possíveis que nada têm a ver com aquilo que o texto sugere, desde que se considerem as categorias de “economicidade” da leitura e de “direito do texto” (Eco, 1990)<sup>2</sup>.

A previsão do leitor “em jogar fora”, permanece no esboço (Eco, 1979) de outras histórias possíveis e, na situação analítica ativa, no desenvolvimento de outras histórias determinadas pelas teorias.

Não é, portanto, indiferente a resposta do analista (e ainda mais, não é indiferente a disponibilidade da sua mente em perceber e em deixar-se transitar pelas identificações projetivas). Ao contrário, é a partir dessa que se podem gerar tantas histórias possíveis até as extremas variantes da reação terapêutica negativa, impasse, transferência psicóticas, interrupções (Barale, Ferro, 1992; Ferro, 1993a e b) e, menos dramaticamente, as tantas histórias possíveis no interior de uma análise que funcione, histórias que serão diferentes de acordo com o interagir das duas mentes. Nessa ótica, é necessário compreender os personagens, não somente como referência histórica ou do mundo interno, mas também, como “modalidades expressivas” daquilo que acontece no campo e que necessitam de “entrelaçamentos narrativos” para poderem ser exprimidas.

1. Em uma história Stefano é um Policial, *mas se*, em um determinado momento tivesse prevalecido uma tonalidade emotiva diferente, isso o teria levado a ser um ladrão nessa história, ou se tivesse prevalecido um determinado comportamento do pai ou da mãe, teria sido em tal história um piloto de aviação ou um professor de matemática cuja mulher aeromoça o trai com o piloto...

2. Ver a leitura de “*Um drama davvero parigini*” proposta por ECO em “*Lector in fabula*” (1979).





Ao enfatizar as “transformações narrativas” (Corrao, 1991), pude considerar toda a parte falada de uma sessão sempre comparável com um desenho de características peculiares, uma contínua mobilidade de todos os componentes, como em um quadro vivo.

Fascinante é, sob este ponto-de-vista, seguir a entrada, na sessão, de um “personagem”, o seu movimentar-se, transformar-se, sair de cena para ser substituído, às vezes unir-se a um outro “personagem” (de uma anedota, de uma lembrança, de uma história, de um sonho...), mas sempre dando forma e cor ao que acontece no funcionamento mental da dupla daquele momento.

Modelos diversos interagem de forma diferente em relação aos “quadros vivos” das sessões, mesmo aqueles que, com a pretensão de maior neutralidade entram em construção do campo considerando também o fato que freqüentemente as interpretações se colocam como defesas da mente do analista em relação à quota de dor mental não assimilável e transformável (Ferro, 1993b).

### Modulações das tensões do campo e pictogramas emotivos

#### a) *A máquina de lavar roupas de Claudia: qual o programa?*

Foi necessário postergar em uma hora a sessão de Claudia<sup>3</sup>.

No início da sessão, enquanto Claudia começa a falar, encontro-me distraído em função de uma grande raiva que sinto, pensando no péssimo serviço postal, que, em função dele, as cartas não são entregues pontualmente e até correm o risco de se perderem.

Torno escutar a paciente que, no momento, conta-me ter visto um filme a cores e um em preto e branco. No primeiro, uma menina rejeitada por uma família mata-se e o irmão, por vingança, mata todos aqueles que tinham causado sua morte. No segundo, havia uma história triste, ambientada em Pavia, de uma moça, esposa de um médico, que morreu dando à luz uma menina que, ao invés, se salvava.

Dentro de mim, não é difícil pensar em uma interpretação exaustiva do conteúdo, mas considerando que outras vezes a paciente mostrou “não ter ainda o espaço” onde colocar as minhas interpretações, faço uma intervenção incompleta, daquelas que como Bezoari (1989), chamamos de interpretações “frágeis”, considerando somente a diferente tonalidade afetiva dos dois filmes.

3. Renunciei à modalidade normal de comunicar-lhe de não poder realizar uma sessão, esperando o eventual pedido de mudança de horário por parte do paciente e, então, respondendo positivamente ou negativamente, de acordo com as reais possibilidades. Mas, sabendo o quanto ela deseja “recuperar” a sessão, eu mesmo lhe propus a mudança.





Antonino Ferro

A paciente, após um breve silêncio, diz: “Lembrei-me de um sonho que tive: lavava alguns dos meus blusões na máquina de lavar com o programa extradelicado, que é o mais indicado para a lã muito delicada, mas como também a centrifugação é extradelicada, os blusões permaneciam ensopados de água e tive medo que pesassem demais no varal.

Pergunto se pensa que a lavagem normal poderia estragar aqueles blusões; ela diz que não, porque afinal foram tantas vezes lavados com o extradelicado que não existe mais o risco de estragarem. E acrescenta que estava pensando na sua irmã Carmen, que uma vez tinha lavado um cobertor que estava ali estendido, mas que ela não podia usá-lo até que se secasse e isto a tinha feito chorar muito.

Nesse ponto, sinto poder fazer com ela a lavagem normal (que é esperada e desejada) e reproduzo, na transferência, os sentimentos relativos ao primeiro filme, os relativos ao segundo, a experiência vivida pela “irmã” que não pode esperar, e a nova capacidade de poder segurar as suas emoções.

A paciente comenta: “Agora entendo toda a raiva que senti ontem, brigando com todo mundo ...” (e eu, por minha vez, a raiva que senti em relação aos carteiros que não entregam pontualmente a correspondência).

#### b) *O terrorismo basco*

Mimmo é um rapagão de dezessete anos que vem à análise por um mal estar indefinido, que o faz descuidar dos estudos, deixar-se levar, chatear-se e freqüentemente, lamentar-se.

Quando o vejo na porta, com a sua roupa cinza de homem, penso: “Que chato e conformista que deve ser”; parece-me o último remanescente de uma outra época... depois percebo, quase imperceptivelmente, nos seus olhos, alguma coisa que me faz inesperadamente pensar: “ou talvez não... parece um selvagem...”

Os primeiros tempos são duros, com longos silêncios; para meu tédio e sonolência, sinto que existe alguma coisa que ele mantém adormecida, mas não entendo bem o quê, nem encontro caminhos para abrir uma brecha em direção a alguma coisa mais vital.

Continuamos assim até que ocorre um insólito incidente: uma tarde, no inverno, durante o começo de um temporal, de repente, falta luz... não estou preparado para enfrentar essa situação porque, em tantos anos, nunca me tinha acontecido... mas, enquanto permaneço no escuro, sou invadido por um terror indescritível, que até hoje não sei explicar, um verdadeiro pânico, o pavor que Mimmo pudesse pular sobre mim, matar-me, apunhalar-me, esquartejar-me... imagens de uma violência hedionda invadem a minha mente... no entanto, Mimmo continua falando com a mesma voz monótona... volta a luz... a sessão continua... mas dentro de mim ficam essas





cenas. Porém como utilizar tudo isto? Decido desconsiderar, mas permaneço tenso. Alguns dias depois, a minha atenção é atraída por uma boina que Mimmo começa a usar, em absoluta dissonância com o restante das suas roupas. Certo dia, enquanto ele estava saindo, essa sai no chão, e eu me vejo “recolhendo a boina” (Na língua italiana, o termo “boina” se diz “basco”, usado também para indicar a etnia basca. N.d.T.)

Tenho, nesse momento, uma intuição que me permite correlacionar aquilo que eu tinha vivido, aquilo que tinha começado a notar em relação a uma tendência das minhas interpretações não suficientemente moduladas, com aquilo que está acontecendo e penso: “É exatamente o Basco que preciso recolher”. Na sessão seguinte faço, cautelosamente, entrar em cena esse personagem; se é a boina que cai e que talvez caiba a mim recolher, talvez seja um Basco de quem nunca tivemos conhecimento.

Desenvolve-se a partir desse momento, toda uma história sobre os Bascos, sobre a importância que as minas de *ferro* têm para a sua economia, sobre o particular caráter explosivo que os distingue, de como recentemente um jovem basco casou-se com uma prima a quem é muito ligado, de como passou a interessar-se pela língua deles que não parece pertencer a nenhum ramo conhecido... e, depois, as bombas... sobre a necessidade de independência dos Bascos... sobre a subjugação da identidade basca... e, na sessão seguinte, continuou falando de histórias de filmes, dos bisões das Américas... dos animais ferozes de uma viagem recente à África, onde o pai inesperadamente começou uma atividade de “import-export” até chegar ao drama dos Albaneses e das suas necessidades...

Uma breve reflexão sobre os personagens: inicialmente tinham sido reunidos na minha mente, a partir, provavelmente, das identificações projetivas de Mimmo: o Selvagem, o “Esquartejador” e, depois, pela sua forma de comunicação, “o Basco”. Tinha tais personagens, portanto, permitido tornar pensáveis e transformáveis zonas da sua mente divididas e letárgicas.

Inútil dizer que, por muito tempo, essas histórias ficaram “nos lugares” em que o paciente as colocava (Espanha, África, Albânia) antes de entrar, com o peso das emoções que comportavam, no campo emotivo e, portanto, na nossa relação e, enfim, na sua história pessoal. Um caso como esse propõe-nos dois problemas: aquele da *permeabilidade* em relação às identificações projetivas do paciente e, portanto, à necessidade que tudo aquilo que provenha do paciente possa encontrar acolhida, e o outro problema, também importante, é aquele do limite das hipóteses interpretativas.

Isto é, o Basco, o Ghana, etc., encontram o seu direito de acolhida, através de histórias e contos que têm a ver com a verdade emotiva do paciente e com a sua história, são as identificações projetivas, as emoções do paciente que devem entrar





Antonino Ferro

nas histórias e, *somente* essas.

Deve-se dizer que todas as vezes que isso não acontece, o paciente o assinala, como no caso de Rosa que veremos daqui a pouco; mas um escutar adequado permite sempre colher o *choro do texto* que poderá aparecer ou no próprio texto do paciente, ou na contratransferência, ou em qualquer outro lugar do campo.

Gostaria ainda de enfatizar, por exemplo, como os personagens, as narrativas, as lembranças, ou desenhos, evocados na sessão, podem ser representados por um vértice como “síntese de funcionamento” da dupla naquele momento, que mudam e se transformam continuamente, de acordo com seu interagir e as qualidades desse interagir (Ferro, 1993; Petrella, 1985; 1993).

### **Narcotização<sup>4</sup> e choro do texto**

Para permitir o desenvolvimento de uma história, existe um contínuo escolher entre as tantas histórias possíveis, uma história prevalente que é levada adiante. No fundo, é a interligação de sucessivos vértices narrativos (ou a interação de fatos pré-escolhidos) que permite o definir-se de um conto.

O texto emotivo-lingüístico que se tece com o paciente tem, a meu ver, uma característica particular, aquela que defini como “o choro” do texto, isto é, todas as vezes que a linha de desenvolvimento não é suficientemente correspondente ao projeto transformativo ( $\beta \rightarrow \alpha$ ) (Bion, 1962), o mesmo campo torna-se o lugar da sinalização daquilo que está acontecendo, ou seja, aparecem “sinalizadores” de desvio de rota, que são mais freqüentemente trazidos pelo paciente, às vezes pelo analista ou pelos seus sonhos de contratransferência (Barale, Ferro, 1987).

#### *a) Rosa e a doença proliferativa*

Com Rosa, professora de filosofia de 25 anos, tivemos um primeiro encontro no qual decidimos a possibilidade da realização de um projeto de análise para o qual seria necessário esperar talvez um ano, pela minha dificuldade em ter tempo livre antes.

Durante esse primeiro encontro, Rosa consegue contar-me um episódio gravemente dramático que lhe aconteceu por ocasião de uma viagem e, muito determinada, me diz que, mesmo tendo que esperar para fazer a análise comigo, decidiu esperar-me, já que conseguiu inesperadamente contar-me “aquela alguma coisa” que nunca

4. Conceito derivado da narratologia que implica a limitação da expansão (n) de mundos possíveis (Eco, 1990).





conseguiu falar a ninguém. Eu, por minha vez, renuncio à idéia de não analisá-la em virtude do longo tempo de esperar e aceito o seu projeto. No segundo encontro, aparecem estas histórias, após nosso primeiro contato, “teve o desprazer – que foi grave – de deixar a escola onde estava bem... depois, começou uma história com *Marco*, um outro professor da escola, e *ele perdeu a cabeça*, envolveu-se de uma forma impressionante; durante esse período, teve também uma outra história com um outro colega, *Aurélio*, com o qual existe uma relação “*como tu me queres*”, e ela adora segui-lo em tudo; existe depois o namorado que lhe dá um lugar seguro e confiável, mas que não satisfaz algumas de suas exigências. E, finalmente, aparece a irmã menor com um “doença proliferativa” e a urgência de cuidados adequados.

Como pensar esses “*personagens*”?<sup>5</sup>

Uma teoria poderia ser aquela que os faz considerar na sua prevalência referencial, como personagens, portanto, da realidade externa, importantes para as emoções e para os sentimentos que ativam na paciente.

Ao mesmo tempo, poderiam ser considerados como personagens que se combinam, saturam as valências do mundo interno de Rosa. Portanto, a partir do referencial externo existe a possibilidade de se passar repentinamente a uma teoria (aquela dos objetos internos) que forma uma ponta em direção aos conjuntos internos de Rosa e em direção à sua organização: os personagens evocados de forma especular referem-se a objetos internos, a fantasias inconscientes e à projeção dessas por Rosa.

Essas projeções de fantasias inconscientes podem ser rapidamente reconhecidas na transferência e na relação que começa a se delinear no início do primeiro encontro; várias poderiam ser as formas de ver essas “figuras” como figuras de transferência e, portanto, de projeção, e de vê-las como antecipações diferentes da relação da transferência na análise (em termos de transferência de repetição, de transferência de exteriorização, da relação compreendida como alguma coisa de único e específico às duas mentes no *hic et nunc*, função da transferência, mas também das capacidades acolhedoras e transformativas da mente do analista) (Di Chiara, 1983; Manfredi Turillazzi, 1985; Ferro, 1992a e b; Meregnani, 1993).

Tais modalidades poderiam ser ou não ser *interpretadas* de acordo com o conjunto de considerações técnicas.

Mas existe um vértice ulterior, aquele em que se devem considerar, *em oscilação necessária com os outros*, tais personagens como expressão sincrética e narrável pictograficamente dos fatos emotivos ocorridos na sala de análise, nas recíprocas projeções de fantasias inconscientes existentes no campo bipessoal (Baranger M. e W., 1961-1962), ou melhor, no campo bigrupal que se iniciou e que apresenta *quatro*

5. Os “topic” seriam: por qual teoria vêm considerados? Qual é o tema que é considerado? (Eco, 1990).







Antonino Ferro

*principais modalidades emotivas* e histórias narráveis que poderão se delinear de acordo com a interação das mentes. Para modular tal interação, utiliza-se a função analítica e transformativa da mente do analista (Hautmann, 1981) (ou função de presídio transformativo – ativadora de histórias possíveis)<sup>6</sup>.

Naturalmente, interpretações diferentes estruturam uma história que a partir desse momento é consistentemente diferente: histórias diferentes à medida que se introduzem códigos interpretativos que colocam em primeiro plano a sedução, a identificação adesiva, a reconstrução histórica, etc..

Ao invés de decodificações interpretativas (que depois teriam gerado outros textos possíveis), opto por uma contribuição aberta ao desenvolvimento narrativo e digo que me parece que estamos diante de diferentes histórias: uma erótica, uma passional, uma mais afetiva.

Naturalmente, vejo-as como nossas possíveis tramas ou “fábulas”, todas possíveis de serem narradas. Mas o texto emotivo a quatro mãos (Nissim Momigliano, 1984) tem esta característica de “*ser vivo*”... de “*sangrar*” ou “*chorar*”, também pelas dilacerações de sentido que não são percebidas.

Após a minha intervenção, Rosa acrescenta: “Gostaria de ter feito medicina: fazer filosofia às vezes me parece um jogo muito excitante, mas masturbatório”.

Tive um momento de desorientação. De onde chegam “medicina”... “filosofia”... “masturbação”? São uma sinalização do texto, entendo isso logo depois. Considerei a existência de três histórias possíveis, mas desconsiderei a quarta (Cronin, penso, é a história da doença, mas também Kronos, da urgência da terapia/análise, da urgência em não perder tempo).

Nesse momento são exatamente as *histórias reprimidas mas necessárias que brotam para entrarem no texto*.

Poderia ter feito uma interpretação decodificadora. As teorias são numerosas: não perceber a autogeração do texto emotivo e atingir a teoria da inveja, da desconsideração, do ataque à união, ao -K; ou então, perceber a implicação emotiva do *hic et nunc explicitando o motivo do aparecimento daquela comunicação* (de acordo com Langs ou com o último Rosenfeld); ou então, renunciando à bizantinação do texto e à admiração do paciente, optar pela simplicidade da troca emotiva e perceber o *choro do texto*, introduzindo, (sem interpretação prévia) a preocupação pela “doença proliferativa”, “a luta contra o tempo”, “a urgência de tratamento”... Será o desenvolvimento do texto a narrar, ainda, que vai indicar se a intervenção foi adequada ou não...

6. Penso nessa função como uma função de fronteira, como aquela de *Dança com lobos*, em que o protagonista se deixa envolver nas histórias dos índios, se torna protagonista para, depois separar-se de novo deles e voltar à própria história após uma dupla transformação: aquela dos índios e aquela de si mesmo.





A atenção aos sinais do texto emotivo/narrado permite que não sejam desconsideradas histórias que devem ser contadas e transformadas e que possam permanecer escondidas todas as outras histórias que não tenham ligação com a emoção e a urgência do hoje.

O desenvolvimento da história compartilhada (Vallino Macció, 1993) constituirá, portanto, um reservatório que poderá ser utilizado por outros níveis de grupalidade: “o proliferar das emoções que já o primeiro encontro acendeu”... “o medo em relação ao que proliferava”... “a necessidade de terapias antiproliferativas”... “e qual a terapia mais eficaz” serão, depois, histórias a serem escritas sucessivamente, mesmo que seja passando através do texto da preocupação pela doença proliferativa, em relação à qual se pergunta se teremos tempo para intervir.

Encontro o tempo e o modo de antecipar o início da análise com Rosa.

### **Permeabilidade do campo e a lembrança de experiências novas**

Um outro aspecto que gostaria de assinalar é aquele da necessidade de uma grande permeabilidade do campo, para que nisso possam encontrar acesso e transformação dos aspectos mais primitivos das mentes. Mas, a entrada de um personagem é somente o prelúdio para a sua transformação, transformação essa que creio possa permitir, como no célebre exemplo de Etchegoyen<sup>7</sup>, a construção de lembranças diferentes em relação ao mesmo “fato” e, eu acrescentaria também, a lembrança possível de fatos nunca acontecidos, à exceção do acontecimento dos mesmos na realização emotiva do agora<sup>8</sup>.

Somente com a finalidade de exercitar, consideremos que, após uma intervenção do analista, um paciente “lembra” o terror que sentia pelo próprio pai pugilista profissional... e como desde criança não tivesse nunca sido escutado pelo pai terrivelmente violento.

Como pensar essa “redescoberta”?

O pai pugilista assim redescoberto é certamente um achado importante e, sem dúvida, possui alguns componentes constitutivos que se referem à transferência (seja como repetição e como exteriorização), mas é também alguma coisa que se estrutura no campo naquele momento: é o modo como certas partes do paciente ouviram a

7. Onde o Autor mostra a transformar-se de uma lembrança de modo radical com a evolução da análise (Ferro, Meregnani, 1993a).

8. Qual valor “objetivo” podemos dar à lembrança se “produzida” no interior do “mesmo lugar” onde são produzidos os sonhos, ou seja, na transformação de elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$  que somente como tais podem ser conservados (Bion, 1962).





Antonino Ferro

intervenção do analista-pai pugilista violento (que certamente agrega a violência que existe no campo, também no paciente, o qual produz identificações projetivas que entram no campo). Então, esse pai violento-pugilista está ali no campo que necessita ser transformado, graças ao “working through” do analista, graças à sua capacidade de gerir e transformar essa violência através das próprias intervenções medidas e contidas.

Serão naturalmente necessárias muitas passagens, meses ou anos de trabalho, para permitir a transformação desse personagem “pugilista violento” em um pai “que também amava pescar” ou “acompanhar as crianças à escola” ou “ser disponível com os amigos depois de um bom encontro”<sup>9</sup>. Ou seja, o estruturar-se no aqui e agora de um pai nascido no *hic et nunc* do encontro relacional e que irá, depois, habitar o Mundo Interno e a História, permitindo aquelas “lembranças de experiências novas” que são um dos fatos mais peculiares da nossa vida mental. E, não me refiro tanto à desobstrução de outras histórias possíveis, que ficaram obstruídas na história prevalente, fato que pressupõe, de qualquer modo, que experiências positivas tenham sido feitas em algum outro lugar, suspendendo todo o juízo sobre aquilo que não posso saber. Sei, com certeza, que no *hic et nunc* se reestruturarão (estruturam?) novos personagens, novas narrações que depois tornam (ou começam pela primeira vez?) a habitar História e Mundo Interno. Temos contínuos exemplos em análise, se renunciarmos a escutar as histórias dos pacientes despidas da repressão ou da distância da separação para considerar a novidade criativa.

Da mesma maneira, um personagem ou um sentimento, por exemplo, “o medo pelo pai violento”, não pode ser compreendido como participante das projeções das fantasias inconscientes do paciente, se entra em cena no início da sessão, para depois ser percebido, durante a sessão, como transformação em “pai competente”, pai esse que, em seguida, nasce da relação.

São, na realidade, de mundos e de leituras diferentes. O “pai violento” e, suponhamos, “o pai competente”, pertencem a todos os três eixos presentes no campo, todos os três poderão ser vistos na história, na fantasia inconsciente, na relação: existem somente as figuras positivas pertencentes à Relação e aquelas negativas ao Mundo Interno ou à História; o pai violento nasce, também ele, da Relação, das sessões precedentes, da interrupção... da falta de capacidade de percepção por parte do analista em um certo momento. E essa é a *realidade relacional do campo*, junto com a qual existe a realidade do mundo interno e a realidade histórica.

O lugar do conhecimento é a realidade do mundo interno e da História, o *único* lugar das transformações é a realidade emotiva da Relação no Campo.

9. Sempre que o analista tenha sido capaz de “pescar” os significados, de acompanhar o paciente nos seus recursos, de ser disponível nos encontros. etc..





O analista competente levará em consideração a violência “do pai”, não indo além do campo, defendendo-se ao mover aquela emoção na História ou no Mundo Interno do paciente, mas perguntar-se-á por qual vértice (estranho, absurdo, psicótico) *é verdadeiro, para aquele paciente, naquele momento, um pai que suscita terror* (sempre levando em conta que o seu modo de ser é superdeterminado também pelas identificações projetivas e tomadas em posição do paciente e, como deve se colocar, como deve se *transformar*, para permitir a transformação daquele pai em um outro sensível às necessidades emotivas do filho e etc., por assim dizer, para suscitar afeto e gratidão.

Essa transformação relacional no campo daria vida a uma nova configuração do “pai” que, depois, poderá se constituir como lembrança de um fato novo na história e novo habitante do *campo da fantasia inconsciente*.

Naturalmente, os exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, mas creio ter esclarecido o que entendo quando afirmo que o lugar da transformação é o *hic et nunc* da situação analítica e, mais precisamente, o lugar onde iniciam todas as transformações é a mente do analista.

No fundo, um discurso análogo poderia valer para a entrada na sessão de um personagem qualquer, “Francesco”, naturalmente “Francesco”, que muito provavelmente tenha uma relação externa verdadeira com os fatos pelos quais venha a ser considerado. É possível que “Francesco” “represente” algum aspecto do paciente. “Francesco” provavelmente existe nos funcionamentos divididos do paciente, por meio de suas modalidades, das quais não é consciente, ou que seja um tipo, o amigo secreto” de Conrad (Gaburri, 1986), um habitante da vida mental do analista. Muito provavelmente seja tudo isso, mas *é certo que* “Francesco” se relaciona com o campo emotivo-lingüístico-afetivo no interior do qual se delineou, ou melhor – que depois dá no mesmo – se nominou (Bezoari, Ferro, 1989, Iggo, 1991, 1992).

Devo, então perguntar-me quais são os vetores emotivos do campo que trouxeram “Francesco”, ali, naquele momento, naquela narração e ver quais transformações serão depois possíveis para o “personagem do campo” e “das suas relações”.

Isso é significativo e terapêutico porque, depois, todas essas novas situações tornarão a informar-lhe o Mundo Interno e a História.

É evidente a diferença existente entre esse modelo e outros, mesmo presentes no campo, que olham para a História como história real externa ou para as projeções das fantasias inconscientes como relacionadas ao funcionamento mental do paciente em um “solo”. E, como por conhecimento e por *insight*, esse modelo substitui a transformação através da metabolização de elementos beta por parte do analista.

A interpretação perde a sua centralidade e é substituída pelo trabalho mental feito pelo analista na sessão, ao permitir sempre mais a presença no campo de um





Antonino Ferro

gradiente  $\beta \rightarrow \alpha$ ; a vitória ou a falência dessa operação será continuamente renarrada pelo paciente através das histórias, dos fatos, dos personagens que trará na sessão.

Tal modalidade de ver o que acontece no campo é radicalmente diferente em relação ao conceito de *experiência emocional corretiva*, já que não está em jogo o modo de ser do analista, afetuoso ou compreensivo, a ponto de se constituir em uma nova experiência positiva; trata-se de completar *experiências emocionais transformativas*, o que exige um grau máximo de permeabilidade do analista e do campo, em todos os aspectos da transferência do mundo interno do paciente que serão veiculados pela repetição e pelas identificações projetivas (Tagliacozzo, 1982; Lissana, 1991). Está em jogo, portanto, uma conceitualização dinâmica do inconsciente, como lugar e processo em contínua formação e transformação, não como lugar-depósito das repressões, mas como lugar-espaco-modalidade em contínua formação e transformação, como foi descrito por Bion, como se fosse uma barreira de contato, constante, como um fecho que se “abre”, distinguindo e separando os territórios do consciente daqueles do inconsciente (Bion, 1962).

Se quiséssemos reconsiderar o exemplo do pai pugilista, seria absolutamente necessário um pré-requisito para todos os tipos de transformação, que tal “violência” pudesse entrar no campo através de qualquer “janela”, através das palavras do paciente, das suas emoções, do seu modo de comunicar ou por parte do analista com sua violência interpretativa.

Os eixos da sessão (histórico-relacional, das fantasias inconscientes, de campo) são sincrônicos e distinguíveis somente de acordo com o vértice em que se situam; cada um é, por si só, coerente, isotópico e autoconfirmador. Somente a oscilação dos vértices de escuta pode permitir uma visão pluridimensional, capaz de dar consistência à História, ao Mundo Interno, à Relação, ao Campo Emotivo e ao modo de colocar-se do paciente no interior desses mundos possíveis (Ferro, 1991a e b; 1993).

## Conclusões e princípios

1) Estou interessado nas formas lingüístico-pictóricas que permitam o delineamento, a descrição, a evolução transformativa das emoções que vivem no campo.

2) O campo emotivo é estruturado a partir das emoções da História e do Mundo Interno: os personagens da sessão podem ser vistos por vértices diferentes: histórico-referenciais, habitantes do mundo interno, “agregados funcionais”.

3) Os hologramas afetivos, os personagens compreendidos como expressões tridimensionais, parecem-me constituir um vértice importante de compreensão da sessão, *esse vértice não pode ser nem único nem constante*.





4) O diálogo é compreendido na qualidade de permitir operações transformativas cujo lugar privilegiado considero a mente do analista.

5) Fio condutor é o pensamento onírico do estado de vigília do qual podemos perceber os derivados próximos também nas livres associações que possuem a característica de veicular de qualquer forma, algum gradiente de oniricidade.

6) O sonho, exatamente pelo seu alto teor de elementos alfa, é a comunicação que menos precisa ser “interpretada”, mas já está pronta seja para a sua função de monitoramento do campo, seja para assinalar as novas soluções que o campo realiza; o sonho é o elemento mais acabado e trabalhado para criar narrativas ulteriormente transformativas.

7) São peculiares ao texto da sessão analítica o fenômeno do choro do texto e a “lembrança de experiências novas”.

8) A permeabilidade da mente do analista e do campo são pré-requisitos indispensáveis para que possam ser transformadas as áreas primitivas da mente.

9) A ativação de mundos veiculados pela transferência e pelas identificações projetivas em contínua oscilação, criam infinitas aberturas de sentido e a necessidade de respeitar os direitos do texto emotivo do paciente. □

## Summary

The author presents some reflections on the analytical process, in which interact the analyst's and patient's mind.

He shows the intense work that must occur in the analyst's mind – how it could be permeable – allowing that the transformations occur and maintain itself in the patient's mind.

## Referências

- BARALE, F.; FERRO, A. (1987). Sofferenza mentale dell'analista e sogni di controtransfert. *Riv. Psicoanal.* 33, 219-233
- BARALE, F.; FERRO, A. (1992). Reazioni terapeutiche negative e microfratture nella comunicazione analitica. In: L. Nissim Momigliano, A. Robutti (a cura di), *L'esperienza condivisa*, Cortina, Milano.
- BARANGER, M.; BARANGER W. (1961-62). La situazione analitica come campo dinamico. In: *La situazione psicoanalitica come campo bipersonale*, Cortina, Milano, 1990.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1989). Interpretazione e funzioni trasformative nel dialogo analitico. *Riv. Psicoanal.* 35, 1015-1051.





Antonino Ferro

- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1990). Elementos de un modelo del campo analítico: los agregados funcionales. *Revista de Psicoanálisis* 5/6.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1991a). Oscillazioni significati affetti. *Riv. Psicoanal.* 2, XXXVIII.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1991b). Percorsi nel campo bipersonale dell'analisi: dal gioco delle parti alle trasformazioni di coppia. *Riv. Psicoanal.* 37, 5-47.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1992). El sueño dentro de una teoría del campo: los agregados funcionales. In corso di pubblicazione su *Revista de Psicoanálisis*.
- BION, W.R. (1962). *Apprendere dalla esperienza*. Armando, Roma, 1972.
- BION, W.R. (1965). *Trasformazioni*. Armando, Roma, 1973.
- CAVAZZONI, E. (1990). *Il poema dei lunatici*. Boringhieri, Torino.
- CORRAO, F. (1991). Trasformazioni narrative. In: A. Ammaniti, D.N. Stern (a cura di), *Rappresentazioni e narrazioni*, La Terza, Bari.
- DI CHIARA, G. (1983). La fiaba della mano verde o dell'identificazione proiettiva. *Riv. Psicoanal.* 4, 459.
- ECO, U. (1962). *Opera aperta. Forma e indeterminazione nelle poetiche contemporanee*. Bompiani, Milano.
- ECO, U. (1979). *Lector in fabula*. Bompiani, Milano.
- ECO, U. (1990). *I limiti dell'interpretazione*. Bompiani, Milano.
- FERRO, A. (1991a). From Raging Bull to Theseus: the Long Path of a Transformation. *Int. J. Psycho-Anal.* 72, 417-425.
- FERRO, A. (1991b). La mente del analista en su trabajo: problemas, riergos, necessitades. *Revista de Psicoanálisis* 5/6.
- FERRO, A. (1992a). Due Autori in cerca di Personaggi: la Relazione, il Campo, la Storia. *Riv. Psicoanal.* 1, XXXVIII, 45-91.
- FERRO, A. (1992b). *La tecnica della Psicoanalisi Infantile. Il bambino e l'analista: dalla relazione al campo emotivo*. Cortina, Milano.
- FERRO, A. (1993a). From Hallucination to Dream: from Evacuation to the Tolerability of Pain in the Analysis of a Preadolescent. In corso di stampa su *The Psychoanalytical Review*.
- FERRO, A. (1993b). The Impasse within a Theory of the Analytic Field: Possible Vertices of Observation. In corso di stampa su *Int. J. Psycho-Anal.*
- FERRO, A., MEREGNANI, A. (1993a). Listening and Transformative Functions in the Psychoanalytical Dialogue. In corso di stampa su *Bollettino F.E.P.*
- FERRO, A., MEREGNANI, A. (1993b). Criteri di analizzabilità e assetto mentale dell'analista nelle interviste preliminari. In corso di pubblicazione.
- FERRO, A. (1993). *Mundos posibles y Capacidades negativas del analista en su trabajo*. Relazione presentata al III Congreso Iberico e Psicoanálisis, Barcellona, 30-31 de octubre de 1993.
- GABURRI, E. (1986). Dal gemello immaginario al compagno segreto. *Riv. Psicoanal.* 32, 4, 509-520.
- HAUTMANN, G. (1981). Il mio debito con Bion: dalla psicoanalisi come teoria alla psicoanalisi come funzione della mente. *Riv. Psicoanal.* 27, 558-572.
- LUSSANA, P. (1991). Dall'interpretazione kleiniana all'interpretazione bioniana, attraverso l'osservazione dell'infante. In corso di pubblicazione.
- MANFREDI TURILLAZZI, O. (1985). L'unicorno. Saggio sulla fantasia e l'oggetto nel concetto di identificazione proiettiva. *Riv. Psicoanal.* 31, 462-477.
- NISSIM MOMIGLIANO, L. (1984). Due persone che parlano in una stanza. (Una ricerca sul dialogo analitico). *Riv. Psicoanal.* 30,1, 1-17.
- PAVEL, T.J. (1976). Possible Worlds in Literary Semantics. *Journal of Aesthetics and Art. Criticism* 34, 2, 165.
- PETOFI, J.S. (1975). *Vers une Theorie partielle du texte*. Buske, Hamburg.
- PETRELLA, F. (1985). *La mente come teatro*. Centro Scientifico Torinese, Torino.





O diálogo analítico: Constituição e transformação de mundos possíveis

---

- PETRELLA, F. (1993). Percezione endopsichica / fenomeno funzionale. In corso di pubblicazione su *Riv. Psicoanal.*
- PLATINGA, A. (1974). *The nature of necessity*. Oxford University Press, Londra.
- TAGLIACOZZO, R. (1982). La pensabilità: una meta della psicoanalisi. In G. Di Chiara (a cura di) *Itinerari della psicoanalisi*, Loescher, Torino.
- VALLINO MACCIÒ, D. (1993). Una storia, le storie, i sogni dell'analisi dei bambini. Letto al Centro Milanese di Psicoanalisi, 25 marzo 1993.
- VAN DIJK, T.A. (1975). Pragmatics and Poetics. In *Pragmatics of language and literature*. North Holland, Amsterdam.

Tradução de **Kurt Yahn**

Revisão técnica de **Dr. Paulo Figueiredo**

**Antonino Ferro**  
Via Cardano, 77  
27100 – Pavia – Itália

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

Página 64 é branca





# Desidentificação: A propósito de um caso clínico\*

*Edgar Chagas Diefenthaler\*\**, Porto Alegre

*O autor desenvolve, a partir de fragmentos de um caso clínico, alguns aspectos das desidentificações das identificações patológicas, o que considera como um dos momentos importantes do tratamento psicanalítico. Muitos autores, baseados nos conceitos de Freud, dividem, em linhas gerais, as identificações em normogênicas ou estruturantes e patogênicas ou alienantes. O termo desidentificação foi usado por O. Mannoni (1984) que diz: “a identificação é inconsciente... e a conscientização desidentifica”. Algumas considerações são tecidas em torno desses conceitos e de aspectos do tratamento possível das patologias identificatórias.*

\* Trabalho apresentado no Instituto de Psicanálise da SPPA em 1994.

\*\* Candidato do Instituto de Psicanálise da SPPA.





## Introdução

Há muito tempo faz parte do senso comum a noção de que a identificação participa da formação da personalidade. Muito antes de a Psicanálise começar a se interessar, do ponto de vista técnico, por esse tema, o processo de identificação já estava implícito nos imperativos éticos de que os pais deveriam ser bons modelos para os filhos e mantê-los longe das más companhias, por serem, essas, maus exemplos. Dessa forma, supõe-se que a identificação constitui um poderoso fator na formação do caráter (White, 1973:95). A sabedoria popular registra e observa: – “Dizeme com quem andas e dir-te-ei quem és”.

O termo *identificação* é bastante antigo e difundido, mas aparece nos dicionários mais ligado a definições relacionadas à consciência e aos afetos. O essencial do trabalho de Freud consistiu em vincular a noção de identificação ao desenvolvimento do inconsciente (Michaud, 1988: 27).

Observa Garcia Badaracco que, apesar “do consenso geral de que a identificação é um dos processos básicos da estruturação da personalidade e uma das pedras angulares da teoria psicanalítica”, e apesar de “a prática clínica psicanalítica evidenciar a importância dos mecanismos de identificação para a compreensão de muitos aspectos da patologia mental, a teoria não parece ter avançado tanto nesse campo” (1990: 85). Assim, conclui-se que o pouco avanço do conhecimento dessa questão preliminar obscurece a noção do tratamento possível da identificação no marco psicanalítico.

O objetivo do presente artigo é desenvolver , a partir de fragmentos de um caso clínico, alguns aspectos da *desidentificação* das *identificações patogênicas*, o que, provavelmente, constitui um dos momentos essenciais do tratamento psicanalítico. O termo desidentificação foi usado por Octave Mannoni em 1984 e intitula seu trabalho publicado em 1985 (em “Le Moi et l’Autre”, edições Denöel da coleção Espace Analytique), em que considera o mero “dar-se conta” da identificação como suficiente para acionar a desidentificação: “a identificação é inconsciente... e a conscientização desidentifica” (p.97) . A conscientização de que algo em “si-mesmo” foi tirado de outro talvez seja suficiente para provocar o necessário distanciamento entre o sujeito e o outro com o qual se deu a identificação, mas isso não é suficiente em muitas situações (como no caso a seguir), em que há identificações mais fixas.

Freud (1921:105) afirma que “a identificação é conhecida pela Psicanálise como a expressão mais primitiva de uma ligação emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”. Essa consideração situa a identificação como mecanismo fundamental no desenvolvimento mental infantil. E, “ao afirmar que a identificação já é possível antes mesmo da escolha





sexual de objeto, Freud conclui que ela busca moldar o ego de acordo com o objeto tomado como modelo” (Pechansky, 1989: 151).

“O processo de repressão primária instala a amnésia infantil; essas primeiras fases de desenvolvimento não podem ser encontradas tais como eram, mas as identificações primeiras conservam-se como marcas mnêmicas e atualizam-se nos conteúdos mentais, seja através do que chamamos de “representações” nos termos de Freud, “fantasias inconscientes” para M. Klein, “objetos internos” nos termos de M. Klein e Fairbairn ou “fantasmas de identificação” para Alain de Mijolla, e reencarnam-se e tomam nova vida dentro de nós em novas encenações nos sonhos, nos devaneios, nos pensamentos, nos atos, nos sintomas, etc” (G. Badaracco, 1990: 86).

### Identificação Estruturante e Patogênica

Em “Luto e Melancolia” (1917), Freud descreve com profundidade o processo de *um tipo de identificação que surge como resultado de uma perda de objeto*; considera a identificação como estruturalmente associada à fase oral canibalística do desenvolvimento da libido (segundo sugestão de Abraham), que seria o primeiro caminho para o ego escolher um objeto que deseja incorporar de acordo com a fantasia canibalística, ou seja, devorando-o. Afirma que esse processo é muito freqüente e que somente assim o indivíduo é capaz de abandonar ou aceitar perder seus objetos; seria esse o mecanismo determinante do caráter do ego, que é um precipitado de antigas cargas objetais abandonadas e que contém a história dessas escolhas de objeto. Esse tipo de identificação, que permitiria a elaboração do luto, está no centro dos processos de desenvolvimento do aparelho mental, ou seja, é *estruturante*. Em *outro tipo de identificação*, aqui descrita por Freud, *a escolha objetual é substituída por uma identificação*, há uma regressão e abandono da carga objetual (identificação de tipo narcisista), o que levaria ao luto patológico, isto é, à melancolia. Essa é a forma *patogênica de identificação*<sup>1</sup>.

Freud diz que o luto normal leva o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferece ao ego o incentivo de continuar a viver e “assim também cada luta isolada da ambivalência distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o” (p. 290). Ao passo que, na melancolia, o ego identifica-se com a imagem do objeto já perdido (morto, denegrido) e totalmente desinvestido de libido; desta forma, o objeto permanece no ego, como uma presença intrusa e sinistra, como um fantasma.

1. Freud falou em outros tipos de identificação, como identificação histérica, primária, etc., que não serão aqui abordados.





A. Green (1988: 65) assinala que em “Luto e Melancolia”, a propósito da melancolia, Freud opõe a forte fixação (oral) ao fraco investimento no objeto enquanto situa o luto no centro dos processos de transformação característicos da função objetualizante, que é a meta essencial das pulsões de vida.

Muitos autores, baseados nos conceitos de Freud, dividem, em linhas gerais, as identificações em dois grandes grupos: *identificações normogênicas* ou *estruturantes* e *identificações patogênicas*, que determinam os dois destinos da vida psíquica. Essa, como Freud definiu, tem como objetivo, em grande parte, a elaboração de conflitos.

As *identificações estruturantes* “servem para o crescimento e constituição do ego desde o “si-mesmo”. Assim, o destino da atividade mental servirá para o desenvolvimento do pensamento simbólico”. As *identificações patogênicas*, ao contrário, “são conteúdos psíquicos que não podem ser mentalmente processados e mantêm-se como tal, com uma qualidade compulsiva e são vivenciadas como corpos estranhos que devem ser mantidos cindidos do curso associativo”; “como são controlados por fortes mecanismos de defesa que representam um permanente desgaste de energia que seria necessária para a estruturação do aparelho psíquico, determinam uma atividade mental que conduz às deformações do ego de que Freud falava” (G. Badaracco, 1990: 87-8)<sup>2</sup>.

Essas identificações patogênicas seriam as descritas por Freud como determinantes da melancolia, onde o ego não é capaz de “matar o objeto morto”. Tal *fixação* mantém-se indiferente ao passar do tempo, de forma permanente, como uma presença intrusiva e perpétua, como um “outro” no espaço mental do sujeito, um “outro” oriundo do passado familiar (*heimlich*) que se inscreve na atualidade do indivíduo como algo estranho (*unheimlich*) e nefasto à individualidade.

O aspecto alienante da identificação é descrita por Freud em “O Estranho” (1919: 254): “a identificação reanima o sentimento estranho pela desvalia que apresenta o ego ante a repetição não deliberada que lhe impõe a fatalidade irreversível desse “outro” (duplo) que não é efetivamente algo novo ou alheio, e sim algo familiar (*heimlich*) e antigo à vida mental, somente alienado dela pelo processo da repressão. O estranho (*unheimlich*) do duplo, esse outro é algo que deveria ter ficado oculto, e que, no entanto, emergiu”.

“Essas identificações patológicas determinam organizações mentais também patológicas”: “os precursores do ego propriamente dito não podem estruturar-se so-

2. Este mecanismo é chamado por Meissner, o estudioso das identificações da Psicologia do Ego, de “introjeção”. Dentro de sua classificação das internalizações seria, por um lado, mais evoluído que a “incorporação” (em que haveria uma indiferenciação, ou fusão, entre sujeito e objeto, pertinente a um funcionamento mais regressivo) e, por outro lado, menos evoluído que a identificação, onde a diferenciação e a integração tornam possível a formação da identidade, o mais alto grau das internalizações.





bre a base de sua espontaneidade” e “são obrigados a recorrer a identificações mimetizantes<sup>3</sup> com diferentes aspectos das figuras parentais que alimentarão o superego, sem poderem desenvolver um “si-mesmo” próprio”. “Quanto menos identificações egóicas estruturantes e mais identificações superegóicas ameaçadoras, menor possibilidade de chegar a uma identidade própria verdadeira que inclua um “si-mesmo” capaz de intimidade pessoal e capaz de estar só” (G. Badaracco 1990:91). Fragmentos de um caso clínico podem ilustrar alguns aspectos aqui discutidos.

### Caso clínico

A paciente, que chamo de Isabela, iniciou tratamento comigo aos 35 anos de idade. Apresenta um caráter histérico, luta constantemente contra a identificação patogênica determinada pela introjeção da imagem da mãe dominadora, crítica e exigente e vê-se obrigada a repetir com a filha e o marido a mesma atitude dominadora e crítica que diz deplorar em sua mãe. Ao mesmo tempo, reativamente, busca e exalta as características opostas, idealizadas e introjetadas do pai morto no início de sua adolescência, o que se constituiu em um fato traumático em sua vida, reativado com a perda de um familiar, substituto do pai perdido, determinando a busca de tratamento.

Diz Isabela que, ao perder o pai, “seu mundo desmoronou”; sem seu apoio, passou a sentir-se “uma pobre coitada”, vivendo sob as críticas da mãe, que eram reforçadas pelas irmãs mais velhas (identificações alimentam mais o superego do que o ego). Desde então, tolera mal as mudanças e considera que a passagem do tempo só trouxe perdas e infelicidade.

Descreve a mãe como “carrancuda”, irritada, queixosa e sem autocrítica, pois essa sempre atribui às pessoas próximas o motivo de suas contrariedades e infelicidade, enquanto o pai é descrito como um homem amável, disponível e sorridente.

A história familiar de Isabela conta que seu pai imigrou de um país longínquo e escolheu, para as filhas, nomes idênticos aos nomes das filhas de uma irmã, que vivem no lugar de origem da família.

A mãe de Isabela também veio de outro país, de família numerosa e com várias dificuldades e persistiu muito ligada aos irmãos e dependente deles, todos, ao contrário dela, em situação econômica privilegiada. Esse foi mais um motivo de queixa contra o marido, com quem parece não ter tido um casamento satisfatório.

3. Identificação com o agressor, segundo Ana Freud (1936).





Edgar Chagas Diefenthaler

Após a morte do pai, Isabela ficou muito só; a mãe necessitava trabalhar fora o dia inteiro para manter a casa, o que fazia com que se sentisse um “estorvo” aos planos da mãe de encontrar um novo marido.

Isabela casou-se com um dos primeiros namorados. Descreve o marido como um homem bom, protetor e asseado, como fora seu pai. Queixa-se de suas constantes ausências em função do trabalho, o que a faz sentir-se muito só. Considera o relacionamento sexual do casal frio e esporádico por sentir-se freqüentemente deprimida, irritada, desanimada e infeliz (pouca capacidade de ter intimidade).

Quando a filha nasceu, apesar da intensa ansiedade pela responsabilidade de ser mãe, sentiu-se muito feliz. Decidiu não trabalhar em sua profissão para dedicar-se integralmente aos cuidados da filha. Considera essa a melhor fase da sua vida. Seu ideal de felicidade segue sendo o de ser a mãe perfeita de um bebê perfeito (ideal de ego regressivo: manter-se dentro de uma relação fusional, como díade narcísica), ideal terrivelmente abalado pelo corpo púbere e pelas tentativas de autonomia da filha adolescente.

Isabela tem como projeto maior da sua vida (ideal do ego) ser uma mãe sorridente, disponível e encorajadora; deseja ser para a filha a mãe que ela própria gostaria de ter tido, para que a menina nunca venha a sentir-se, como ela, feia e insegura. Dessa forma, também se protege das críticas que ela própria faz à mãe. Isabela é, na verdade, uma mulher bonita, mas não tão bondosa e perfeita como gostaria de ser (representação do ego ideal distante da representação do ego real).

O afastamento circunstancial da filha e do marido faz com que se sinta muito só, abandonada e inútil e, conseqüentemente, desanimada e deprimida. Sente-se rechaçada por ambos como o foi pela mãe. Os momentos de revolta transformam-na em uma severa crítica do marido e da filha; passada a raiva, pensa que está sendo para a filha como sua mãe sempre foi, “carrancuda”, acusadora e intolerante, o que a deixa novamente desanimada e contrariada, porque se percebe agindo como jamais quis, como mais detesta ser, igual à própria mãe.

Na transferência, ativam-se traços de caráter do tipo sádico e exigente, quando Isabela vê-se obrigada a repetir com sua filha a mesma atitude crítica e “carrancuda” da mãe, o que a deixa muito deprimida e raivosa. Com isso, expressa-se a identificação com a mãe. Nesses momentos, trata o terapeuta de forma crítica, como sentiu que a mãe a tratava: como um “estorvo” e um “inútil”. Uma vez que o tratamento, mantido com sacrifício, não logra mudar sua forma de reagir, estaria, assim, fadada a ser infeliz como a mãe e a culpar os outros, filha, marido e terapeuta, por sua infelicidade. Além de tratar o terapeuta como se sentiu tratada pela mãe, também coloca o próprio ego numa atitude de submissão diante da imagem materna internalizada no superego. Contratransferencialmente, nesses momentos, percebia-me invadido por





sentimentos de desânimo, culpa e inabilidade assim como esvaziado de minhas capacidades.

Tal conduta de Isabela parece-me ser o produto de um processo identificatório patológico no qual as identificações superegóticas, como a crítica e a intolerância, características atribuídas à mãe, predominam sobre as identificações egóticas com características positivas e benevolentes, atribuídas ao pai. Essas identificações mantêm a atividade mental num contexto defensivo contra constantes e ameaçadoras ansiedades de separação (pouca capacidade de estar só). Além disso, nesse caso, a vida psíquica está formada por identificações com figuras parentais incapazes de elaborar seus próprios lutos (a mãe sempre deprimida e o marido lamentavam muito a distância de suas famílias de origem), por isso também incapazes de acompanhar o ego dos filhos em seu desenvolvimento para fazer seus próprios lutos e constituir uma identidade própria e verdadeira. As identificações patogênicas repetem-se compulsivamente, sem se modificarem, como se o tempo não passasse (Isabela, como vimos, sente-se muito ameaçada com o passar do tempo e as mudanças que esse traz).

Parece que a isso se referiu Freud (1919:246): “a identificação de uma pessoa com a outra faz com que se confunda seu próprio ego e coloque o ego alheio em lugar do seu próprio. Portanto: há um desdobramento do ego, divisão do ego, substituição do ego; finalmente, há o constante retorno do semelhante – com a *repetição dos traços faciais semelhantes, ou caracteres, destinos, atos criminais, ou até dos nomes, através das diversas gerações que se sucedem*”. (Grifos meus).

Processos identificatórios, como o dessa paciente, são facilmente observáveis na clínica psicanalítica. A questão de como tratar tais patologias identificatórias impõe-se: como ajudar esses pacientes a libertarem-se da intrusão de fantasmas oriundos de seu passado familiar, para que possam traçar uma história, um caminho, uma identidade que lhes sejam próprios.

## Desidentificação

As desidentificações são divididas por Baranger, N. Goldstein e R. Z. Goldstein, em: *desidentificações espontâneas*, que se dão naturalmente ao longo da vida e *desidentificações no trabalho analítico*. Entre as últimas, podem ser descritas três formas: desidentificação do *objeto enlouquecedor*, desidentificação por desluto (tradução minha do termo espanhol “desduelo”) e desidentificação por *autonomia narcisista*.







## Desidentificações espontâneas

“As desidentificações espontâneas são úteis porque nos mostram um caminho para ajudar o paciente a desfazer-se de suas identificações patógenas no processo analítico”. O que propulsiona esse tipo de desidentificação “é o caráter contraditório dos processos identificatórios. O aspecto mais importante dessas contradições está na dualidade sexual dos objetos primários e essa situação é ainda mais complicada pelo fato de que os modelos identificatórios (antes de tudo, os pais) por sua vez são produto de identificações diversas com ambos os sexos”; “portanto, se não houvesse um trabalho espontâneo constante de desidentificação, o sujeito se apresentaria como uma espécie de *patch-work* composto de pedaços de identificações, apenas alinhavados entre si” (Baranger, W. et alii, 1989: 896).

A própria situação edípica, necessariamente, contribui para as contradições e conflitos entre as identificações, nas flutuações e no ir e vir das alianças, nas complacências e exclusões, ou seja, nas constelações intrínsecas à complexidade triangular.

Além disso, devemos incluir, entre as desidentificações espontâneas, as mudanças e perdas que naturalmente ocorrem na vida do sujeito, que constituem “as crises, de certa forma necessárias, para que o ideal do ego infantil possa evoluir e chegar a um ideal de ego adulto, passível de se integrar com o superego e necessário para a estruturação da personalidade”, como remarca J. Chasseguet-Smirgel (1992: 152).

“A história de um sujeito é, em parte, a história de suas desilusões”; a descoberta das imperfeições, limitações, dependências de outros adultos, necessidades, carências e a sexualidade dos pais “todo-poderosos”, herdeiros do ideal de ego infantil, determinam sentimentos de perda, solidão, desamparo e vergonha, “por isso a freqüente queixa dos pacientes de seus pais não terem sido como ‘deveriam’ ser” (Baranger, W. et alii, 1989: 897). Lembro do terrível choque que teve uma paciente, em sua puberdade, quando descobriu que seu pai, “tão forte e importante”, tinha um chefe. Choque do qual ela não se recuperara de todo, pois permanecia muito decepcionada com o pai, ao longo de sua vida.

Kancyper (1990: 750) assinala que esses movimentos, essenciais na adolescência, “exigem o abandono da imagem idealizada e arcaica parental para encontrar ideais novos em outros modelos mais adequados à realidade”. “O afastamento que inclui a renúncia aos laços incestuosos equivale, em parte, à perda de um objeto de amor, ainda que ambivalente, o que faz com que sentimentos de culpa e dor acompanhem esse processo de desidentificação e ‘reidentificação’”. “O adolescente deve tolerar o luto e a revisão dos padrões estabelecidos para chegar à sua *Weltanschauung*, a uma cosmovisão questionadora própria”.





## Desidentificações no processo analítico

Enfrentamos constantemente o problema de conseguir que o analisando possa se desprender de identificações patógenas. Todas as identificações patógenas apresentam-se no campo psicanalítico como construções estratificadas e de difícil solução, à medida que pretendemos penetrar em suas camadas mais profundas. O trabalho psicanalítico permite que o indivíduo utilize desidentificações espontâneas, mas essas são soluções superficiais. No exemplo de Isabela, desidentificação espontânea seria substituir o predomínio das identificações com as características de beligerância e desconfiança atribuídas à mãe por identificações com características de tolerância atribuídas ao pai, mas permanecendo presa, no fundo, a sua identificação inicial com a mãe. Esse resultado seria bem ilustrado pela metáfora de Baranger, W. et alii: “uma luva de pelica dissimulando uma mão de pele demasiadamente sensível e unhas excessivamente afiadas” (1989: 898).

*O processo de desidentificação em níveis mais primitivos de organização psíquica* (psicóticos ou borderline) está relacionado com os núcleos identificatórios confusionais, que se mantêm cindidos no inconsciente e foram descritos por Garcia Badaracco com o nome de “objetos enlouquecedores”. “Estes fazem com que uma parte do paciente o transforme em um objeto enlouquecedor para si próprio, para o ambiente, ou para quem o está tratando”. “O confusional se refere não tanto à internalização de um objeto perseguidor, no sentido kleiniano, mas a um vínculo no qual sujeito e objeto não estão diferenciados e se comportam, simultaneamente, como perseguidor e perseguido, algoz e vítima”. “Nesse sentido, a elaboração paranóide seria uma tentativa de resolução do vínculo simbiótico e confuso mediante a localização, mais ou menos estável, do perseguidor e do perseguido em diferentes áreas da mente ou do espaço externo”. Aqui, a desidentificação no processo analítico “implica a utilização da transferência psicótica no trabalho de elaboração entre os processos de identificação projetiva e reintrojeção, tal como descreve M. Klein, o que é muito dificultado pelo caráter arcaico do vínculo introjetado e da necessidade, que o sujeito teve, de introjetá-lo. Procura-se uma diferenciação do que é interno e do que é externo que, no caso, é muito rudimentar. Busca-se, nos termos de Wisdon, uma ‘orbitalização’ de um introjeto nuclear” (Baranger, W. et alii, 1989:898-9).

*O processo de desidentificação em níveis superiores de organização psíquica* dar-se-ia de duas maneiras diferentes, de acordo com a forma de identificação que determinou a estruturação identificatória.

A primeira destas duas formas de desidentificação é aquela em que há um trabalho de “desluto” (“desduelo”), que “utiliza o mesmo procedimento do trabalho de luto descrito por Freud: o tomar consciência da situação histórica que deu lugar à





Edgar Chagas Diefenthaler

identificação, a análise de cada um dos aspectos e traços do objeto que foram acolhidos no ego e no ideal do ego, juntamente com as fantasias que acompanharam esse processo e de suas conseqüências patológicas. Necessita de um novo processo de discriminação, já não focalizado (como era no trabalho de luto) entre o vivo e o morto, mas sobre o harmônico e o desarmonico com o conjunto da personalidade”; “o resultado seria uma *re-objetalização* do que a pessoa havia considerado como sendo seu. Na medida em que ser como o objeto equivaleria a ter o objeto, deixar de sê-lo equivale a perdê-lo e por isso não deve surpreender que o trabalho de ‘desluto’ reavive os sentimentos de tristeza e pena que acompanham o luto, além de sentimentos de estranheza referidos à própria pessoa”. “Os ganhos demoram a ser considerados como tais, há uma sensação de perda de uma satisfação sem se ganhar nada em troca (por ex., mudança identificatória em pacientes homossexuais). Quando esse processo chega ao fim, aparecem sentimentos de esperança e vivências de renascimento” (Baranger, W. et alii, 1989: 900). O “desluto” seria como um segundo tempo do luto, o luto é o instaurar dentro de si aspectos do objeto, o “desluto” seria discriminar ou “devolver” ao objeto aquilo que em realidade lhe pertence e que é desarmonico (não combina) com a totalidade do “si-mesmo”, seria como “dar a César o que é de César”.

A outra forma de desidentificação seria a da “autonomia narcisista” que se refere ao ideal do ego. “Uma vez reconhecido o caráter patógeno das identificações do sujeito, esse trata de realizar um processo de separação interna, despojando-se do que foi tomado do objeto, o que é acompanhado de sentimentos de perda de identidade”, como se a autonomia passasse por uma sensação de mutilação. “Os traços do objeto adquiridos identificatoriamente foram vivenciados pelo sujeito como admiráveis, valoráveis ou necessários em algum aspecto, mesmo depois de se terem revelado patológicos” (Baranger, W. et alii, 1989: 900). Esse parece ser o caso da paciente Isabela, em quem a posse da “maldade” e da “carranca” do objeto teria sido necessária para o sujeito sair da situação em que se sentia como vítima do objeto.

Isabela faz do sorriso e manifestações de apreço de alguns objetos idealizados um pedestal e, quando falha essa sustentação, sente-se desmoronar e cair em um fosso de tristeza e indignação. Lamenta ser tão dedicada àqueles que ama e que sempre se revelam indiferentes e preocupados exclusivamente com seu próprio bem-estar. Justifica sua necessidade de aprovação com o fato de ter perdido, muito cedo, o pai que a aprovava e, com isso, ter ficado na dependência exclusiva da mãe desaprovadora, fria e irritada (com pouca capacidade de *rêverie*). Paradoxalmente, Isabela, com esse funcionamento, está sempre pendente dessa mãe, mantendo suas reivindicações infantis, bem como adotando e repetindo a expressão e a atitude que diz detestar na mãe.





A paciente não tem bem estabelecida a noção de que as pessoas têm suas próprias necessidades e limitações e espera estar sempre sendo alimentada e gratificada pelo objeto que deve, ao mesmo tempo, conter toda sua raiva (quando discorda de alguém, diz que “liga sua metralhadora” em direção ao objeto). Faz lembrar a imagem de Meltzer (1977: 173) da cisão do seio em função da expectativa de um “seio generoso e nutritivo, sempre disponível” e ao mesmo tempo um “seio-toilette”, onde se despejam todos os dejetos; faz-se necessário que a paciente aprenda a reter o sofrimento mental por períodos mais longos, sem expulsá-lo, para poder superar a atitude infantil de exigir a presença incondicional do objeto bom e a escassa responsabilidade adulta pela realidade psíquica própria.

O trabalho tem sido no sentido de poder, ela própria, dentro da relação com o terapeuta, vir a ter a noção de seu próprio valor e não depender tanto da aprovação de outras pessoas. Para Chasseguet-Smirgel (1991: 69), “o ego deve obter seu sentimento de valor e estima ao estar de acordo com as exigências do superego, que deve vir a ser a grande fonte de aportes narcisistas”; dessa forma, “o ideal do ego deve integrar-se ao superego, uma vez que o ideal do ego tende a restaurar a ilusão e o superego a promover a realidade; o superego separa a criança da mãe, o ideal do ego leva à fusão”.

Aqui, nesse tipo de desidentificação, “os processos que acompanham uma perda importante no ideal do ego, uma autonomia brusca neste nível, quer dizer, uma *desilusão*, se diferenciam claramente dos do ‘desluto’. Há um desmoronamento da ilusão e ideais patológicos que sustentam a auto-estima; com isso, devem aparecer intensos sentimentos de desproteção, medo de enlouquecer e fantasias paranóides” (Baranger, W. et alii, 1989:901)<sup>4</sup>. No caso descrito, Isabela passou do drama da conscientização de seu funcionamento patológico ao drama da lucidez, do “como é terrível ser assim (como a mãe)” ao “como pude ter sido assim (como a mãe)”; ambas as situações fazem-na experimentar sentimentos persecutórios e, por vezes, de depressão. Tanto o “encerramento” como o distanciamento da identificação com a mãe são sentidos como trágicos.

Atualmente, a paciente surpreende-se, retrospectivamente, ao dar-se conta de que tem reagido de forma distinta ao padrão que atribui à mãe. Considera aspectos positivos nessa e em si própria. Dessa forma, constata a utilidade do longo período de tratamento. Já não considera justa a convicção: seus “defeitos” como sendo de total responsabilidade da mãe e suas “capacidades” como méritos exclusivamente próprios.

Na sala de espera do consultório, uma reforma deu lugar a duas pequenas

4. Melanie Klein referiu a idealização como uma forma de neutralizar a angústia paranóide.





Edgar Chagas Diefenthaler

janelas. Isabela, nos momentos mais integrados, compara os efeitos do tratamento com os dessa reforma, dizendo que esse, através de pequenas aberturas em seu modo de sentir, permitiu que entrassem luz e ar em sua vida<sup>5</sup>.

Garcia Badaracco diz que todo vínculo simbiótico normal, determinado pelas necessidades básicas, permite uma desimbiotização, assim como deve haver a desilusão da ilusão de uma relação fusional com o objeto primário. “Uma vez que não se encontre um bom vínculo onde isso possa acontecer, há uma introjeção de vínculos patógenos, que leva a uma identificação patógena ou do tipo “salva-vida”, da qual o objeto não pode desprender-se”. A desidentificação dá-se através da experiência analítica de uma simbiotização com o analista, para assim poder desprender-se da identificação com o objeto primário que leva à repetição compulsiva ou à recriação da situação traumática onde se produziu essa identificação. Esse autor discorda da compreensão kleiniana do vínculo narcisista através das identificações projetivas dos pacientes, e considera que o drama narcisista é mais do narcisismo da mãe, ou do pai, do que narcisismo da criança, ou seja, há um déficit na função parental. “O ideal do ego foi somente uma idealização que não teve um depositário confiável, capaz de sustentar o ego nos momentos de perigo de naufrágio” (1990: 99). Penso que Badaracco coincide com Winnicott (1994:113, 328), que descreve um “processo de desilusão” que pertence à saúde, no qual a mãe desilude o bebê da ilusão da experiência de onipotência concedida por ela.

Serge Lecraire diz que “a prática psicanalítica se funda na revelação do trabalho constante de uma força de morte, que consiste em matar a criança maravilhosa (ou terrífica) que de geração em geração testemunha os sonhos e os desejos dos pais; não há vida sem pagar o preço do assassinato da imagem primeira (representação narcísica primária) em que se inscreve o nascimento de todos. Assassinato irrealizável, ainda que necessário, já que nenhuma vida é possível, nenhuma vida de desejo, de criação, se se suspende o assassinato da “criança maravilhosa”, sempre renascente (1990:11) .

Isabela nega-se a “matar essa criança maravilhosa” e insiste em recriar o vínculo da mãe maravilhosa cujo olhar beatífico converte a criança, e a si própria, em um extremo esplendor (como a Madona e seu menino Jesus).

“Matar a criança” consiste, ao mesmo tempo, em matar o pai – os pais – que marcaram a criança com as primeiras identificações (é um duplo assassinato); isso é o que complica a tarefa da desidentificação” (Baranger, W. et alii, 1989: 898).

5. Entendo essas “aberturas” como rupturas na defensiva “courage de caráter”, segundo os termos de W. Reich (1989:163).





## Construção e desidentificação

Mannoni (1992) observa que Freud considerou, com muita clarividência para a época, que “a identificação é um *modo de pensamento* que não tem necessidade de *ser justificado*” e complementa que “não se tem que procurar a causa – *o porquê* – da identificação, tem-se que considerar somente o *como*. Ou ainda, em análise, a identificação não é ela própria interpretável (ou, se quiser, não existe outra interpretação, além da desidentificação” (p. 95). Mais adiante afirma que “a identificação jamais se torna consciente, a não ser pela desidentificação” (p. 98). E conclui que “a identificação funciona, em primeiro lugar, como resistência” (p. 104).

Haydée Faimberg (1985: 1048) afirma que as identificações são alienantes porque o sujeito se submete, inconscientemente, às histórias de um “outro”, que não lhe dizem respeito, mas às quais se mantém preso; o “outro” significa o narcisismo parental e a identificação com o mesmo. Essas identificações alienantes são mudas e inaudíveis e têm uma história, ou seja, têm uma causa que, ao ser compreendida, as torna mais significativas e audíveis<sup>6</sup>.

É muito doloroso admitir que nossos pais também foram guiados por poderosas pulsões e que também tiveram que enfrentar conflitos insuperáveis (como o edípico). “Poucos pacientes atravessam a fronteira desse baluarte narcisista fundamental e conseguem profundidade na compreensão do caráter humano de suas origens”, diz Alain de Mijolla (1988: 75).

“O processo analítico deverá então sempre realizar-se numa sucessiva alternância de movimentos de elaboração interpretativa, fases de desidentificação, desenvolvimento de novos recursos egóicos e processos de elaboração e resolução de conflitos”, considera G. Badaracco (1990: 100).

Os resultados da identificação são inconscientes e, quando revelados, em geral não são questionados pelo sujeito que considera seus traços de caráter, condutas e situações repetidas que definem seu destino, mero resultado de inexorável herança, como se fora genética, sem levar em conta o *como*, em que contexto histórico e a serviço de que essa identificação se deu. Geralmente o sujeito adota uma postura de extrema passividade e conformismo (egossintônica), comumente manifestada na expressão: “sou assim como meu pai ou minha mãe sempre foram, afinal, como diz o senso comum, ‘o fruto nunca cai longe da árvore’”. Como se os filhos tivessem de se

6. Os autores citados usam o termo “historização” quando se realiza a investigação da história que cada identificação encerra; outro termo usado por esses autores é “reconstrução”, cunhado por Freud. Eu aqui prefiro o termo “construção”, também de Freud, que me parece estar mais vinculado às vivências internas do paciente. Entendo que a reconstrução, com a verdade histórica que contém, é mais útil para a compreensão do terapeuta.





Edgar Chagas Diefenthaler

resignar a repetir a história de seus pais e de sua família.

Pode-se concluir que, para a desidentificação no processo psicanalítico, a construção das situações traumáticas (historização, reconstrução) é de fundamental importância. As fontes das identificações arcaicas e patológicas são mudas, semelhantes aos traumas (“a ansiedade é uma reação original ao trauma que o ego, em seu desamparo, sofreu passivamente e passa a repetir ativamente”, Freud, 1926: 192), e se acham rodeadas de um vazio histórico, que precisa ser preenchido através do conhecimento que a repetição transferencial e a percepção contratransferencial dessas situações trazem. Assim, um “desgaste” gradual da ansiedade da situação traumática permite que a repetição leve a uma elaboração da vivência afetiva, além da conscientização, e ao abandono do que primordialmente foi indispensável para a sobrevivência, ou seja, da identificação patogênica (identificação vivenciada como um “salvavidas”, G. Badaracco, 1990: 91). Para que, dessa forma, o sujeito consiga desprender-se desses “outros” que vivem dentro dele e aceda ao genuíno e autêntico em “si mesmo”. Para que possa lograr sua individualidade. □

## Summary

The author develops, by means of fragments of a clinical report, some aspects of “desidentifications” of pathological identifications, which he considers one of the most meaningful moments of psychoanalytic treatment. Many authors, based upon Freud’s concepts, divide, in an overview, identifications in normogenic or pathogenic. The term *desidentification* was created for the first time for O. Mannoni (1984), who says: “identification is conscious... and consciousness ‘desidentifies’”. Some considerations are done upon this concept and the aspects of the possible treatment of the pathological identifications.

## Referências

1. BARANGER, W.; GOLDSTEIN, N.; GOLDSTEIN R. Z. Acerca de la desidentificación. *Rev. de Psicoanalisis*, v. 46, n. 6. p.895, 1989.
2. CHASSEGUET- SMIRGEL, J. *O Ideal do Ego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 69, 152.
3. FAINBERG, H. El telescopaje de generaciones: la genealogia de ciertas identificaciones. *Rev. de Psicoanalisis*, v. 42, n. 5, p. 1048, 1985.
4. FREUD, A. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972. p.102.

78 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996





5. FREUD, S. *Luto e Melancolia*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. v. XIV, p. 290.
6. ———. *Das Unheimliche*. Tradução de Ingeborg Bornholdt. Germany: S. Fischer Verlag, 1972. v. XII, p. 246, 254.
7. ———. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. v. XVIII, p. 105.
8. ———. *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. v. XX, p. 192.
9. GARCIA BADARACCO, J. E. Las identificaciones y la desidentificación en el proceso analítico. *Rev. de Psicoanálisis*, v. 47, n.1, p. 84-102, 1990.
10. GREEN, A. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: ———. *A Pulsão de Morte*. São Paulo: Escuta, 1988. p. 65.
11. KANCYPER, L. Adolescência y desidentificación. *Rev. de Psicoanálisis*, v.47, n. 4, p. 750, 1990.
12. KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides In: ———. *Desarrollos en Psicoanálisis*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1971. p. 259.
13. LECLAIRE, S., *Matan a un Niño – Ensayo sobre el Narcisismo Primário y la Pulsión de Muerte*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990. p.11.
14. MANNONI, O. *Um Espanto Tão Intenso*. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 95-104.
15. MELTZER, D. Una técnica de interrupción en la impase analítica. In: GRINBERG, Leon (Ed.). *Prácticas Psicoanalíticas Compradas en las Neurosis*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977. p. 173.
16. MICHAUD, G. et al. *Las Identificaciones*. Buenos Aires: Edición Nueva Visión, 1988. p.27.
17. MIJOLLA, Alain de. *Las Fantasías Inconscientes de Identificación y la Prehistoria Familiar. Libro Anual de Psicoanálisis*. São Paulo: Escuta, 1988. p. 75.
18. PECHANSKY, I. Importância do mecanismo de identificação na obra de Freud: uma revisão crítica. In: KUNZLER, F.; ROMANOWSKI, R.; ARAÚJO, M. *A Presença de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 151. (Publicações da Associação Brasileira de Psicanálise)
19. REICH, N. *Análise do Caráter*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989. p. 163.
20. WINNICOTT, D. W. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 113, 328.
21. WHITE, R. W. *La identificación como un proceso del desarrollo*. In: ———. *El Yo y la Realidad en la Teoría Psicoanalítica*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973. p. 95.

**Edgar Chagas Diefenthaler**

Pça. Dom Feliciano, 39/1401  
90.020-160 – Porto Alegre - RS  
Fone: (051)228-0007

© Revista de Psicanálise – SPPA







Atenção montador

Página 80 é branca





# Níveis lógicos e comunicacionais da transferência

*Jorge L. Ahumada\*, Buenos Aires*



---

\* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

---

Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996 □ 81





Jorge L. Ahumada

Talvez em maior medida que os outros seres humanos, os psicanalistas habitamos em dois mundos. Por um lado vivemos nossa vida cotidiana no universo da compreensão comum; por outro, em nossas sessões psicanalíticas tentamos, e numa medida variável conseguimos, chegar a um contato e a um conhecimento do inconsciente que conseguiremos compartilhar, se tudo for bem, com quem participa conosco da sessão e está por isso em condições de contatar, pessoalmente, de maneira ostensiva, com dimensões até então não acessíveis de seus processos inconscientes. A transferência, essa outra *via régia* que nos permite a captação do universo do inconsciente tal como vai ocorrendo na sessão, é, afirma Money-Kyrle (1977) em seu trabalho póstumo, talvez o mais misterioso da psicanálise, mas é também o que a faz possível.

A transferência, enquanto reativação de “marcos” vinculares inconscientes, compreende diversos níveis articuláveis em duas dimensões contrapostas, do que resulta que a *representatividade do fenômeno transferencial* no sonho e na sessão seja por sua vez suscetível de diversos graus. Essas duas dimensões contrapostas correspondem respectivamente a:

a) a *individuação* perceptória no nível da ostensividade; conforme Suzanne Langer (1953) que denomina “indivíduos” àquilo que – sejam pessoas, coisas ou eventos – possa ser assinalado dizendo-se “isto”.

b) a hierarquia de Bateson (1973, 1979) dos níveis pragmáticos da relação. Embora a teoria dos níveis pragmáticos comunicacionais e metacomunicacionais da relação esteja moldada em torno da teoria de Russell dos tipos lógicos, é objetivo deste trabalho mostrar que se articulam na situação analítica em formas contrapostas. Longe de ser um fenômeno linear, a transferência dar-se-á então em vários níveis, cuja representatividade pode cumprir a função de indicador.

Para ilustrar isso, partirei de um material clínico de Betty Joseph (1985) e de sua idéia de que a transferência atuada proporciona o “marco” para a compreensão do material verbal do paciente. Jiménez (1990) estudou esse material seguindo a idéia de Matte-Blanco do inconsciente como hiperespaço de mais de três dimensões.

## A transferência de acordo com Betty Joseph

Em seu trabalho já clássico, “Transferência, a situação total” (1985), Betty Joseph assinala a função de “marco” da transferência, citando Klein (1952) quanto a pensarmos a transferência em termos de *situações totais* transferidas do passado para o presente; tais situações totais abrangem emoções, defesas e relações de objeto,





incluindo tudo o que o paciente traz para a relação e, em especial, “como está usando o analista, mais além do que disser” (p. 447). Disso, nos daremos conta, diz, sobretudo através das experiências que surjam em nós, isto é, através da contratransferência em sentido amplo. As interpretações trarão à tona os supostos fundamentais do paciente na situação analítica, permitindo que possam ser vivenciados como sua realidade psíquica; somente mais tarde, e pouco a pouco, dever-se-á ligá-los com sua história. Se as interpretações e a compreensão, diz Joseph, “mantêm-se no nível das associações individuais e não abordam a forma como o analista e suas palavras são *usados*, ver-nos-emos arrastados para organização pseudomadura ou predominantemente neurótica e deixaremos de lado as ansiedades e defesas mais psicóticas, que se tomam manifestas tão logo levemos em conta a situação total que está sendo atuada na transferência” (p. 453, grifo meu).

Seu material clínico era o seguinte:

“O sonho era: havia uma espécie de guerra. Meu paciente estava numa reunião, num apartamento à beira-mar. As pessoas, sentadas em torno de uma mesa, ouviram lá fora o motor de um helicóptero e perceberam, pelo som, que alguma coisa lhe acontecia. Meu paciente e alguém mais velho deixavam a mesa de reunião e iam até a janela olhar. O helicóptero tinha problemas e o piloto jogara-se de pára-quedas. Dois aviões olhavam do alto para o helicóptero, estavam tão alto que se os via muito pequenos e incapazes de ajudar. O piloto caía na água; meu paciente perguntava-se se teria tempo de inflar a roupa, ou se estaria morto, e assim seguia.

Não darei o material sobre o qual baseei minhas interpretações, mas, em traços gerais, mostrei-lhe a guerra que ocorre constantemente entre o paciente e eu, ao trabalho que fazemos aqui, sessão após sessão, guerra que aparece no modo em que tende a dar as costas, no sonho, à reunião que está sendo efetuada em torno à mesa. Quando olha pela janela, para fora, sabendo que alguma coisa está errada (como ocorre com o helicóptero), vê que há uma analista, quer dizer, eu mesma, os dois aviões, os dois braços, os seios, olhando e tentando ajudar, mas permanece preso na observação do outro aspecto – a parte de si próprio, o piloto – que está com problemas, que está caindo, que está morrendo, isto é, pelo mundo fascinante do masoquismo. O que eu quero dizer é que mostra sua preferência por ficar imerso numa situação de colapso doloroso em vez de voltar-se para desfrutar da ajuda e do progresso.

Então, no transcorrer da sessão, pareceu assimilar bem seu contato com essas interpretações e vivenciar a importância de sua fascinação pelo seu masoquismo” (p. 449-50).

No dia seguinte, o paciente disse que, após o trabalho feito sobre o sonho, ficara preocupado com suas rejeições, brigas e excitação quando isso acontecia; até





Jorge L. Ahumada

que ponto podia isso ser tomado como um *insight*; o analisado falava num tom de voz neutro, quase entediado, o que, conforme lhe mostrou a analista, era parte da guerra astuta. A isso o paciente respondeu sombriamente: “pareceria que, na realidade, nenhum aspecto meu quer trabalhar nem cooperar”. Quando a analista ia tentar lhe demonstrar que isso não era bem assim, dado que ele vinha à análise, percebeu que, em tal caso, estaria atuando uma parte ativa, positiva do paciente, projetada nela mesma, caindo assim numa armadilha: ou atuar esta parte do paciente que esse não sentia como sua, ou em concordar com ele em que nenhum aspecto seu queria cooperar. A isso o paciente respondeu que entendia mas que não era capaz de fazer nada a respeito; a guerra oculta do sonho passava a ser vivida na transferência.

Algumas lembranças que então surgiram, diz Betty Joseph, permitiram situar que o problema estava no reconhecimento e tolerância de sua melhora, que implicava em ceder perante seus mais velhos e deixar de lado o prazer de derrotá-la.

Embora já não se sentisse atolado, sentia, sim, que havia sido a iniciativa da analista, como uma “espécie de flautista de Hammelim”, o que o havia tirado de seu atoleiro, tal como, quando criança, se sentira seduzido pela sua mãe. Depois, diz Joseph, agregou muito rapidamente que temia também ficar preso a cálidos sentimentos de excitação aos quais tinha o hábito de chamar de “filhote”.

### **Sobre a representação nos sonhos e no atuar**

A essa altura do relato, passemos a explicitar alguns itens do que, na minha opinião, foi um dos achados mais originais surgidos na Psicanálise Latino-Americana: a concepção da espacialidade do inconsciente, de acordo com Matte-Blanco (1975-1988). A mente inconsciente mostra, conforme afirma Matte, as qualidades de um espaço de mais de três dimensões, e é uma característica relevante dos “hiperespaços” de mais de 3 dimensões que não podem ser visualmente imaginados. Podemos visualizar com facilidade um quadrado bidimensional com linhas como lados, e o mesmo é válido para um cubo (tridimensional) que tem como lados quadrados bidimensionais, mas nos é completamente impossível imaginar um hipercubo tetradimensional que tenha cubos como lados.

Na geometria analítica, admite-se que um espaço de um número mais alto de dimensões somente possa representar-se num espaço de menor número de dimensões mediante a repetição de seus elementos; dessa forma, um triângulo bidimensional pode ser representado numa só dimensão mediante a repetição linear dos três elementos que constituem seus lados. A mesma tendência de repetição de elementos ocorrerá nos sonhos, de acordo com Matte. Ilustrando essa teoria de Matte, isto é, as





formas em que o “hiperespaço” psíquico experiencial inconsciente de mais de três dimensões acede a representatividade no espaço do sonho mediante a repetição de seus elementos, Jiménez (1990) retoma o material de Joseph, como segue:

1) “O *self* do paciente aparece pelo menos duas vezes no sonho: uma vez como o “eu observador” que dá as costas para a mesa na qual ocorre a reunião para olhar pela janela para o helicóptero e o piloto, fascinando-se por tal visão de perigo; a outra, como o próprio piloto caindo na água. Assim, vemos um clivagem no *self*, na qual o “eu observador” está invadido pela fascinação e excitação masoquista, tal como se faz claro na subsequente elaboração do sonho.”

2) “O objeto-analista também aparece ‘clivado’ primeiro como o inimigo que não está representado diretamente mas se faz presente através da atmosfera de guerra e, segundo, como os dois aviões que voam tão alto que são incapazes de ajudar. Essa é, então, a clivagem típica entre um analista “mau”, perseguidor, e um analista idealizado. A pessoa mais velha que acompanha o paciente até a janela é também, provavelmente, uma representação da analista que fica presa na manipulação masoquista. Poderíamos ir mais além e supor que a alusão às “pessoas sentadas ao redor da mesa” é uma representação da situação analítica, onde o analista assume diferentes papéis transferenciais que o paciente projeta nele. Dessa forma, o analista aparece representado pelo menos duas, e talvez três ou mais vezes.”(p. 462).

Joseph e Jiménez desenvolvem uma série de analogias entre os conteúdos do sonho, por um lado, e a ação e emoção tal como se evidenciam na evolução do vínculo com o analista, por outro. O que denominam “clivagem” é a coexistência de relações vinculares contraditórias que se evidenciam tanto no sonho como na ação, relações que ocorrem também no vínculo com o analista na sessão; Joseph concentra-se na forma como estas “clivagens” que aparecem no sonho vão se explicitando ao serem vividas na forma de ação na sessão. Essas relações vinculares contraditórias podem ser vistas, em termos de Matte, como “*funções proposicionais inconscientes*”<sup>1</sup> as quais irão transcorrendo pelo vínculo com o analista. Mais adiante, retomei este material em termos das idéias de Bateson sobre as “lógicas” da relação, mas antes devo introduzir seus conceitos. (Uma revisão mais ampla encontra-se em Etchegoyen e Ahumada, 1990).

1. Enquanto a lógica aristotélica se estruturou em termos de indivíduos e suas qualidades, em fins do século passado Frege introduziu o conceito central de “função proposicional”, no qual o indivíduo é substituído por uma variável (ou função) que define e delimita a classe. Assim, na asserção clássica: “Sócrates é mortal”, Sócrates é simplesmente um dos indivíduos que pertencem a classe dos mortais e em consequência satisfaz a variável “x”. A formulação rigorosa da função (ou forma) proposicional seria: “x é mortal”.





Jorge L. Ahumada

## Os níveis lógicos da relação conforme Bateson

Bateson (1955, p.150) afirma que além do aparentemente simples nível “denotativo” (“o gato está sobre o tapete”) deveremos ter em conta dois tipos diferentes de níveis hierárquicos: o *metalingüístico*, no qual o objeto ao qual nos referimos é a própria linguagem, e o *metacomunicativo*, que se refere à relação estabelecendo os “contextos” e “metacontextos”, isto é, os diferentes níveis de “*marcos*” hierárquicos para a relação de ação e emoção entre os interlocutores. Esses “marcos” são usualmente implícitos, tonais, gestuais e situacionais mais do que verbais; pertencem aos códigos analógicos de ação-emoção de nossa herança como mamíferos mais do que aos códigos digitalizados e socialmente compartilhados da linguagem.

Ao longo da evolução dos mamíferos, as tentativas de deslindar categorias pertencentes a níveis lógicos diferentes tendem a assumir as qualidades do paradoxal sendo então os paradoxos, de acordo com Bateson (1973), intrínsecos a uma comunicação em evolução. Em outros trabalhos (1991, 1994, no prelo) eu afirmo que o *insight* ostensivo descrito por Strachey em seus trabalhos clássicos (1934, 1937) leva-se a efeito através da evolução de um paradoxo pragmático, que em termos de um uso cognitivo da linguagem, pode, na sua forma mais simples, ser assim descrito: o analista “*é/não é*” o objeto arcaico. Em termos freudianos, isso pode ser focado em termos de que o paradoxo envolve a realidade “psíquica” da representação inconsciente de coisa, por um lado, e a realidade factual das significações em nível de pensamento consciente vinculado com as representações de palavra, por outro.

A linguagem, diz Bateson seguindo a Russell, é uma tentativa de “explicação”, isto é, de “mapear” um nível processual que, no caso da realidade psíquica a “mapear” indicada pela análise, é relacional, hiperdimensional e primariamente inconsciente. É amplamente aceito entre os lógicos que a linguagem cotidiana não discrimina adequadamente os diferentes níveis da linguagem (linguagem de objeto e metalinguagem) tal como o evidencia ao longo da história da filosofia o paradoxo do mentiroso. Cabe agregar que também fracassa – e em muito maior grau – quanto a ter em conta a estrutura de múltiplos níveis dos marcos vinculares.

É fundamental, do meu ponto de vista, assinalar que, com sua hierarquia de “marcos” metacomunicativos, Bateson está estabelecendo o que podemos chamar de uma *teoria de níveis pragmáticos relacionais* que, embora modelada sobre a teoria dos níveis na linguagem, se refere a acontecimentos com qualidades muito diferentes, que darão o “contexto” das verbalizações<sup>2</sup>. E, chegados a esse ponto, faz-se ne-

2. (Luisa Alvarez de Toledo (1954) ilustra a maneira em que o que está sendo atuado na sessão analítica proporciona o contexto para significação do ali verbalizado).





cessário articular as diferenças entre a relação que se estabelece entre linguagem e metalinguagem por um lado, e a que se estabelece entre os âmbitos comunicacional e metacomunicacional e a linguagem verbal, por outro.

Do ponto de vista da teoria dos níveis lógicos da linguagem, a linguagem em que falamos se situa num nível mais alto do que a linguagem sobre a qual se fala (Reichenbach 1947, p. 253); dessa forma, os enunciados sobre o que se está falando se situam num metanível referente a tal falar. Mas, muito diferente é o que ocorre quanto à realidade vincular a respeito dos enunciados verbais.

Tanto Sharpe (1940) quanto Matte têm insistido em que a linguagem verbal foi construída para descrever objetos físicos e que a única possibilidade que têm de descrever os fatos psíquicos é através de metáforas “físicas”. De tal forma que somente os fatos psíquicos que chegam a se evidenciar no espaço tridimensional “físico” são passíveis de serem denotados ostensivamente e de serem levados em conta a partir da linguagem. Como veremos a seguir, o funcionamento dos níveis pragmáticos relativísticos da realidade psíquica e dos níveis lógicos da linguagem pareceriam efetuar-se, num sentido crucial, contrariamente um ao outro.

Freud e Bateson concordam cada um a partir de sua própria perspectiva, quanto à primazia da realidade relativística inconsciente a respeito da realidade lingüística consciente. Dali um fato que é indispensável levar em conta do ponto de vista da técnica psicanalítica: a prioridade pragmática da realidade psíquica inconsciente. Em termos de Bateson, que “a relação vem primeiro, *tem prioridade*” (1979, p. 143). Essa prioridade, que não implica deixar de lado em forma alguma as complexidades e a importância da linguagem e que é válida para os “marcos” contextuais e metacotextuais de emoção e ação a respeito do conteúdo do que se verbaliza, será o fundamento do cuidado da ostensividade quanto ao método. Bateson explica que uma relação importante é o “contexto de contexto de contexto” mais geral e que é dentro do mesmo que se estabelecerão os “contextos” (eventos) e “contextos de contextos” (classes de eventos) (1973, p. 246-9, 1979, p. 130). Tais relações importantes parecem ser fundamentalmente de dois tipos: com a mãe que alimenta e com o chefe da manada ou do grupo.

Embora se afaste resolutamente das formas habituais de pensar, motivo pelo qual não é fácil de entender, tal linha de pensamento não pode nos surpreender. Como analistas – e desde logo isso não acontece assim no caso dos lógicos, nem no dos filósofos –, sabemos desde Freud, e a partir do que nos é diariamente ensinado no transcurso da evolução das significações na sessão psicanalítica, que *o universo dos enunciados verbais e a lógica formal não é senão um subconjunto consciente de um universo mais amplo de significações dadas pelas relações vinculares inconscientes*. O nível indicativo, *a linguagem de objeto* (Reichenbach, 1947) que se refere a indi-







Jorge L. Ahumada

víduos físicos e a fatos ou acontecimentos, parece simples e “primário” porque – como Freud já o observou a respeito das representações de palavra – tem fácil acesso à consciência e em função disso adquire primazia quanto a – nos termos que usara Descartes no *Dircurso do Método* – articular a partir daí nossos “conceitos claros e distintos”; nossas significações vinculares importantes, porém, não assumem a forma de “conceitos claros e distintos”. A tarefa do analista é, por certo, diferente da do filósofo: encontrar como fazer acessíveis à consciência os “contextos” e “metacontextos” inconscientes da relação.

### A neutralidade do analista

Concordemos ou não com Bateson (1973, p. 250) quando afirma que, ao ignorar a teoria dos tipos lógicos, aqueles que investigam o comportamento fazem-se credores de sessenta anos de obsolescência, cabe, sim, dizer que a definição de Betty Joseph da transferência como “situação total” esboça um conceito de transferência que implica diversos níveis relativísticos em que nos diz como o paciente “usa o analista, mais além do que está dizendo” (p. 447), isto é, a “relação atuada”, estabelece o “marco” ou “contexto” para o que o paciente descreve em palavras. O “marco” é então inconsciente e relativístico e põe-se em jogo na atuação transferencial: denominaremos “acontecimentos” ou “fatos” ao que se toma ostensivo nos espaços tridimensionais do sonho ou da ação e pode, a partir desse ponto, ser descrito.

A realidade psíquica deve então, de alguma forma, tornar-se factual para que possa ser vivida conscientemente: pode ser captada inconsciente e depois conscientemente somente na medida em que se desenvolve na *via régia* para o inconsciente, o espaço tridimensional “quase-físico” dos sonhos ou as fantasias, ou no espaço tridimensional físico percebido ou recordado. Que assim se torne verbalmente descritível coincide com a idéia de Sharpe (1940) e de Matte de que a realidade psíquica não pode ser descrita senão metaforicamente mediante o uso de analogias físicas cuja determinação vivencial subjaz na linguagem comum.

Disse anteriormente que os níveis da linguagem e os marcos relativísticos pragmáticos parecem agir, num aspecto central, opostamente um ao outro. O que se toma mais facilmente consciente e enunciativo na linguagem parece ser o que pertence a “eventos” de um tipo relativístico e emocional perceptíveis conscientemente no espaço tridimensional. Das experiências referidas a tipos dimensionais mais elevados e menos verbalizados pareceriam derivar, em último caso, todos os significados (Sharpe). Os “marcos” relativísticos de ação e emoção possuem maior número de dimensões que o espaço factual tridimensional; esse é o nível da *transferência como*





“*contexto de contexto*” referente aos enunciados verbais expressos perante o analista. A neutralidade benevolente que Freud prescreve como atitude analítica se estabelece como “marco” receptivo mais alto para as transferências em evolução, isto é, para os “contextos de contextos” relativísticos inconscientes que se estabelecem e atuam na sessão. Na situação analítica, o objeto relativístico inconsciente da realidade psíquica, o “objeto interno” (que pertence ao nível das classes analógicas e não ao dos “indivíduos” ou “eventos” perceptíveis), pode encarnar no analista como objeto factual físico tridimensional e então – somente então – ser objeto de “prova de realidade”.

Retomando meu objetivo inicial, direi que, a meu entender, o que se aproxima do “marco” transferencial relativístico de mais alto nível isto é, o “contexto de contexto de contexto”, resulta, pela sua hiperdimensionalidade, naquilo que da transferência é menos personificável no material onírico. Dentro desse “marco”, desse contexto mais amplo, o analisado estabelece “contextos” e “contextos de contexto” vinculares mediante a repetição atuada. Tentarei ilustrar também a forma em que tais “contextos” e “contextos de contexto” transferenciais evoluem através da personificação tridimensional “física”, em vínculo com o analista antes de alcançar a contestação ostensiva.

### **O escorregadio “contexto de contexto de contexto” relativístico: o analista como “base”**

O “contexto de contexto de contexto” de mais alta dimensão pode talvez ser vislumbrado por cada analista, com base em suas experiências de sessão, mas não mostrado nem descrito em forma direta: esse contexto dimensional mais alto é, parece-me, o que Money-Kyrle chamara a “base”, o vínculo primário com uma mãe-seio “na direção da qual o eu corporal se orienta como seu lar” (1968, p. 424), do qual surgirão naturalmente os outros tipos de vínculo, e do qual depende a cordialidade. Termos clássicos como o da “regressão” relacionam-se sem dúvida com esse nível, assim também como a distinção de uma “transferência precoce” que entra na análise através da repetição (Ferenczi 1932; Etchegoyen, 1982), isto é, através de como o paciente usa o analista. A “simetria de classes” de Matte leva a descrevê-lo em termos de lógica simbólica, mas acho que o emprego da teoria dos tipos ajuda a alcançar precisões adicionais.

Permitam-me agora retomar ao material de Betty Joseph em busca de indícios perceptíveis – neste nível só encontraremos indícios – que se vinculem ao contato do paciente com esse escorregadio e abrangente nível da transferência na direção de





Jorge L. Ahumada

uma mãe-seio e do analista como “base”, indagando logo como vão evoluindo tais indícios junto com o processo. Considerarei os seguintes:

- a) no sonho, o paciente estava reunido num quarto à *beira-mar*.
- b) mesmo assim, no sonho, o piloto caía *na água*, e o paciente perguntava-se se teria tempo de *inflar* sua roupa, se estaria já *morto*, e assim por diante.
- c) com a evolução na sessão, o paciente já não se sentia atolado, mas sentia que isso era devido à iniciativa da analista, “como um flautista de Hammelím”, tal como na sua infância havia se sentido seduzido pela mãe.
- d) o rápido reconhecimento de seu temor de ficar preso numa excitação de sentimentos tenros, “de filhote”.

O material de Joseph ilustra algumas das múltiplas vicissitudes de um processo de *insight*; no que segue me limitarei ao que pode surgir a partir dos indícios que mencionarei. Haveria poucas dúvidas de que a reunião num quarto à beira-mar e o piloto caindo ao mar, morrendo sem conseguir “inflar-se”, se referem a um contato com o “marco” relativístico mais amplo do material. O paciente está personificado, de forma separada e alusiva, pelo piloto; o que não ocorre, no entanto, com seu marco relativístico inconsciente de mais alto nível a um objeto primário irresistivelmente atrativo e mortífero, que não está personificado; aparece, por um lado, como uma atmosfera, o clima de guerra e, pelo outro, como uma expansão sem limites: o mar.

Pode argumentar-se, e na minha opinião nos encontramos diariamente com isto em nossos pacientes, que, em seus níveis profundos, o contato com o Objeto primário tem em si essa dupla dimensão, atrativa e mortífera. Essa dualidade costuma aparecer, e com frequência, no âmbito do mítico e do literário; vale como exemplo, para não lembrar as Sereias, a Circe ou a Medéia, as linhas iniciais do *Hino à Beleza* de Baudelaire: “*Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l’abime, O Beauté*” (Vens tu do céu profundo ou saís tu do abismo, Oh, Beleza). Os aviões longínquos e incapazes de prestar ajuda assinalariam então o contexto amplo, mas em seu negativo – a analista que não ajuda. A figura da analista (a pessoa) alcança representatividade várias vezes no sonho, mas alcança-a quanto a situá-la em “contextos” relativísticos “clivados” do “marco” inconsciente mais abrangente que, conforme entendo, não chega a personalizar-se senão que é somente aludido pelos elementos, sem corporeidade pessoal, do clima de guerra ou da expansão do mar.

Então, no momento em que o analisando já não se sente atolado, veremos que a representatividade desse marco mais amplo evoluiu da expansão sem limites do espaço psíquico inconsciente para a personificação tridimensional no analista em sessão como “flautista de Hammelím”, personagem irresistivelmente sedutor que atrai os aspectos inconscientes infantis para seu aniquilamento por imersão. Dessa forma, nesse momento da sessão uma muito ampla “simetrização de classes” inconscientes





atuando na transferência torna-se ostensiva e pode então nomear-se: analista-flautista de Hammelím equivale (ou “realiza”) a mãe sedutora-sinistra.

Somente então, quando o aspecto sinistro do “contexto de contexto de contexto” evoluiu carnal e perceptivamente ao personificar-se em três dimensões no vínculo com a analista, pode entrar em jogo a “prova de realidade”. A estrutura de múltiplos níveis da relação inconsciente e a dinâmica do *insight* ostensivo articulam-se nesse ponto; como afirmei antes (1991, 1994, no prelo), a verificação de realidade do analisando é necessariamente ostensiva, e pode entrar em jogo na medida em que a neutralidade do analista subtraia a validação da realidade relativística arcaica. No material de Joseph, somente após *ser vivenciada e ostensivamente reconhecida* como flautista de Hammelím pode tal vínculo ser rejeitado e ela ser reconhecida como “não-flautista de Hammelím”. Os aspectos inconscientes infantís evoluem então, permitindo o contato afetivo com o seio-analista, embora seja bem provável que o paciente ainda se “infe” ao chamá-los de “filhote”.

É minha impressão que mudanças vitais na análise têm lugar no plano de tais “marcos” inconscientes hiperdimensionais. Isso ajudaria a explicar, entre outras coisas, a discrepância, após análises bem sucedidas, entre a amplitude das mudanças conseguidas e a relativa escassez de memórias conscientes sobre seu processo analítico e as interpretações pertinentes. □

## Referências

- AHUMADA, J.L. (1991): Logical types and ostensive insight. *Int. J. Psycho-Anal.* 72:683-691 (Trad. cast. em *Libro Anual de Psicoanálisis* 1991. Lima, Imago) (1994): What is a clinical fact? Clinical psychoanalysis as inductive method. *Int. J. Psycho-Anal.* 75: 949-962. (Trad. p/o Português em *Rev. Bras. Psicanál.* 28: 635-656,1994) (no prelo): A contra-indução na prática psicanalítica: aspectos técnicos. Apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre em outubro de 1995. A ser publicado em Richards, A. K. et al.(eds.): *Psychoanalysis in Process: Method, Theory, Applications. Festschrift in Honour of R. Horacio Etchegoyen*. Nova York, Aronson.
- ÁLVAREZ DE TOLEDO, L.G. de (1954): Análisis del “asociar”, del “interpretar” y de las “palabras”. *Rev.Latinoamer. Psicoanál.* 1:87-108, 1995.
- BATESON, G. (1955): A theory of play and phantasy. Em *Steps to an ecology of mind*. Herts., Paladin 1973. (1973) : *Steps to an ecology of mind*. Herts., Paladin. (1979): *Mind and nature*. Toronto, Bantam 1988.
- ETCHEGOYEN, R. H. (1982): The relevance of the here-and-now transference interpretation for the reconstruction of early psychic development . *Int. J. Psycho-Anal.* 63: 65-75.
- ETCHEGOYEN, R.H. y AHUMADA, J.L. (1990): Bateson and Matte-Blanco: bio-logic and bi-logic. *Int. Rev. Psycho-Anal.* 17, 493-502. (trad. cast. em *Libro Anual de Psicoanálisis* 1990. Lima, Imago)





Jorge L. Ahumada

- FERENCZI, S. (1932) Notes and fragments. Em: *Final Contributions*. Londres, Hogarth, 1955.
- JIMÉNEZ, J.P. (1990): Some technical consequences of Matte-Blanco's theory of dreaming. *Int. Rev. Psycho-Anal.* 17: 455-469. (Trad. cast. em *Libro Anual de Psiconálisis 1990*. Lima, Imago).
- JOSEPH, B. (1985): Transference: the total situation. *Int. J. Psycho-Anal.* 66: 447-454 (Trad. castelhana em: *Libro Anual de Psicanálisis 1985*. Lima, Imago.)
- KLEIN, M. (1952): The origins of transference. Em: *The Writings of Melanie Klein*. Londres, Hogarth, 1975.
- LANGER, S.K (1953): *Symbolic Logic*. Nova York, Dover.
- MATTE-BLANCO, I. (1975): *The Unconscious as Infinite Sets*. Londres, Duckworth. (1988): *Thinking, Feeling and Being*. Londres, Routledge.
- MONEY KYRLE, R. (1968): Cognitive development. Em: *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle*. Perthshire, Clunie Press, 1978. (1977): On being a psycho-analyst. Em *Collected Papers*.
- REICHENBACH, H. (1947): *Elements of Symbolic Logic*. Londres, MacMillan.
- SHARPE, E.F.(1940): Psycho-physical problems revealed in language: an examination of metaphor. Em: *Collected Papers on Psycho-Analysis*. Londres, Hogarth, 1978.
- STRACHEY, J. (1934): The nature of the therapeutic action of psycho-analysis. *Int. J. Psycho-Anal* 15: 127-140. (1937): Symposium on the theory of the therapeutic results of psychoanalysis. *Int. J. Psycho-Anal* 18: 139-145.

Tradução e revisão técnica de **Raul Hartke e Ruggero Levy**

**Jorge L. Ahumada**

Av. Las Heras, 3898, 3° H  
1425 – Buenos Aires, Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA





# ***A injeção de Irma, cem anos depois: Algumas considerações sobre a função dos sonhos***

*Juarez Guedes Cruz\* , Porto Alegre*

*Após uma síntese do sonho A injeção de Irma e da apresentação de alguns dos restos diurnos que lhe correspondem, são feitos comentários a respeito das associações de Freud com relação ao mesmo. Este material é, então, aproveitado para ilustrar considerações sobre a função dos sonhos como continuadores do pensamento da vigília na tarefa de resolver problemas e conflitos que continuamente impactam o psiquismo. Neste sentido, os sonhos são encarados não apenas como guardiões do sono, mas como guardiões da estrutura psíquica.*

---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





## Prólogo: Viena, 23 de julho de 1895

No dia 23 de julho de 1895, em Bellevue, uma casa de veraneio nos arredores de Viena, durante suas férias de verão, o Dr. Sigmund Freud, 39 anos, médico psiquiatra, casado, pai de 5 filhos e com um sexto filho a caminho (sua esposa está grávida de 3 meses), recebe a visita de um amigo, Oskar Rie, pediatra e antigo colaborador. Oskar conta-lhe que estivera na casa de uma das pacientes de Freud. Esse pergunta-lhe sobre o estado da mesma e Oskar responde que “está melhor, mas não inteiramente boa” (Freud, 1900, p. 114). Embora não manifeste nenhum sinal disso, o fato é que Freud sente-se acusado pelo amigo e acha que ele está sendo influenciado pela família da paciente, que nunca aprovou que ela tratasse com Freud alguns sintomas que ele classificara como histéricos. Além disso, está preocupado com essa paciente: em função das férias, interrompera seu tratamento justamente numa fase onde discordavam a respeito da maneira de solucionar alguns sintomas somáticos que a mesma ainda apresentava. Isso lhe reforça ainda mais o temor de uma reprovação, tanto por parte de Oskar quanto pela família da paciente.

Com todos esses sentimentos desagradáveis em mente, Freud, depois que Oskar Rie se despede, escreve um longo relato do caso, com a idéia de justificar-se junto a Joseph Breuer e, talvez, ouvir sua opinião. Após ter redigido o informe (trabalho que o ocupou até altas horas da noite), Freud vai dormir e seu sono é perturbado por penosos sentimentos e pensamentos que dão origem a um sonho. Vejamos, em linhas gerais, como é esse sonho:

Freud vê-se em um grande salão onde recebe convidados. Entre os mesmos encontra a paciente que fora objeto de sua conversa com Oskar. Aproxima-se dela e repreende-a por não ter aceito sua solução para os sintomas: “Se você ainda sente dores, é realmente por culpa sua” (Freud, 1900, p. 115). A essa crítica, ela responde com queixas de sufocação e dores na garganta, no estômago e no ventre. Nesse momento do sonho, Freud dá-se conta que a paciente está pálida e inchada e pensa que talvez tenha deixado de diagnosticar-lhe algum mal orgânico. Leva-a até a janela e, apesar da resistência dela em abrir a boca, examina sua garganta, enquanto pensa que ela não devia resistir assim. Ao exame, visualiza lesões localizadas em estruturas semelhantes aos cornetos. Chama então o Dr. Joseph Breuer, que está no salão; esse repete o exame feito e confirma seus achados. Surpreende Freud o fato de que Breuer esteja pálido, claudicante e tenha o rosto escanhado. Oskar Rie aparece por ali, acompanhado por seu cunhado Ludwig Rosenstein. Esse último examina e ausculta a paciente e, mais adiante, no sonho, Oskar Rie aplica, na mesma,





uma injeção de trimetilamina. Freud pensa que “injeções dessa natureza não devem ser feitas tão impensadamente [e que] provavelmente a seringa não devia estar limpa”. A essa altura Joseph Breuer diz: “Não há dúvida que é uma infecção, mas não tem importância; sobreviverá à disenteria e a toxina será eliminada” (Freud, 1900, p. 115).

Nesse momento, Freud acorda e anota cuidadosamente o sonho.

#### **4 de novembro de 1899**

Adiantemo-nos, agora, 5 anos, mais precisamente para o dia 4 de novembro de 1899, data da primeira publicação de *A Interpretação de Sonhos*. Vejamos, de maneira sintética, alguns dos comentários que Freud faz a respeito de seu sonho.

Em primeiro lugar, por razões de sigilo, substitui os nomes dos personagens: Oskar Rie vai ser chamado de Otto. Joseph Breuer, designado como Dr. M. e Ludwig Rosenstein, como Leopold. Quanto à paciente, chamar-se-á Irma (e dificilmente saberemos sua verdadeira identidade, apesar dos esforços feitos pelos estudiosos desse sonho e pelos biógrafos de Freud). Tudo indica tratar-se ou de Anna Lichtheim (viúva, filha de um professor de hebraico de Freud) ou de Emma Eckstein (também viúva e ligada à família Freud). A seguir, para proceder à análise de seu sonho, Freud divide-o em vários fragmentos e fornece associações para cada um deles.

Um dos aspectos que mais chama a atenção, nessas associações, é o número de situações onde ele, Freud, aparece causando ou podendo ter causado mal a outras pessoas. Assim sendo, na ordem em que foi associando, lembra: 1º) de uma de suas clientes que, seguindo seu exemplo, usara cocaína como tratamento para inchações no nariz e desenvolvera extensa necrose da mucosa nasal; 2º) da morte de um amigo (Ernst von Fleischl Marxow), por uso inadequado de cocaína (cuja utilização havia sido recomendada por Freud, em um trabalho datado de 1884); 3º) de uma ocasião em que produziu grave efeito tóxico em uma paciente (Mathilde) por ter-lhe receitado, repetidamente, sulfonal, medicação considerada inofensiva na época; 4º) de um paciente ao qual recomendara um passeio marítimo – por não estar disposto a tratá-lo psicoterapeuticamente – e que acabou por desenvolver uma disenteria bastante grave durante a viagem.

Por outro lado, ao mesmo tempo que se faz todas essas acusações, Freud, como ele mesmo salienta, trata de desculpar-se. Vejamos, brevemente, algumas das associações onde isso acontece: na página 117: “...as palavras que dirigi a Irma no sonho indicavam que eu estava especialmente ansioso por não ser responsável pelas dores que ela ainda sofria. Se fosse culpa sua não poderia ser minha”. Ou, neste outro







Juarez Guedes Cruz

trecho, na mesma página “Se as dores de Irma tinham uma base orgânica, mais uma vez não poderia ser responsabilizado por sua cura: meu tratamento só começou a eliminar as dores *histéricas*”. Ou, nesta outra passagem da página 122, ao comentar a frase “não tem importância”, proferida pelo Dr. M. (que, como sabemos, era Breuer no sonho): “Tive a sensação de que estava apenas, dessa forma, desviando a culpa de mim mesmo”. Remata tais associações atenuantes de sua responsabilidade com um comentário: “Em suma, eu era consciencioso” (Freud, 1900, p. 127).

Partindo dessas associações, Freud entende que seu sonho, como um todo, não passa de uma desculpa e conclui sua interpretação com as seguintes palavras:

“O sonho realizou certos desejos que se iniciaram em mim pelos fatos da noite anterior (as notícias transmitidas a mim por Otto e minha elaboração do histórico do caso). A conclusão do sonho, isto é, que eu não era responsável pela persistência das dores de Irma, mas sim Otto. Este havia (...) me aborrecido com suas observações sobre a cura incompleta de Irma, e o sonho proporcionou minha vingança ...[e] ... exonerou-me da responsabilidade pelo estado de Irma, indicando que este era devido a outros fatores (...) Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo” (Freud, 1900, p. 127). Como é sabido, a interpretação desse sonho (que Freud mesmo chama de “sonho modelo”) e que constitui o capítulo 2 de *A Interpretação de Sonhos*, vai servir como ponto de partida para uma generalização de Freud com relação a todos os sonhos: “Quando o trabalho de interpretação fica concluído, percebemos que um sonho é a realização de um desejo” (Freud, 1900, p. 130).

### Cem anos depois

Durante este século que nos separa da noite em Bellevue, vários psicanalistas têm se debruçado sobre este sonho da *Injeção de Irma*, acrescentando suas próprias interpretações àquelas fornecidas por seu ilustre sonhador. Alguns desses autores, como Barbara Mautner, em trabalho recente, chamam a atenção para a ausência, na interpretação de Freud, de qualquer menção à sexualidade infantil. E isso justamente numa época em que ele dava tanta importância à mesma. Mautner, inclusive, elabora a hipótese de que certas associações de Freud sugerem outros fatos traumáticos, de natureza sexual, que teriam ocorrido com ele na infância e estariam sendo omitidos na interpretação. Destaca a omissão flagrante de Freud em não mencionar a coincidência entre o sonho e a gravidez de sua mulher.

96 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996





No entanto, podemos argumentar que uma coisa é associar livremente, garantidos pelo sigilo do analista e na intimidade de um processo analítico, outra coisa é associar, como estava fazendo Freud, com a finalidade de publicar. Evidentemente, Freud estabelece um limite além do qual, deliberadamente, não entra em detalhes incômodos. Penso que já fez muito em revelar o que revelou e, como ele próprio comenta, "...as considerações que surgem no caso de todos os meus sonhos, me impedem de prosseguir com meu trabalho interpretativo. Se alguém se vir tentado a expressar uma condenação apressada de minha cautela eu o aconselharia a fazer a experiência de ser mais franco que eu" (Freud, 1900, p. 130).

De qualquer maneira, o que Freud mostrou já é o suficiente para alimentar pelo menos um século de trabalhos e debates. Assim, no presente texto, quero desenvolver um outro aspecto que penso ser muito bem ilustrado pelo sonho *A injeção de Irma*: refiro-me à função de resolução de problemas que possuem os sonhos, dentro da concepção de que são nosso modo de pensar durante o sono e que continuamos, quando dormimos, a elaborar os dilemas e situações traumáticas que enfrentamos durante a vigília. Antes de proceder ao exame do sonho de Freud, farei uma breve revisão dos principais autores que desenvolveram essa vertente da compreensão dos processos oníricos.

### **Uma revisão bibliográfica a respeito da concepção dos sonhos como tentativas de solução de problemas e de outras funções dos sonhos**

O primeiro psicanalista a contribuir para este desenvolvimento da teoria dos sonhos, que os concebe, primordialmente, como tentativas do sonhador de resolver problemas da vida de vigília, foi Sandor Ferenczi. Em uma série de anotações, publicadas em 1934, sob o título comum de *Reflexões sobre o Trauma*, Ferenczi faz alguns comentários a respeito da comoção psíquica que se segue a um evento traumático e sobre a função dos sonhos nessa situação. Nesse texto, Ferenczi concorda integralmente com as idéias de Freud a respeito dos sonhos como realização de desejos, mas acrescenta que, para ele, o próprio retorno, nos sonhos, "...dos restos diurnos já representa por si mesmo uma das funções do sonho. Pois se observarmos (...) a relação entre a história pessoal e os conteúdos oníricos, torna-se (...) evidente que aquilo a que chamamos os restos diurnos (...) são, de fato, (...) repetição de traumas" (Ferenczi, 1934, p. 111/112). Ora, comparando com a função terapêutica que, na neurose traumática, possui a repetição da recordação do trauma, no sentido de resolução postergada da situação traumática, Ferenczi acrescenta, em sua compreensão, que o sonho "...é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquico melhores..." (Ferenczi, 1934, p. 112). Acrescenta que não vê o





ressurgimento repetido dos restos diurnos traumáticos como mera e mecânica expressão da compulsão à repetição, mas como manifestação de “...uma tendência (...) para uma nova e melhor resolução...” (Ferenczi, 1934, p. 112). A realização de desejo é a maneira pela qual o sonho atingirá esse objetivo. Mais adiante, refere-se ao que chama a função “traumatológica” dos sonhos: “...o estado de sono, favorece não só a dominação do princípio de prazer (a função de realização de desejo do sonho) mas também o retorno de impressões sensíveis traumáticas, (...), que aspiram à resolução (função traumatológica do sonho)” (Ferenczi, 1934, p. 113).

A concepção de Ferenczi é clara: a repetição da situação traumática nos sonhos não existe por obediência à compulsão à repetição, mas tem a finalidade de tentar uma melhor solução para a situação traumática. Nesse sentido o sonho tem uma continuidade com o pensamento da vigília na medida que o sonhador, durante o sono, permanece tentando resolver problemas e conflitos. Essa perspectiva de continuidade já havia sido destacada nos trabalhos que tratam da relação entre sonho e teoria estrutural. Neste desenvolvimento que está sendo examinado agora, também fica evidente o papel do ego que, na tentativa de resolução da situação traumática, repete-a na fantasia incluída no sintoma da neurose traumática, ou no conteúdo de um sonho. O importante dessa formulação é sugerir outras funções para os sonhos além da simples realização disfarçada de desejos.

Uma abordagem semelhante é feita por Rudolph Loewenstein, em 1949, em seu trabalho *Um sonho Pós-Traumático*. Descreve o sonho que um paciente teve na noite que se seguiu a um acidente com um barco, onde quase perdeu a vida. Embora o sonho não fosse a exata reprodução da situação traumática, o paciente novamente aparecia correndo riscos e salvava-se graças à sua própria habilidade, coragem e força (na verdade, no evento traumático, o paciente ficara passivo e fora salvo). A contribuição importante desse trabalho de Loewenstein é mostrar que – além de repetir a situação traumática e sobrepujá-la – a situação do sonho (e isto é evidenciado por várias associações do paciente) tinha também a função de realizar desejos (como, por exemplo, escapar de uma castração tão temida na infância e reativada pelo acidente).

Em seu livro “A psicanálise. Teoria, clínica e técnica”, de 1962, Angel Garma expõe idéias originais a respeito da função e origem dos sonhos. Para ele os sonhos “...têm como conteúdos a repetição em pensamentos alucinatorios de situações traumáticas” (Garma, 1962, p. 71). Sua concepção é de que o fundamental na gênese dos sonhos não é a realização de desejos, mas a necessidade de reproduzir situações traumáticas. Sintetiza suas idéias afirmando que os sonhos “...são alucinações provocadas por conteúdos psíquicos traumáticos para o ego débil daquele que dorme e que sofrem processos de disfarce antes de chegar à consciência” ou, de maneira abrevia-





da, “...são alucinações de situações traumáticas disfarçadas” (Garma, 1962, p. 83). Garma aponta como compartilha, com Ferenczi, a noção da importância do trauma para a formação do sonho. Discorda, no entanto, no que se refere à função do sonho que, para ele, não tem um desiderato elaborativo (elaboração do trauma ou função traumatolítica) e sustenta que “...se os traumas se repetem nos sonhos, é antes de tudo pela diminuição das contracargas do ego, causada pelo dormir, e não para a sua elaboração” (Garma, 1962, p. 84). Para Garma, o ego enfraquecido pelo sono é, novamente, engolfado pelas ansiedades relacionadas à situação traumática e isso vai se traduzir nas imagens oníricas. Sustenta que a função do sonho é apenas a de disfarçar a situação traumática para preservar o sono, mas não para elaborar, ou resolver traumas. Tais idéias de Garma sustentam o que já afirmara em 1940, em seu clássico “Psicanálise dos Sonhos”, quando, ao referir-se à relação entre situação traumática e satisfação de desejos comenta que “...a situação traumática que forma a base do conteúdo latente é transformada, no conteúdo manifesto, em uma situação agradável (...) uma clara evolução no sentido da satisfação do desejo” (Garma, 1940, citado por Suares, 1993, p. 473).

Em 1978, Greenberg e Pearlman discorrem sobre a função adaptativa dos sonhos, dentro da tradição da psicologia do ego. Começam destacando que os aspectos mais importantes da teoria de Freud a respeito da gênese e função dos sonhos são os conceitos de: a) realização de desejos e descarga dos impulsos; b) importância do disfarce para escapar à censura; c) a conseqüente distinção entre conteúdo latente e conteúdo manifesto. Comentam que, com o progresso da psicologia do ego e da teoria estrutural, houve um reconhecimento da função adaptativa do sonhar, ou seja, a consideração do sonho como tentativa de resolução de conflitos da vida mental.

A escola inglesa também tem importantes contribuições nesse desenvolvimento teórico a respeito da vida onírica. Um dos trabalhos mais notáveis é o de Hanna Segal (1981), onde ela expõe algumas idéias a respeito da formação e função dos sonhos. Ela parte das cogitações de Bion, quando ele opina que os sonhos tanto podem ter uma função de armazenamento de um pensamento, sentimento ou imagem, quanto uma função de evacuação dos mesmos, quando indigeríveis. Tal concepção segue o modelo digestivo do aparelho mental, tantas vezes utilizado por Bion. Ele fala no círculo vicioso que se instala no momento em que, por seu ódio à realidade, o paciente utiliza o sonho de forma evacuatória o que o torna menos apto para lidar com a frustração, que resulta mais intensa já que o sonho não mais serve para realizar um desejo ou armazenar uma imagem.

Partindo dessas concepções, Segal comenta que, quando o paciente tem capacidade de formar símbolos e de, dessa maneira, distanciar-se do objeto concreto, ele pode formular sonhos que têm a função descrita e abarcada por Freud em sua teoria.





Juarez Guedes Cruz

Mas, nos pacientes psicóticos, que utilizam o que ela chama de equação simbólica (onde não há uma diferenciação entre o símbolo e o simbolizado), os sonhos não têm a mesma função que Freud descreve. Podem ser utilizados não para elaborar, mas para livrar-se de conteúdos mentais indesejados. Têm, principalmente, a função de expulsão. São situações onde os sonhos são vivenciados como acontecimentos concretos; não fantasia, mas acontecimento real. Nesses casos, segundo Segal, é necessário “...prestar atenção à função, não ao conteúdo dos sonhos” (Segal, 1981, p. 130).

A autora relaciona esses símbolos concretos, ou melhor, essas equações simbólicas, aos elementos beta e considera-os o material dos sonhos dos psicóticos. Os elementos alfa seriam “...o material do sonho neurótico e normal” (Segal, 1981, p. 132). Conclui seu trabalho dizendo que “...nossa atenção está cada vez mais alertada para a forma e a função do sonhar, ao invés do conteúdo do sonho. É a forma e a função que refletem e ajudam a iluminar as perturbações no funcionamento do ego” (Segal, 1981, p. 137). É importante salientar que Segal, além de chamar a atenção para essa categoria de função (expulsiva) dos sonhos, também alerta para a possibilidade (como já tínhamos anotado nos trabalhos dos autores da psicologia do ego) de avaliarmos, através dos sonhos, o nível de integração estrutural do paciente.

Um texto de Arnold Rothstein, publicado em 1983, intitulado *O Trabalho do Sonho*, retorna à questão da elaboração de situações traumáticas. O autor descreve o que ele denomina de ‘função assimilativa do ego’, ou seja, como o ego, ao fabricar o sonho, está “...tentando assimilar uma variedade de conflitos e experiências traumáticas” (Rothstein, 1983, p. 136).

Rothstein dá alguns exemplos do que, para ele, são as funções dos sonhos. Na abordagem feita, mostra-se bastante influenciado pelas idéias de Kohut e destaca, como função original do sonho, que se expressaria já no conteúdo manifesto, a tentativa de superar as ameaças ao narcisismo (narcisismo esse que seria restaurado fantásticamente durante o sonho). Rothstein procura, em seu trabalho interpretativo, encontrar o resto diurno que representa a ameaça, ou injúria narcisista, que o paciente está tentando superar no sonho.

Neste mesmo ano, James Fosshage publicou “A função psicológica dos sonhos”. Nesse texto, o autor comenta como, sob o ponto de vista estrutural, os sonhos têm uma função organizadora e sintetizadora e que, partindo disso: “não há necessidade teórica de postular a ubiqüidade do mecanismo de disfarce e transformação do conteúdo latente em conteúdo manifesto” (Fosshage, 1983, p. 257). Apesar disso, argumenta ele, mesmo depois do surgimento do ponto de vista estrutural, e do reconhecimento das funções do ego, continuou difícil admitir as funções integradoras dos sonhos, em virtude da ênfase na regressão que ocorre durante o sonhar. Mas destaca que todos os modernos modelos da formação de sonhos têm enfatizado as funções de





integração, síntese e manejo sobre os impulsos ou conflitos. Expõe sua tese de que a principal função dos sonhos é “o desenvolvimento, manutenção (regulação) e, quando necessário, restauração dos processos psíquicos, sua estrutura e organização” (Fosshage, 1983, p. 262).

Ao discorrer a respeito das implicações clínicas de suas idéias, Fosshage afirma que a visão clássica dos sonhos, como estrada real para ter acesso aos desejos latentes e como meio de expressão de conflitos intersistêmicos, negligenciou o papel dos sonhos em “... suas funções primariamente desenvolvimentais, reguladoras, de resolução de conflitos e reorganizadoras, um papel de muito maior importância do que o que foi previamente considerado” (Fosshage, 1983, p. 264). Ou seja, Fosshage conceitua o sonho não como guardião do sono, mas como guardião da estrutura psíquica. Mais adiante, comenta que esta nova conceituação “...potencialmente amplia nossa utilização clínica dos sonhos, já que as imagens oníricas que são acompanhadas ou evocam intensos afetos podem retratar não somente conflitos intersistêmicos, mas também novos desenvolvimentos internos...” (Fosshage, 1983, p. 264). Lembra como, nessa visão, a vaguidade de um sonho, por exemplo, pode estar evidenciando, não intensas manobras defensivas, mas fenômenos intrapsíquicos que não são claros para o sonhador (da mesma forma como, no pensamento de processo secundário, a clareza tem gradações e passa por etapas de desenvolvimento).

Um trabalho mais recente e que guarda a mesma linha de raciocínio que encara o sonho como guardião da estrutura psíquica, foi escrito por Ramon Greenberg e colaboradores, em 1992. Intitula-se “Reconsiderando a Teoria Psicanalítica do Sonho” e, nele, os autores comentam que, modernamente, existem duas versões contrastantes a respeito da natureza dos sonhos: a primeira que tem origem neurofisiológica e que considera o sonho como reação à atividade aleatória do sistema nervoso durante o sono REM e a segunda, de inspiração psicanalítica, que atribui aos sonhos um significado emocional e os considera uma representação disfarçada de um desejo infantil. Na opinião dos autores nenhuma das duas versões é completamente satisfatória e eles propõem-se mostrar, dentro de uma perspectiva que unifique as duas versões, que o sonho “...é uma tentativa de adaptação às demandas da vida” (Greenberg e cols., 1992, p. 532).

Dedicam uma seção do trabalho a mostrar como o sono REM é importante para os mamíferos em geral e para o homem em particular. Comentam que animais submetidos a experiências de privação do sono REM, passam a apresentar um déficit no aprendizado e, a partir dessa observação, lançam a hipótese que, no homem, “...o sono REM é necessário para a integração de informações novas e complicadas nos sistemas de memória...” (Greenberg e cols., 1992, p. 535).

A idéia central do trabalho de Greenberg e seus colegas é a de que, na vida de





Juarez Guedes Cruz

vigília, temos problemas a resolver e que isso continua durante o sono. Para eles, a integração de informações está a serviço dessa solução de problemas. Argumentam que, se esse pressuposto é verdadeiro, poderemos utilizar o *problema* como unidade básica para o entendimento do sonho. Definem *problema* como “...qualquer expressão de emoções negativas ou qualquer situação que evoca tais emoções ou que requer alguma mudança ou adaptação. Um sentimento de desequilíbrio é inerente ao conceito” (Greenberg e cols., 1992, p. 535).

Organizaram, Greenberg e seus colaboradores, uma experiência que se baseou no estabelecimento de possíveis relações entre problemas que o indivíduo está enfrentando em sua vida de vigília e a apresentação dos mesmos no conteúdo manifesto do sonho. Os resultados dessa pesquisa mostram que, ao contrário do sustentado por alguns pesquisadores no terrenos da neurofisiologia, “...o sonho não é um produto (...) misterioso ou dissimulado mas, isto sim, uma óbvia continuação dos problemas da vida de vigília” (Greenberg e cols., 1992, p. 538/539). As funções cognitivas da vigília, “...tais como reconhecimento, representação e soluções por tentativa de dilemas, são encaradas no sono da mesma forma como são vistas quando o indivíduo está acordado e existe uma continuidade desse processo através dos vários estados da consciência” (Greenberg e cols., 1992, p. 544).

Dessa forma, o conteúdo manifesto do sonho pode ser visto como evidenciando “...representações diretas e significativas de problemas da vigília que estão a exigir atenção do sonhador. Isto contrasta com a opinião de que o sonho é uma produção destituída de sentido, uma tentativa de impor um significado a uma atividade neuronal casual (...) ou uma coletânea de restos de memória a serem descarregados (...) O sono desempenha um papel na mudança do estado adaptativo do organismo” “ (Greenberg e cols., 1992, p. 546/547).

Concluem o trabalho dizendo que “...o sono é uma expressão direta do que é perturbador e dos esforços para lidar com essas situações perturbadoras. Esta é uma abordagem psicodinâmica, embora não considere que descarga de impulsos ou disfarce sejam necessariamente centrais. Ela coloca o sonho numa posição central como participante em nossos constantes esforços de dar um sentido ao mundo e aos eventos que nos impactam” (Greenberg e cols., 1992, p. 548).

Penso ter deixado evidente, na revisão feita, como os diversos autores estenderam o estudo da função dos sonhos para campos que ultrapassam a satisfação de desejos e a descarga de impulsos. Destacam-se, entre as funções indicadas, as de elaboração de situações traumáticas (onde pontifica o papel do ego) e as funções adaptativas, de integração do aparelho psíquico e de resolução de problemas.

Vejamos, agora, como tudo isso é fartamente ilustrado pelo sonho *A injeção de Irma*.





## Uma reconsideração do sonho *A Injeção de Irma* sob o ponto de vista da teoria da função dos sonhos

Começamos pela aplicação, ao sonho de Freud, das idéias de Ferenczi sobre a *função traumatolítica* da produção onírica. O comentário de Oskar Rie (“está melhor, mas não inteiramente boa”) teve, para o sonho de Freud, o papel de um resto diurno. E, provavelmente, adquiriu tal força por ter despertado a recordação de um outro episódio muito mais sério e de contornos traumáticos, episódio esse que, omitido por Freud em suas associações, só veio à luz em 1966, a partir de um trabalho de Max Schur, médico pessoal de Freud. Acontece que, cerca de 5 meses antes de ter tido o sonho, Freud encaminhara sua paciente Emma Eckstein (uma das possíveis identidades de Irma) ao seu amigo Wilhelm Fliess, otorrinolaringologista de Berlim, para que ele a operasse com a finalidade de resolver uma secreção nasal sanguinolenta que a paciente cronicamente apresentava. O fato é que tal cirurgia, realizada por Fliess em torno do dia 20 de fevereiro de 1895, em Viena (o que impediu que acompanhasse o pós-operatório, pois logo tivera que retornar a Berlim), só complicara o estado da paciente: ela começou a apresentar secreções purulentas e sangramentos nasais mais violentos. Freud, em 6 de março de 1895, ao revisá-la juntamente com um outro médico de Viena (Dr. Ignaz Rosanes), constatara que Fliess, seu tão querido amigo e confidente, por descuido ou imperícia, esquecera na cavidade nasal da paciente, vários centímetros de gaze. Quando essa gaze, já fétida, foi retirada da cavidade nasal de Emma, Freud, nauseado e tonto, teve que sair da sala, só se recuperando após tomar uma dose de conhaque. Ao retornar, cambaleante, ainda teve que suportar, partindo de Emma, um comentário irônico: “Então este é o sexo forte” (Gay, 1988, p. 93).

Vejam os comentários que o próprio Freud fez, com relação a esse episódio, em uma carta que enviou a Fliess, datada de 8 de março de 1895: “Não creio que o sangue tenha sido o que me transtornou; naquele momento havia fortes emoções brotando em mim. Pois não é que lhe tínhamos feito [a Emma] uma injustiça! Ela não tinha nada de anormal; ao contrário, um pedaço de gaze iodoforme se havia rompido quando você o retirou e ali permanecera por quatorze dias, impedindo a cicatrização (...). A idéia de que um desastre desses pudesse acontecer com você, de como você reagiria ao tomar conhecimento do fato, de como os outros poderiam interpretá-lo, de quanto errei em insistir que você operasse numa cidade estranha onde não poderia acompanhar o caso até o fim, de como minha intenção de fazer o melhor possível por essa pobre moça foi traiçoeiramente distorcida e resultou num risco para a vida dela – tudo isso se apoderou de mim simultaneamente. (...) A rigor, eu não deveria atormentá-lo com isso, mas tinha todos os motivos para confiar-lhe esse assunto, e mais







ainda. Você fez tudo tão bem quanto se pode fazer. A ruptura da gaze iodoforme é um desses acidentes que acontecem com os mais afortunados e cuidadosos cirurgiões (...) É claro que ninguém o está culpando, nem vejo porque devesse fazê-lo (...) e esteja certo de que não me foi necessário reafirmar minha confiança em você mais uma vez. Só quero acrescentar que, por um dia, evitei timidamente informá-lo do acontecido; depois, comecei a me sentir envergonhado, e aqui está a carta” (Freud, carta a Fliess em 08.03.1895, segundo Masson, 1985, p. 118/119). É fácil notar o tom ambivalente de Freud e também a maneira como tenta descartar toda a responsabilidade de Fliess, assumindo sozinho a culpa: “...estou inconsolável por tê-lo envolvido e por ter criado uma situação tão mortificante para você” (Freud, carta a Fliess em 13.03.1895, segundo Masson, 1985, p. 122).

A negação da crítica que está fazendo a Fliess é, igualmente, evidente. Nessa mesma carta de 13 de março, refere-se ao fato de que Emma, apesar de tudo, continua a reverenciar a memória de Fliess e de que já é chegado o tempo do mesmo “se perdoar por esse lapso mínimo” (Freud, carta a Fliess em 13.03.1895, segundo Masson, 1985, p. 120). Tal postura de Freud mantém-se nos dias seguintes e, duas semanas depois, escreve nova carta para Fliess, elogiando Emma e dizendo ser a mesma “...uma moça muito agradável e honesta, que não culpa nenhum de nós pelo acontecido e se refere a você com grande respeito” (Freud, carta a Fliess datada de 28.03.1895, segundo Masson, 1985, p. 124). Max Schur comenta a respeito disso: “O fato de que Fliess tinha o dom de impressionar amigos e pacientes com a profusão de seus conhecimentos biológicos, sua enorme imaginação e sua confiança inabalável em suas aptidões terapêuticas é algo que se pode concluir pela intensa fidelidade de seus pacientes, o que se evidenciou na correspondência de Freud com ele” (Schur, 1972, citado por Masson, 1985, p. 122).

Apesar desses esforços e da atitude reativa de Freud, seguiu-se uma constrangedora troca de cartas entre os dois e a amizade pareceu ameaçada, pois Fliess mostrou-se melindrado ao saber, através do próprio Freud, de um fato previsível: um outro otorrinolaringologista de Viena, com sobras de razão, atribuiu a piora de Emma à desastrosa intervenção de Fliess e Freud precisou acalmar o amigo. Diz estar muito abatido e ofendido por Fliess considerar necessário um atestado comprovando sua reabilitação: “Para mim, você continua a ser o médico, o tipo de homem em cujas mãos se deposita confiantemente a própria vida e a vida da própria família (...). Eu quis desafogar minhas mágoas e, quem sabe, obter sua orientação a respeito de E., e não recriminá-lo por coisa alguma. Isso teria sido estúpido, injustificado e claramente contraditório a todos os meus sentimentos” (Freud, carta a Fliess em 20.04.1895, segundo Masson, 1985, p. 126). Freud parece ter feito o possível para diminuir sua decepção com a participação de Fliess no caso. Max Schur escreveu a respeito disso:





“A correspondência desses meses (...) revelou as tentativas desesperadas de Freud de negar qualquer reconhecimento do fato de que Fliess teria sido condenado por imperícia médica em qualquer tribunal, em decorrência desse erro quase fatal” (Schur, citado por Masson, 1985, p. 122). Freud, em seu esforço de argumentação, parece até antecipar, em uma carta de 26 de abril de 1895, as críticas que, nas associações ao sonho de Irma, faz com relação às pacientes que não o obedecem e atrapalham o tratamento: dirige-se a Fliess tratando-o de “querido mago” e refere-se a Emma Eckstein como “...minha e sua torturadora” (Freud, carta a Fliess em 26.04.1895, segundo Masson, 1985, p. 128).

O fato é que Freud sentia-se culpado por ter feito a indicação da cirurgia e ter, indiretamente, provocado a piora de Emma. Sabemos da importância que a figura de Fliess tinha para Freud e é evidente que suas cartas, relativas a esse lamentável episódio, tratam de atenuar a responsabilidade de Fliess. Greenberg e Pearlman, em 1978, mostram como alguns restos diurnos, que claramente aparecem no conteúdo manifesto do sonho da *Injeção de Irma*, são negligenciados por Freud na tarefa de, ao mesmo tempo, confirmar sua teoria de realização de desejos e ocultar seu desapontamento e raiva com relação a Fliess. Com isso – de maneira muito semelhante às situações onde o que fica reprimido pelo paciente é algo que está acontecendo na transferência – encobre o que estava se passando no seu relacionamento com Fliess. Sabemos que Fliess, nessa época, funcionava praticamente como o analista que Freud nunca pôde ter. Penso que a figura de Breuer, no sonho, claudicante e pálido, é uma condensação de Breuer e Fliess. Mas só o primeiro é reconhecido. A função adaptativa do sonho de Freud parece ser, aqui, a preservação da até então necessitada imagem idealizada de Fliess, seu único e vital confidente na época.

Peter Gay, honesto e bem documentado biógrafo de Freud, assim comenta todo esse episódio, que teve o sonho por resultante: “...o sonho da injeção de Irma foi um enredo cuidadosamente construído, altamente intrincado, destinado, pelo menos em parte a salvar a imagem idealizada de Fliess a despeito de alguma prova condenatória. Uma interpretação mais completa, menos protetora do que a publicada por Freud, leva ao que deve ter sido o episódio mais consternador de sua vida” (Gay, 1988, p. 91). Podemos, em apoio a essa linha de raciocínio, observar que a única associação direta com a pessoa de Fliess, feita por Freud, ao comentar o sonho, é uma referência elogiosa. Ao referir-se à presença da trimetilamina, diz ser a mesma “...uma alusão não somente ao fator imensamente poderoso da sexualidade como também a uma pessoa cuja concordância recordava prazerosamente sempre que me sentia isolado em minhas opiniões. Certamente, esse amigo, que desempenhou papel tão relevante em minha vida, (...) tinha um conhecimento especial das conseqüências de afecções do nariz e de suas cavidades acessórias, e chamaria a atenção do mundo





Juarez Guedes Cruz

científico para algumas relações muito notáveis entre os cornetos e os órgãos sexuais femininos” (Freud, 1900, p. 125). Ora, o elogio é evidente, contrastando de maneira dramática com as críticas dirigidas, no sonho, aos outros colegas: um Oskar aplicando injeções descuidadamente e um Breuer pálido e claudicante.

Além de tudo isso, é importante considerar que os rascunhos de *A Interpretação de Sonhos* eram cuidadosamente submetidos ao aval de Fliess, antes de serem mandados para a gráfica. Na carta de 9 de junho de 1898, por exemplo, há uma clara evidência de que os referidos rascunhos foram censurados por Fliess, especialmente com relação a um sonho que seria publicado com uma interpretação completa e Freud agradece por sua intervenção e penitencia-se por ter perdido “...a vergonha que se exige de um autor”. Também diz que, em função do julgamento de Fliess, o sonho está condenado e que “a sentença foi proferida”. Salienta, conciliatoriamente, que “um lindo sonho e nenhuma indiscrição... não coincidem” (Freud, carta a Fliess em 09.06.1898, segundo Masson, 1985, p. 316). Mostra-se inteiramente disposto a omitir qualquer aspecto que Fliess vetar em qualquer outro sonho que substitua esse que foi suprimido. Em outra carta, do dia primeiro de agosto de 1899, poucos meses antes da publicação de ‘A Interpretação de Sonhos’, Freud agradece o vivo interesse que Fliess tem demonstrado pela leitura do manuscrito, pelas sugestões e preocupa-se em acolher qualquer objeção que Fliess faça. Com isso, parece ficar evidente o tratamento dado ao sonho de Irma: ele padece, possivelmente, não apenas da censura de Freud, mas, também da ‘sentença’ de Fliess. Só podia ser apresentado desde que Freud evitasse qualquer associação explícita ao episódio de Emma Eckstein.

Vemos, pelas associações manifestas de Freud, que além dessa situação terrível, e por ele omitida em suas considerações sobre o sonho, foram despertadas recordações de outros eventos traumáticos (o prejuízo causado a duas pacientes, uma pelo uso de cocaína e outra pelo uso de sulfonal; a morte de um amigo por uso de cocaína; a doença de um paciente que ele não quis atender; uma grave doença da filha mais velha). Aqui, as idéias de Ferenczi, que expus anteriormente, ajudam a compreensão: as repetições desses acontecimentos traumáticos no conteúdo manifesto ou latente do sonho têm o objetivo de levá-los a uma melhor resolução. Tais situações são traumáticas porque, em maior ou menor grau, apontam para uma responsabilidade de Freud em ter causado danos a outras pessoas. E o que é traumatolítico nesse sonho? Simplesmente o raciocínio *a culpa não é minha, os próprios pacientes se prejudicam, ou são prejudicados por médicos não tão escrupulosos*. Assim, é importante acrescentar que *a realização de desejo formulada por Freud é, provavelmente, apenas um instrumento para atingir um objetivo maior: a solução ou elaboração de uma situação traumática que é repetida, no sonho, apenas para ser vencida*. Para Ferenczi o ego não está passivo durante o sono, e, nisso, suas idéias concordam com as





modernas teorias a respeito do sono REM, considerado necessário à integração e elaboração de novos conhecimentos pelo sistema nervoso central. Penso que, considerando esses aspectos, a hipótese de Ferenczi (1934) é mais próxima que a de Garma (1940), com relação ao que se passa na intimidade do sonho: não se trata apenas de um ego adormecido e engolfado por ansiedades traumáticas, mas de um ego ativo que, durante o sono trabalha e elabora o que é traumático. Não é compulsão à repetição do trauma, mas repetição com a finalidade de dar alguma solução possível para a situação traumática.

O resto diurno – visita de Rie e todas as suas conseqüências – representava, muito provavelmente, uma ameaça ao narcisismo (o orgulho de Freud com relação ao seu próprio desempenho e a seus projetos de ser famoso) e tal injúria necessita ser superada no sonho. A tremenda ameaça feita à sua estrutura psíquica e aos seus projetos, pelo desastre no caso de Emma e pela falha de seu preceptor, é atenuada de maneira a preservar sua organização mental e conservar seus outros sonhos. Ganha força, nesse sentido, a afirmativa de Fosshage que concebe o sonho não só como guardião do sono, mas como guardião de toda a estrutura psíquica.

### **Alguns comentários finais**

Nas considerações que fiz a respeito do sonho de Freud, destaco a hipótese das funções dos sonhos na resolução dos problemas despertados durante a vigília. Tais funções já foram sobejamente destacadas por autores como Ferenczi, Loewenstein, Geenberg e Pearlman, Rothstein, Fosshage. Outras funções designadas por outros autores (como Garma e Segal) não me pareceram tão presentes ou importantes na compreensão do sonho de Freud. A contribuição de Garma não parece valorizar o alto grau de atividade do ego no sonho, na medida em que o descreve como engolfado pelo trauma e limitando-se, apenas, a disfarçar a situação traumática. A de Segal enfatiza a função expulsiva dos sonhos, quando tais objetivos podem ser questionados. Parece ser difícil identificar, na prática clínica, algum sonho onde essa dita função expulsiva predomine. Penso que essa não foi a função do sonho de Freud e que os sonhos, em si, nunca teriam uma finalidade primariamente expulsiva, mesmo nos psicóticos. O paciente é que tentaria evacuar sua lembrança ou dissociar o conhecimento que o sonho pode proporcionar. Cabe então, ao analista, restituir os significados da produção onírica que o paciente, por sua aversão à realidade, está tentando desconhecer. Mas, reconheço, a questão é bastante polêmica como assinalaram, em comunicação pessoal, Pires (1994), Schestatsky (1994) e Seewald (1994), durante a apresentação de uma parte do presente texto, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Juarez Guedes Cruz

Tais considerações resumem o que penso ser a função primordial dos sonhos. *Mais do que realização de desejos e descarga de impulsos, são a continuação do pensamento da vigília e, durante o sono, continuam a resolver os problemas que permanentemente impactam nossa mente.* Nesse sentido, podemos pensar que o sonho de Freud não se resume, provavelmente, em proteger a pessoa de Fliess, mas bem poderia dramatizar os sentimentos de dúvida com relação a um novo tipo de compreensão da vida mental e de tratamento que ele próprio, Freud, estava criando.

## Epílogo

Num dos trechos mais tocantes de seu livro “Vida Onírica”, Donald Meltzer, ao comentar a respeito da formulação da interpretação de um sonho, diz que toda a interpretação possui uma premissa que poderia ser formulada da seguinte maneira: “Enquanto ouvia seu sonho, tive um sonho que, em minha vida emocional significaria o seguinte, que gostaria de compartilhar com você com a esperança de que proporcionará alguma luz sobre o significado que seu sonho tem para você” (Meltzer, 1984, p. 100). Podemos dizer que o sonho de Freud inspirou, a todos nós, sonhos que tratamos de compartilhar neste ano de 1995, quando se completam 100 anos desde essa sua inquieta e produtiva madrugada. Para todos nós, esse sonho que se tornou, no dizer de Erikson, o “sonho prototípico da psicanálise”, é nosso sonho mítico fundador, que representa nossas dúvidas, nossos acertos e desacertos em nossa prática do dia a dia em nossos consultórios. Sigmund Freud, no sonho *A Injeção de Irma*, não só parece ter preservado o seu sono da madrugada de 24 de julho de 1895, como também preservou seus sonhos de continuar investigando apesar dos próprios erros e dos desafios da realidade externa enquanto lançava, bravamente, os fundamentos da Psicanálise. E com isso, de certa maneira, preservou nossos próprios sonhos. □

## Summary

After a synthesis of Freud’s *Irma Dream*, and presentation of connected day residues, some remarks about Freud’s free associations related to the dream are advanced. This material is then utilized with the purpose of enlighten the role of dreams as continuers of waking life thinkings, in the problems solving task or coping with conflicts that ininterruptedly clash our internal world. In this sense, dreams are regarded not only as sleep guardians, but psychic structure guardians.





## Referências

- FERENCZI, S. (1934) Reflexões sobre o trauma. In: ———. *Obras Completas. Psicanálise IV*. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- FOSSHAGE, J. (1983) The psychological function of dreams: a revised psychoanalytic perspective. In: Lansky, M.R. (Editor) *Essential Papers On Dreams*. New York University Press. New York and London, 1992.
- FREUD, S. (1900) A Interpretação de Sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (4 e 5). Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1ª edição, 1976.
- GARMA, A. (1962) *El Psicoanálisis. Teoría, Clínica y Técnica*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1971, 2ª edição.
- GAY, P. (1988) Freud. Uma vida para o nosso tempo. Companhia das Letras, São Paulo, 1989, 2ª reimpressão.
- GREENBERG, R. e PEARLMAN, C. (1978) If Freud only knew: a reconsideration of psychoanalytic dream theory. *Int. J. Psycho-Anal.* (5) 71-75.
- GREENBERG, R. e COLS. (1992) A research-based reconsideration of the psychoanalytic theory of dreaming. *J. Amer. Psychoanal. Assn.* (40) 531-550.
- LOEWENSTEIN, R. (1949) A posttraumatic dream. *The Psychoanalytic Q.* (18) 449-454.
- MASSON, J.M./editor (1985) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1986.
- MAUTNER, B. (1991) Freud's Irma dream: a psychoanalytic interpretation. *Int. J. Psycho-Anal.* (72) 275-286.
- MELTZER, D. (1984) *Vida Onírica*. Tecnipublicaciones, S.A., Madrid, 1987.
- PIRES, A.C.J. (1994) Comunicação pessoal.
- ROTHSTEIN, A. (1983) The dreamwork. In: ———. (1983) *The Structural Hypothesis. An Evolutionary Perspective*. International Universities Press, Inc. NY. p. 135-172.
- SCHESTATSKY, S.S. (1994) Comunicação pessoal.
- SCHUR, M. (1966) Some additional 'day residue' of the 'specimen dream' of psychoanalysis. In: *Psychoanalysis – A General Psychology. Essays in Honor of Heinz Hartmann*. Ed. R.Loewenstein et al. New York: IUP, 45-85.
- SEEWALD, F. (1994) Comunicação pessoal.
- SEGAL, H. (1981) A função dos sonhos. In: ———. (1981) *A Obra de Hanna Segal*. Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1983.
- SUARES, J.C. (1993) A propósito del cincuentenario de nuestra revista. *Rev.Arg.Psicoanal.* (50) 471-478.

### Juarez Guedes Cruz

Rua César Lombroso, 41  
90.420-130 – Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

Página 110 é branca





# Entrevistas

---







Atenção montador  
Página 112 é branca





# Entrevista com Jorge L. Ahumada\*

*Entrevista concedida, em 27 de outubro de 1995, aos Drs. Mauro Gus, Joel Nogueira, Raul Hartke e Ruggero Levy.*



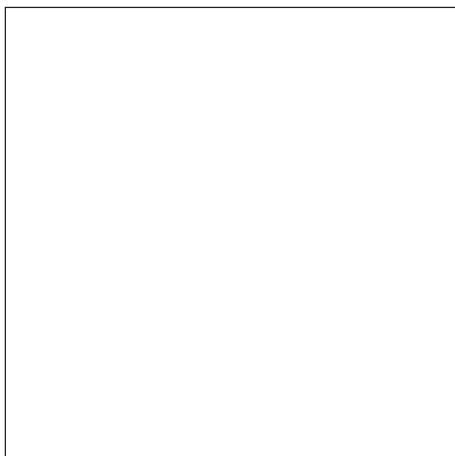
---

\* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

---

Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996 □ 113





RP – *É uma tradição de nossa Revista, nesses três anos, entrevistarmos os nossos convidados para a Sociedade. Ficamos muito honrados em poder conversar mais proximamente com os colegas que nos visitam. Dentro dessa linha, já recebemos pessoas como Elizabeth Spillius, David Tuckett, André Green, Elizabeth Gamma, Otto Kernberg e temos, agora, a satisfação, depois de nos conhecermos há tantos anos, de entrevistá-lo para a revista. Gostaríamos de, inicialmente, colocar algumas perguntas e te deixar falar. Isso me*

*parece mais interessante, pois poderás ir associando com a tua experiência como editor, esses anos todos, do Comitê Editorial da América Latina, com a tua experiência como psicanalista e como um estudioso que tem publicado ultimamente coisas muito interessantes. Entre elas, eu gostaria de citar, quem sabe como um ponto de partida, o artigo publicado no International Journal no qual questionas o ponto de vista hermenêutico narrativo e te posicionas a favor da psicanálise como a ciência observacional, dentro das ciências naturais. Poderias, para início de conversa, explicar qual a repercussão disso sobre o método psicanalítico?*

JA – Bom, se eu penso que a psicanálise está dentro das ciências naturais, é porque creio que há uma diferença no método. Ao dizer que há uma diferença no método, não quero com isso dizer que tenha que havê-la em todos os praticantes de um ou outro posicionamento. Há uma diferença na receptividade de cada analista, que não está dada, na realidade, pelas teorias que sustenta e sim pelo que foi a qualidade de sua análise, pelo que é a sua receptividade pessoal, pela riqueza de suas experiências de supervisões e por muitos outros fatores. Não há uma dependência linear de um analista com respeito a suas teorias. De todas as formas, acredito que a discussão não é puramente acadêmica. Os enfoques hermenêuticos narrativos não são homogêneos, mas implicam, a meu entender, um retorno, uma reinclusão mais estreita da psicanálise dentro das filosofias, que é uma coisa em relação à qual Freud tomou muito cuidado. Freud fez um esforço sistemático para manter a psicanálise fora da dependência dos sistemas filosóficos e acredito que os enfoques hermenêuticos narrativos implicam, para muitos de seus seguidores, uma reinclusão da psicanálise mais perto da filosofia. Isso é explícito em algumas pessoas, como é o caso de Ricoeur. Por exemplo, no seu livro “From Text To Action”, que creio ser de 1984, é





claro como água que Ricoeur dedicou certamente anos de sua vida ao estudo de Freud, isto é, submergiu em Freud, escreveu um livro a respeito de Freud e saiu absolutamente não modificado. Quer dizer, passou anos de sua vida estudando psicanálise e disso não lhe ficou nada. Acho que isso é muito ilustrativo da dificuldade que se dá quando o centro dos interesses e da formação de alguém é a filosofia. Quando se estuda a psicanálise a partir da filosofia, então essa última se torna o ponto de partida e a psicanálise, assim estudada, não possibilita uma verdadeira experiência psicanalítica. O estudo dos textos psicanalíticos é uma parte muito importante da formação de um psicanalista, mas isso se dá à medida que esteja ligado a experiências, principalmente às experiências como analisando bem como às experiências que possa ter como analista e como supervisionando. É nesse interjogo de experiências que o estudo dos textos de psicanálise pode ser frutífero.

Não sei se respondi à sua pergunta. Tenho a impressão que respondi talvez a uma faceta mas não a outras. Para os enfoques hermenêuticos narrativos, a linguagem passa a ter uma posição central e não era assim para Freud. Freud distingue vários níveis na mente, fala da realidade psíquica, que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, fala dos impulsos e das representações de coisa como os elementos constitutivos do inconsciente e refere-se à linguagem como um nível sobreposto ao qual essas experiências se unem e através do qual a linguagem, em cada pessoa, adquire significado. Esse é um ponto bastante diferente daquele sustentado pelas teorias hermenêuticas narrativas, nas quais o significado radica na linguagem e não na experiência e para as quais é a linguagem que significa a experiência. Então, digamos, um coloca o carro onde o outro coloca os cavalos e vice-versa e isso se reflete na técnica.

Acho que isso é explícito naquele que certamente foi o primeiro hermeneuta na psicanálise e que teve a mais ampla repercussão, mesmo que ele não se considerasse estritamente um hermeneuta, ou seja: Lacan. Quando Lacan, propõe, em seu discurso de Roma no ano 53, a linguagem, a palavra como o núcleo essencial no qual a psicanálise se baseia, não é estranho que junto com essa afirmação ocorra um claro abandono do método, o que hoje seus discípulos admitem abertamente. Roudinesco diz, na biografia de Lacan, e acho que tem razão, que os que permaneceram na IPA defenderam o método e definiram inclusive a pertinência ou não ao grupo psicanalítico de acordo com a manutenção do método, o famoso problema dos *standards* da formação. Por outro lado, surgiu uma enorme diversidade de teorias, como um ramalhete, ao longo, digamos de 50 anos desde a morte de Freud, de certa forma, desde antes. No caso do lacanismo, deu-se o inverso: produziu-se uma rígida defesa da teoria, que era o que estabelecia o fato de pertencer ao movimento, enquanto a técnica passava a ser algo que não ficava instituída de maneira alguma. Os praticantes





Entrevista com Jorge L. Ahumada

lacanianos ficavam com absoluta liberdade técnica e nisso se incluem, por exemplo, situações que, de um ponto de vista um pouco mais clássico, teriam sido consideradas não só inadmissíveis mas sim impensáveis como, por exemplo, as sessões de três minutos com que trabalham alguns dos lacanianos franceses e que eles consideram como uma técnica admissível. Nem todos a usam, mas a consideram cabível dentro do espectro de modificações técnicas da psicanálise e passíveis de uma fundamentação.

O caso de Lacan é talvez extremo, no sentido de que outros enfoques hermenêuticos narrativos não tiveram esse nível de dispersão militante, digamos quanto à técnica, mas eu acho que se pode fazer uma generalização.

*RP – Falaste a respeito de Elizabeth Roudinesco, que esteve recentemente em Porto Alegre e nos impressionou muitíssimo. Ela, de alguma maneira, frustrou o movimento laciano, ao menos local, que estava esperando que ela viesse com uma bandeira, defendendo todo o lacianismo propriamente dito como a psicanálise do presente e do futuro. Ela desmistificou isso, a ponto do auditório ter-lhe feito uma pergunta – se ela não entendia que o futuro da psicanálise estava ligado ao lacianismo – e ela teve uma expressão espontânea dizendo: “Oh! Não!” Porque, exatamente, o lacianismo e o millerismo, que é o movimento todo que se seguiu à herança que foi passada ao genro de Lacan – Miller – fugia, de forma importante, do método. E todo o movimento laciano dentro da França ficou sendo como que propriedade dos movimentos filosóficos e muito entrecruzado com Heidegger e com Althusser, escapando aos preceitos com que estamos habituados a conviver, que são os fundamentalmente psicanalíticos. Então, eu gostaria que tu pudesses nos dizer alguma coisa a respeito disso também, já que tu falastes na Roudinesco.*

JA – De que coisa você quer que eu fale?

*RP – Sobre o lacianismo fora da França e como te parece o desenvolvimento desse movimento dentro da América Latina, porque eu também pretendia conversar um pouco contigo sobre o futuro da psicanálise dentro da América Latina.*

JA – Posso te contar uma história antes que eu a esqueça? Acho que não está publicada. Quem me contou foi Domingo Grande, um discípulo de Celes Carcamo, um dos primeiros psicanalistas de Buenos Aires. Carcamo foi colega de estudos de Lacan nos seminários. Ele era graduado do Instituto de Paris e tinha sido colega de seminários de Lacan e, sempre que ia à França, via Lacan. Às vezes ia com ele aos seus seminários. Uma anedota que contava Domingo Grande, é que Carcamo havia previsto muitos anos antes, conhecendo as características do meio intelectual de Bu-





enos Aires, que o lacanismo iria ser furor em nossa cidade. Coisa que de fato aconteceu. Isso foi uma previsão de Carcamo, ao menos, eu diria, uma década antes do lacanismo aparecer em Buenos Aires. Acho que isto tem a ver com as características do meio intelectual em Buenos Aires e não só em Buenos Aires, mas na América Latina, que é um meio intensamente verbalista, ao contrário dos meios anglo-saxões que têm uma cultura mais para o lado do empirismo na própria sociedade. Em um meio anglo-saxão, é uma coisa impensável que alguém fale de alguma coisa que não sabe fazer. É impensável que eu fale de carpintaria, se não sou carpinteiro, num meio anglo-saxão. Alguém só pode falar do que sabe fazer. Na América Latina – não sei no Brasil – mas em Buenos Aires sim, o que importa é que se saiba falar. Se alguém fala bonito, não tem importância que saiba ou não fazer o que diz.

RP – *Mas há pouca coisa clínica de Lacan escrita. Nós não temos nada clínico.*

JA – Lacan não descrevia casos clínicos. Uma das coisas que aparece muito claramente no livro de Roudinesco é a pouca experiência clínica, como psicanalista, que tinha Lacan. Quando entrou como membro, o que foi uma situação muito complexa, bem explicada por Roudinesco, sua experiência clínica era com um paciente apenas, o qual analisava três ou quatro vezes por semana. Esse era o seu caso psicanalítico. Por muitos anos, ele teve um único paciente.

RP – *Há só um caso publicado (ele disse que gostava de tratar psicóticos).*

JA – O caso Aimée, que não foi um caso psicanalítico. Foi um relato de suas entrevistas, de sua visão de uma paciente psicótica. Não é estranho que Lacan tenha publicado muito pouco clinicamente, porque, sendo um homem obviamente muito inteligente, muito talentoso, Lacan suportava muito pouco o método.

RP – *E a pergunta sobre Lacan é exatamente por causa do método...*

JA – Claro, mas eu não queria me centrar somente no caso de Lacan que é um caso bastante anômalo. Eu acho que o método psicanalítico objetiva que o inconsciente se manifeste, se explicita, para que haja uma ostensividade do inconsciente. Freud armou todos os elementos do método em torno disso. Quando Freud fala, por exemplo, que o instrumento do analista é o seu inconsciente, que o analista segue o curso do inconsciente do paciente com seu próprio inconsciente, Freud já estava falando do que se veio a chamar contratransferência no sentido amplo, como parte do método, embora não chamasse isso contratransferência. Ele denominava isso a forma





Entrevista com Jorge L. Ahumada

como se escuta. O método está armado para que o analista faça um tipo de intervenção descritiva, que rompa o menos possível, que turve o menos possível o curso do que vai surgindo no paciente. Isso implica muitas coisas. Uma delas é que muitos dos pacientes não aparecem através das palavras, aparecem através das ações. E a neutralidade do analista objetiva preservar um marco onde isso vá se fazendo visível para o analista e para o paciente.

Se alguém pensa que o inconsciente aparece basicamente por meio da palavra e que o que importa é seguir as associações verbais e que por sua vez o analista vai modificar isso pela sua criatividade verbal, a necessidade de cuidado com o método desaparece. Por isto, parece-me, não vemos artigos sobre método nos escritos das correntes narrativas. O que se vê são, principalmente, artigos de crítica às posições empiristas, crítica muitas vezes deformada, por atribuir-se um caráter autoritário ao método. É muito comum que o método analítico clássico seja tratado como autoritário e que essas correntes se apresentem como liberadoras. De todas as formas, é claro que, à medida que desfazem o método, passaram a adquirir um atrativo popular muito maior. Então, é uma psicanálise sem psicanálise.

RP – *Isto está muito interessante no seguinte sentido: existe uma corrente que pensa a psicanálise a partir de um desenvolvimento histórico, isto é, medicina, neurologia, neuro-psiquiatria, chegando até a Psicanálise com Freud e a partir dele. A outra linha seria toda esta evolução, mas sofrendo influências, na sua trajetória, de outros conhecimentos, outras atividades. Eu queria ouvi-lo a esse respeito. Por exemplo, quanto à influência da filosofia, dos movimentos filosóficos...*

JA – Quais movimentos filosóficos, por exemplo?

RP – *Positivismo numa determinada época. Racionalismo, pragmatismo e uma série de outros. Como isso, vamos dizer assim, influencia de alguma maneira. Gostaria de ouvi-lo a esse respeito, pois penso que, se por um lado, tais influências acrescentam do ponto de vista cultural, por outro, às vezes me parecem uma perversão no sentido do método psicanalítico em si, no sentido de pesquisa vinculada ao inconsciente dinâmico e ao determinismo psíquico e no sentido de considerá-lo uma técnica de tratamento de doenças, de pessoas que sofrem.*

JA – Bem, o assunto é muito amplo. Obviamente Freud tinha as influências filosóficas de sua época, mas acho que é importante destacar o fato de que qualquer positivismo que se atribuía a Freud não era um positivismo ideológico e sim era o que poderia ser a visão das ciências em sua época. E nesse sentido, quem questiona





Freud a partir da filosofia, a meu entender, simplifica muito fatos bastante centrais. De imediato, tudo que era psicologia já era colocado, exceto por alguns seguidores, bem fora de qualquer das correntes das chamadas ciências positivas, no sentido como a entendia Comte, por exemplo. Comte disse textualmente que a psicologia é como a astrologia...

RP – Como a astrologia?

JA – Sim, astrologia. Essa frase que depois Popper repetiu à exaustão, comparando a psicanálise com a astrologia, na realidade Comte já a tinha dito quase cem anos antes. Ou seja, que como uma ciência positiva em sentido estrito a psicanálise não existe e ponto. Que em algumas das concepções da metapsicologia de Freud achemos resquícios do que poderia ser uma concepção mecanicista, de alguma forma é certo. Por outro lado, Freud tomava liberdades metodológicas muito amplas, Freud improvisava sua metodologia a partir dos seus achados. Freud foi um enorme renovador metodológico e não prendia seus recursos e seus progressos a nenhuma filosofia determinada. Acho que todos esses pontos devem ser destacados, senão caímos na simplificação de dizer que Freud era positivista, que a psicanálise de Freud era positivista e que o que temos de fazer é uma psicanálise que não seja positivista, o que permite uma tergiversação para atirar o método pelos ares.

RP – *A psicanálise teria uma epistemologia específica, própria?*

JA – Sim, a psicanálise tem uma epistemologia própria que Freud desenvolve ao longo de seu trabalho. Isso, de certa forma, eu trato numa crítica a Grünbaum que vai sair no JAPA e que se chama “Em Direção a uma Epistemologia da Psicanálise”. A psicanálise pertence a um terreno para o qual a epistemologia não está pronta. Os epistemólogos procederam quase todos do núcleo da ciência galiléica, a partir da qual se configurou o esquema clássico do método hipotético dedutivo. Popper foi um físico e toda a sua concepção metodológica está intimamente ligada à física. O mesmo é válido com respeito às correntes renovadoras da epistemologia atual como, por exemplo, Lakatos, que era um matemático, Feyerabend, que era um físico. Grünbaum era um físico, mas Grünbaum não está entre os renovadores, que eu o saiba. Kuhn também foi físico. Ou seja, a epistemologia se fez quase exclusivamente a partir da física e de uma física que é basicamente a do modelo galileico-newtoniano. Há uma frase que Bertrand Russel escreveu em sua tese, no ano 1895, em que diz que a geometria sempre foi central nas teorias do conhecimento. Essa afirmação é rigorosamente certa, porque a teoria newtoniana foi a que permitiu uma reunião do modelo







dedutivo da geometria de Euclides com o empirismo. É por isso que o modelo cosmológico, que é central na teoria newtoniana, sempre teve o papel central nas concepções epistemológicas, porque era aquele no qual os mecanismos de relojoaria eram suficientemente precisos e estáveis a ponto de permitirem, com base em deduções geométricas, prever elementos futuros. Nele as variáveis são o que se chama variáveis projetáveis, que podem ser projetadas num futuro, articuladas matematicamente a respeito desse ponto futuro, e a situação se cumpre. Para isso é necessário que as variáveis sejam homogêneas. Que sejam variáveis que não sofram – entre outras coisas – variações qualitativas no transcurso da observação; supõe-se que a massa vai continuar sendo massa neste ano e no ano que vem, isto é, que não haverá modificações no conceito de massa neste ano e no ano que vem e que vamos continuar operando da mesma forma com o conceito de massa neste ano e no ano que vem. Supõe-se também que um metro é a mesma coisa aqui ou em Mercúrio. Todas essas suposições de estabilidade das variáveis são válidas na física newtoniana, entrando em questionamento dentro da própria física com a teoria quântica, porém nunca foram válidas no resto das ciências.

RP – *Na tua dedução, através do teu conhecimento, não criou um problema, que se reflete na técnica analítica e na prática da psicanálise, o fato de na física existir um observador e um fenômeno, a massa, como disseste, que é sempre constante? Pode variar a forma de apresentação, pode variar em termos de movimentos, enfim, numa série de coisas. Na psicanálise, em outro momento, o observador também era constante...*

JA – Eu acho que não, acredito que na psicanálise isso nunca foi verdade.

RP – *Do nosso ponto de vista atual. Mas meu ponto de chegada é se, historicamente, a importância da contratransferência não modificou totalmente os referenciais no sentido de que se passou a ver duas variáveis. Não mais uma constante, isto é, o observador ou analista e uma variável que seria o paciente, mas sim, duas variáveis, pois o observador incluído dentro do campo analítico também é uma variável.*

JA – Não, não. Estou absolutamente de acordo, mas me parece que estou numa questão muito anterior a isso, que é dizer que a epistemologia, tal como surgiu da física, é que se estabeleceu como reitora de todas as ciências. Uma epistemologia que nunca foi válida em muitos campos da ciência. Não só na psicanálise. Mill dizia que o conceito de causalidade, o conceito de causa como ele a entendia e como surgiu da física galiléica, seria aplicado aos seres vivos porque se pensava que os seres vivos





podiam ser reduzidos à combinatória de uns poucos elementos simples. Isso retoma, em última instância, a concepção mecanicista de Descartes, dos seres vivos como mecânicos. Eu acho que a velha divisão de Descartes entre a *res extensa* e a *res cogitans*, a *res extensa* como mecânica e a *res cogitans* como sapiente, é uma incisão que segue viva na cultura. Em boa parte, segue-se pensando nesses termos e acha-se que se reestabelece essa polêmica com os enfoques narrativos. Já vamos chegar a isso... O que estou dizendo é que na realidade o modelo hipotético dedutivo – e isso já disse Waelder numa resposta a Nagel, no ano 62, num artigo que saiu no JAPA e que se intitula “Psicanálise, Método Científico e Filosofia”, é que as concepções que Nagel utilizava, e que são as mesmas que utiliza Grünbaum, somente são aplicáveis num campo muito reduzido da ciência. Toda a biologia fica fora, não só a psicanálise. Por exemplo, as tentativas que cita René Thom, de um trabalho de um homem chamado Zeeman. René Thom é um matemático muito inovador no campo da ciência, que estabelece a teoria das catástrofes abordando a enorme dificuldade para descrever o desencadeamento de coisas simples, por exemplo, o desencadeamento do ataque de um cachorro, como acontece esse fenômeno, um fenômeno isolado e parcial, as extremas complexidades matemáticas que têm o intuito de abordar esse fenômeno. Eu acho que o problema é que as pessoas – e os muitos filósofos da ciência – supuseram que as coisas, ou funcionam nos termos da ciência galiléica e do método hipotético dedutivo ou não é ciência... Por outro lado, do ponto de vista dos enfoques hermenêuticos narrativo, retorna-se a uma concepção da mente como *res cogitans*. Isto é, a mente é a parte cogitante. Em última análise, voltam à velha concepção da filosofia da mente como consciência. Então, o central para a mente consciente, que é a linguagem, é o que passa a ser central como método. Isto implica deixar totalmente de lado, na prática, ou pelo menos na sua conceitualização, o que são os elementos da herança animal, nos quais se baseiam os afetos, ao priorizar o outro elemento. Em termos freudianos, dir-se-ia que os enfoques hermenêuticos narrativos tendem a privilegiar a representação de palavra em detrimento da representação de coisa, e em detrimento da instintividade que está ligada à representação de coisa. Não sei se é clara a minha postura, o problema não se dá especificamente com a psicanálise. Tem-se dado com todo um amplo espectro de fenômenos mentais, que vão desde os fenômenos mentais que a etologia estuda, até a psicanálise. Nenhum desses cabe nem na perspectiva da ciência galiléica, nem tampouco na perspectiva hermenêutica narrativa. Os dois unem-se nesse campo de fenômenos que não é privativo da psicanálise, mas que é importante para ela. Eu acho isto importante, porque senão parece que os psicanalistas têm que se defender sozinhos. Isso não é verdade. Na realidade, existe um amplo campo de fenômenos que nos defendem, e que são bastante óbvios.





Entrevista com Jorge L. Ahumada

RP – *Não sei que impressão tu tens a respeito, mas me parece que os nossos institutos de psicanálise começaram a se preocupar justamente em estudar hermenêutica, filosofia, lógica, para que se possa cruzar com outras áreas do conhecimento, neste momento em que a psicanálise depende também muito da pesquisa para validar-se. Estão os institutos atentos o suficiente para que os alunos possam se familiarizar um pouco mais com toda esta terminologia ou também para pensar a psicanálise dessa maneira como tu conseguiste nos expor tão bem até agora? Como é com a APdeBA?*

JA – A questão que pessoalmente coloco é: qual é a função dos institutos? Conformam-me-ia se, dos institutos, os candidatos saíssem com uma base clínica. Acho que isso é o essencial. Caso se ensinem as pessoas a pensar de quatro a cinco ângulos ao mesmo tempo, não aprendem de nenhum. Não sei se alguém é capaz de pensar de cinco vértices ao mesmo tempo. A intenção de fazê-lo, levaria a um descuido da clínica porque, como as pessoas não podem pensar a clínica de cinco ângulos ao mesmo tempo, então o que fariam seria não pensar na clínica. Passar-se-ia a trabalhar a clínica na simples discussão de teorias. O que tem, creio, preservado a continuidade da psicanálise é a continuidade do método e a continuidade de aprender a trabalhar o método. Por isto, o fato que os alunos aprendam Freud e se enfatize o jeito como trabalham, creio que é tarefa central dos institutos. A outra boa parte, os candidatos farão por sua conta, escutando um e outro, lendo por conta própria. Acho que o núcleo básico que os institutos têm que promover é o aprendizado clínico. Por isso, o central nos institutos, a meu entender, não passa pelos currículos, passa pela boa qualidade das análises e a seleção das análises, a seleção dos analistas didáticos, a seleção dos candidatos e a qualidade e a avaliação das supervisões. Por exemplo, em muito poucos institutos do mundo, os supervisores, dois, três ou quatro – de acordo com as regras de cada instituto – reúnem-se para intercambiar opiniões, antes de ser aceito o que poderia ser a evolução nas supervisões de um determinado candidato. Pode ocorrer que três supervisores aceitem, com muita desconfiança, a tarefa clínica de um candidato, e nunca se reúnam e digam: “bom, se desconfiamos, o que estamos aprovando?” Pode-se dedicar um par de horas para ver se, no transcurso de sua formação no instituto, um candidato fez realmente o aprendizado mínimo necessário. O mesmo acontece com a seleção dos analistas didatas. Na maior parte dos lugares, fazem-se umas poucas entrevistas e lança-se uma breve olhada em seu material clínico. Os ingleses, nesse sentido, são muito mais exigentes. Em algum momento, seja quando a pessoa é nomeada membro titular, ou quando pede para ser nomeada, tem que ter – creio que não estou errado – 20 horas de supervisão de um tratamento em andamento, com algum dos professores mais experientes, especialmente habilitados

122 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996





para cumprir essa função na nomeação de didatas. Penso que esse tipo de coisas, que tem a ver com algum cuidado da clínica, é muito mais importante do que incluir ou não Roy Schafer, por exemplo, no programa curricular. Se não o incluímos, caso queiram lê-lo, hão de fazê-lo depois; e se não querem lê-lo, embora o tenhamos no programa curricular, tampouco o lerão, ou só darão uma olhadinha por cima.

RP – *Tem-se notado uma tendência crescente, na literatura psicanalítica, a abordar temas que interligam a psicanálise com outras ciências. Podes ver que há uma tendência no próprio International Journal a incluir trabalhos de ordem teórica, a ponto de ser uma preocupação do comitê que se encaminhem trabalhos clínicos.*

JA – É um ponto complexo. Acho que deve haver interligações entre a psicanálise e outras contribuições, mas à medida que ajudem a explicitação e o enriquecimento do método. O que estou fazendo é usar instrumentos lógicos para ajudar a desvendar o que acontece dentro do método analítico. Parece que é diferente de tentarmos armar um novo método analítico. Faço isso com base em algumas coisas que aprendi da lógica. Creio que são duas posições radicalmente diferentes. Se alguém consegue ser mais explícito e contribuir para o desenvolvimento do método analítico com base, como direi, na teoria do caos, como algumas pessoas tentam fazer, – é claro que a teoria do caos está muito *em fraldas* ainda, assim como as lógicas paraconsistentes – então, como as coisas estão muito em fraldas e são muito complexas, dificilmente se conseguem unir os dois campos de pensamento de uma forma suficientemente clara, de modo a ser uma contribuição. É diferente quando se tenta uma reformulação do método, partindo de alguma linha filosófica. Acho que é o que acontece nos enfoques hermenêuticos. Nesses, por exemplo, Ricoeur diz que existe um *hermeneuticismo* militante. Quer dizer que ele é um militante da hermenêutica. Então, ele vai reformular desde este ponto de vista. Não é alguém que esteja tratando de usar a hermenêutica para descrever melhor a psicanálise que possui dentro de si. Mas é alguém que, não tendo a psicanálise dentro de si, vai tratar de reformulá-la em função do que tem dentro de si, que é a hermenêutica. Acho que aí tem um divisor de águas.

RP – *Mas, não te parece que há uma preocupação da IPA com uma tendência que estaria havendo, de desfigurar o método? Tanto que há, por parte da organização, a insistência em manter quatro sessões semanais, em dias diferentes, como forma de fazer frente a essa tendência.*





JA – Acho que isso é um problema central e muito real. As dificuldades para manter o método são crescentes, mas acho que isso não tem a ver com as dificuldades do método em si e sim com as dificuldades da cultura. Inclusive o fato de que exista tanta gente, dentro da cultura psicanalítica, que supostamente faz psicanálise, apresentando coisas muito mais fáceis de vender. É muito mais fácil vender a um paciente que ele faça psicanálise uma vez por semana – e são necessárias quatro sessões por semana para fazer psicanálise – porque vai sair quatro vezes mais barato, vai demandar quatro vezes menos investimento emocional e vai evitar toda a turbulência emocional que está inevitavelmente ligada ao processo analítico. Então, desse ponto de vista, a técnica ideal é aquela que exclui completamente a existência de um processo analítico, isso vemos em muitos setores da periferia. Evidentemente, o fato de existir um “mercado psicanalítico” no qual alguém se analisa sem ter necessidade, é uma oferta tentadora, mas isso tem que nos levar a modificar o método.

RP – *Tu me entendeste? A minha pergunta não tem uma proposta, mas busca ver como pensas isso. Porque está havendo efetivamente uma pressão no sentido de uma mudança do método, ou seja, diminuir o número de horas, a análise condensada, são coisas que estão sendo discutidas.*

JA – Bem, a análise concentrada como se tem feito em alguns lugares do Brasil, sobre a qual José Américo Junqueira de Mattos apresentou um bom trabalho em São Francisco – e agora em Recife, acho – creio que é uma modificação especial do método para adequá-lo a certas situações geográficas. Esses são os casos em que, legitimamente, a necessidade pode ter rosto de hereje, e podemos até respeitar que a necessidade tenha cara de hereje. Suponho que isto pode ser válido, com algumas restrições adicionais. É possível, mas teríamos que perguntar a pessoas que já tem experiência em fazê-lo, se o método feito dessa maneira não requer pacientes que sejam, talvez, um pouco sadios. Esse é um problema, eu diria, político-institucional; não parece que seja um problema do método.

RP – *Um fato institucional, econômico e com características de marketing?*

JA – Está bem, mas esses aspectos são periféricos, a meu entender.

RP – *Mas, as influências de que falamos, as quais são uma preocupação de todos nós com a descaracterização da psicanálise? E caso a exceção se torne regra, em função dessas necessidades todas?*





JA – Bom, acontece que não acho que isso seja válido na maioria dos casos; a análise concentrada é válida para pessoas que moram muito longe, digamos, que têm dificuldade. Esses são casos de exceção e é claro que em caso de exceção pode ser essa a melhor política a adotar. Isso, a meu entender, é perfeitamente válido e legítimo, tomando-se certas precauções, como por exemplo, quem *pode* aproveitar o método nessas circunstâncias, e quem *não pode*. É perfeitamente legítimo para *esses casos*. É diferente do que se vê nos meios lá fora, nos quais a formação psicanalítica depende de ler certos textos, encher-se de certas teorias e nisso consiste em *como se transformar num analista*. Isso é o que acontece nas universidades onde as faculdades fabricam “psicanalistas” com base em cursos. Que eu conheça, pelo menos na Argentina, nenhuma das universidades exige do aluno que está fazendo sua formação, fazer uma análise, mais ou menos equivalente ao que se requer nas associações psicanalíticas. Isto é diferente do caso nas universidades norte-americanas onde há um instituto de psicanálise, com todas suas características de instituto de psicanálise, dentro do marco de uma universidade. Nesse caso, a estrutura do ensino da psicanálise é respeitada, mas, no outro, é completamente diferente. É segundo esse modelo que funcionou a quase maioria das instituições da periferia da psicanálise as quais se dizem psicanalíticas. Eu acho que essa é a situação.

RP – *Jorge, já estamos com 1 hora de entrevista e tu ainda não descansaste hoje. E temos um jantar às 20 e 30 horas!*

JA – E que horas são agora?

RP – *Já são 19 e 30 horas.*

JA – Eu tomo um café!

Acho que a obstrução fundamental à popularidade da psicanálise – Freud sabia que a psicanálise seria impopular – é que o processo genuíno da psicanálise, que é a tomada de contato com os processos inconscientes e a sua elaboração dá-se às custas de esforço. Não há forma de ser o contrário. A invenção de uma psicanálise sem esforço tem sido muito tentadora, mas... Se evitássemos, na elaboração das ansiedades, o processo de luto, quer dizer dos próprios aspectos agressivos, isto é, tudo aquilo que é a carne do processo analítico, não faríamos mais psicanálise, mas estaríamos transmitindo uma determinada ideologia analítica e o processo analítico não se faria. O processo psicanalítico como ele é não tem maneira de ser popular.

RP – *A questão sobre a perversão do método refere-se ao risco da ideologia.*





Entrevista com Jorge L. Ahumada

*É disso que estás falando ? Que há determinados grupos que têm uma tendência perversa...*

JA – O que para mim segue sendo o núcleo da técnica psicanalítica, o núcleo da explicitação da técnica psicanalítica? Freud expôs a técnica psicanalítica, mas o mecanismo do *insight* e como ele acontece nas sessões, quem o expôs foi Strachey. Freud disse: fazer consciente o inconsciente. É uma fórmula muito genérica. Strachey conseguiu precisá-la muito mais. Entre nós, Etchegoyen foi o grande cultor e aquele que desenvolveu a posição de Strachey à qual eu aderi. Sem nenhuma dúvida, estou tratando só de usar os instrumentos da lógica para explicitar, apoiando-me em Matte Blanco – que fez uma obra extraordinária, porém de difícil leitura – e tratando de unir certas idéias de Matte com idéias de Bateson e com contribuições dos lógicos que Matte não considerou. Porém muito na linha de desenvolvimento de Strachey. Esse tipo de preocupação por ostensividade no processo, desaparece completamente quando o método psicanalítico se transforma e a ideologia e a função da ostensividade passa para a verbalização do analista que é o que eu chamo de “queracionismo” verbal.

RP – *Matte Blanco, que foi muito lembrado por ti, é um dos exemplos do que começa a ser estudado novamente. Seus trabalhos, durante muitos anos, não eram conhecidos pela população psicanalítica. Os institutos não trabalhavam com a bi-lógica. No tempo de minha formação não se ouvia falar de Matte Blanco, mas agora se recuperou Matte Blanco – há uns quatro ou cinco anos atrás tão somente. Mais ainda depois da sua morte e desse simpósio no Chile em sua homenagem, promovido pela Sociedade Chilena e pela Britânica. É um texto difícil de entender.*

JA – É difícil sim, e sobretudo um tanto pesado. Ignácio tinha o mau costume de detalhar tanto que se fazia quase *indigerível*, por isso não é difícil. É difícil suportar a leitura, a tendência é desistir. Por outro lado, o fato dos textos de Matte Blanco serem encontrados somente em inglês e italiano dificultou muito o contato com a obra.

RP – *O grupo chileno tem-se encarregado de traduzir ao Espanhol: Eleonora Casaula, Juan Francisco Jordan.*

JA – Vão traduzir?

RP – *Sim, estão traduzindo.*





JA – Ah! Fico muito contente com isto.

RP – *Sim, estavam preocupados em fazê-lo.*

JA – Sim, sim o grande difusor das idéias de Matte Blanco no meio inglês foi sem dúvida Eric Rayner. Eric foi o homem que conseguiu certa difusão em Inglês.

RP – *Eric Rayner?*

JA – Ele foi o grande propulsor das idéias de Matte Blanco.

RP – *Ele estava no simpósio de Matte Blanco no Chile. Ele não foi claro!*

JA – Bom, na realidade ele não foi ao Chile para falar de Matte Blanco, ele foi para falar das coisas que ele escreve. Creio que não lhe pediram que falasse de Matte Blanco; eu lhe teria pedido que o fizesse... Ele foi quem se encarregou de editar o segundo livro de Matte em inglês junto com David Tuckett.. É evidentemente um livro muito mais fácil que o primeiro. Creio que aí há um núcleo forte de pensamentos que não está sendo aproveitado. Outro autor que, apesar de não ser psicanalista, na minha opinião, é absolutamente aproveitável é Gregory Bateson . Gregory Bateson tem trabalhos realmente formidáveis que não surgiram da psicanálise, surgiram da etologia. São, quem sabe, os trabalhos que melhor podem nos ajudar a conceitualizar esse amplo espaço do conhecimento que vai entre os que toleram as ciências galiléicas e os que deixam de lado os enfoques hermenêuticos. Esse amplo espaço que é o espaço da mente não cognoscente. Porque há dois conceitos de inconsciente em Freud que são diferentes, se bem que estão implícitos um no outro; um é o conceito de inconsciente como o reprimido, isto é, o inconsciente que está ligado à repressão; o outro é o conceito de inconsciente como inconsciente instintivo, o que Freud chama de inconsciente não reprimido, isto é o que nunca foi consciente. São as partes da mente que se fazem conscientes por “manchas”, mas não são primariamente conscientes. Esse funcionamento da mente não consciente por si mesma fica, em princípio, fora dos enfoques hermenêuticos que manejam com uma definição da mente da filosofia clássica. A definição da mente que Freud disse, em um trabalho, ser “um obstáculo no caminho da psicanálise”. É um trabalho, creio do ano 17, onde ele questiona, briga com os filósofos e com a concepção de mente dos filósofos. Creio que esse trabalho de Freud segue sendo plenamente válido a respeito do enfoque hermenêutico.







Entrevista com Jorge L. Ahumada

---

RP – *Jorge! Eu queria agradecer-te a boa vontade, essa tua capacidade de desenvolver tantos temas que são de interesse para nós todos. E mais uma vez conseguimos ter contato com toda essa tua cultura analítica. Penso que nos vai ser muito útil divulgar esta entrevista na nossa revista. Muito obrigado!*

JA – Não! Muito obrigado a vocês; realmente tiveram muita paciência em me escutar! (Risos)

Tradução e revisão técnica de **Raul Hartke e Ruggero Levy**

**Jorge L. Ahumada**

Av. Las Heras, 3898, 3° H  
1425 – Buenos Aires, Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA





# Cem anos de Psicanálise. Revisitando os clássicos

---





Atenção montador  
Página 130 é branca





# O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios\*

*Sandor Ferenczi*



---

\* Sandor Ferenczi. Obras Completas, Vol. II, cap. VIII. Ed. Martins Fontes.

---

Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996 □ 131





Sandor Ferenczi

Freud mostrou que o desenvolvimento das formas de atividade psíquica própria ao indivíduo consiste na substituição do princípio de prazer predominante na origem e do mecanismo de recalçamento que lhe é específico pela adaptação à realidade, ou seja, à prova de realidade fundamentada num julgamento objetivo. Do estágio psíquico “primário”, tal como se manifesta nas atividades psíquicas dos seres primitivos (animais, selvagens, crianças) e nos estados psíquicos primários (sonho, neurose, fantasia), surgirá, portanto, o estágio secundário, o do homem normal em estado vígil.

No começo do seu desenvolvimento, a criança recém-nascida tenta chegar ao estado de satisfação somente através da violência do desejo (representação), negligenciando (recalcando) simplesmente a realidade insatisfatória para supor presente a satisfação desejada mas ausente; pretende, pois, cobrir todas as suas necessidades sem esforço, mediante alucinações positivas e negativas. “É somente a ausência persistente da satisfação esperada, a decepção, que leva ao abandono dessa tentativa de satisfação de modo alucinatório. Em seu lugar, o aparelho psíquico teve de resolver-se a representar o estado real do mundo externo e a procurar a modificação real deste último.

Desse modo, foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica: o que era representado não era mais o que era agradável, mas o que era real, mesmo que isso tivesse de ser desagradável”<sup>1</sup>.

No importante estudo onde ele expõe esse fato fundamental da psicogênese, Freud limita-se a distinguir com nitidez o estágio – prazer do estágio-realidade. Preocupa-se, claro, com os estados intermediários onde coexistem os dois princípios do funcionamento psíquico (fantasia, arte, vida sexual), mas deixa sem respostas a questão de saber se é progressivamente ou por etapas que a forma secundária da atividade psíquica se desenvolve a partir da forma primária e, por outro lado, se é possível distinguir tais etapas ou descobrir seus derivados na vida psíquica normal ou patológica.

Num artigo anterior, onde nos fornece aspectos profundos da vida psíquica dos neuróticos obsessivos<sup>2</sup>, Freud, entretanto, chama a nossa atenção para um fato que poderíamos aceitar como ponto de partida para tentar eliminar o hiato que existe entre os dois estágios do desenvolvimento psíquico, o estágio-prazer e o estágio-realidade.

Os obsessivos que se submetem a uma análise, lê-se nesse artigo, reconhecem não poder desfazer-se de sua crença na *onipotência* de seus pensamentos, de seus

1. Freud: “Formulierungen über die zwei Principien des psychischen Geschehens” (Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico), 1911 (*Ges. Schr.*, vol. v, p. 409).

2. Freud: “Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle” (*Cinq psychanalyses*, P.U.F.)





sentimentos, de seus bons ou maus desejos. Por mais esclarecidos que sejam, por mais forte que seja a oposição feita por sua instrução e sua razão, eles continuam alimentando o *sentimento* de que seus desejos, de um modo inexplicável, realizam-se. Todo analista pode facilmente convencer-se desse estado de coisas. O obsessivo, constatará o analista, tem a impressão de que a felicidade e a infelicidade dos outros, inclusive sua vida e sua morte, dependem de algumas de suas ações e de seus processos de pensamento, inofensivos em si mesmos. É compelido a evocar certas fórmulas mágicas ou a executar uma ação determinada: caso contrário, um grande infortúnio acontecerá a tal ou qual pessoa (na maioria das vezes, um parente próximo). Essa convicção intuitiva e supersticiosa nem sequer é abalada por repetidas experiências que a desmentem<sup>3</sup>.

Deixemos de lado, de momento, o fato de que a análise vai descobrir nesses pensamentos e nesses atos obsessivos *substitutos* de moções de desejo perfeitamente lógicos, mas recalçados porque intoleráveis<sup>4</sup>, e concentremos a nossa atenção unicamente na forma específica em que esses sintomas obsessivos se apresentam: devemos admitir que eles já constituem em si mesmos um problema.

A experiência psicanalítica levou-me a considerar esse sintoma, o sentimento de onipotência, uma projeção da nossa percepção de ter de obedecer como escravos a certas pulsões irreprímíveis. A neurose obsessiva é um retorno da vida psíquica a uma etapa infantil do desenvolvimento, caracterizada, entre outras coisas, pelo fato de que a atividade de inibição, de adiamento e de elaboração do pensamento, ainda não se interpôs entre o desejo e a ação, e de que o desejo é espontânea e infalivelmente seguido do gesto próprio para realizá-lo: um movimento de evitação da fonte de desprazer ou a aproximação da fonte de prazer<sup>5</sup>.

Em conseqüência de uma inibição do desenvolvimento (fixação), uma parte da vida psíquica do obsessivo, mais ou menos subtraída à sua consciência, permaneceu, pois – como a análise o mostra – nessa etapa infantil, e dá-se a assimilação do desejo e da ação porque essa parte recalçada da vida psíquica não pôde aprender, em virtude do próprio recalçamento, do retraimento da atenção, a distinguir os dois processos; em contrapartida, o ego, que evoluiu sem recalçamento, instruído pela educa-

3. Este artigo foi escrito antes que se pudesse considerar o estudo de Freud sobre "Animismo, magia e onipotência do pensamento" (*Totem e Tabu*, 1913), onde ele trata do mesmo assunto desde um ponto de vista diferente.

4. S. Freud: "Die Abwehr-Neuropsychosen" (As psiconeuroses de defesa), 1893, e "Obsessões e fobias", 1895 (*Ges. Schr.*, vol. I).

5. Sabe-se que as crianças pequenas estendem a mão de maneira quase reflexa para todo objeto brilhante ou que, por alguma outra razão, lhes agrada. No começo, são mesmo incapazes de abster-se de uma "inconveniência" que lhes propicie um prazer qualquer, caso uma excitação nesse sentido se apresente. Um menino a quem sua mãe proibia de meter os dedos no nariz, respondeu-lhe: "Eu não quero, é a minha mão que quer e não consigo detê-la."





Sandor Ferenczi

ção e pela experiência, não pode deixar de sorrir de tal assimilação. Daí resulta a discordância do obsessivo: a coexistência inexplicável da lucidez e da superstição.

Essa explicação do sentimento de onipotência como fenômeno auto-simbólico<sup>6</sup> não me satisfaz inteiramente, levando-me a indagar: onde a criança adquiriu a audácia suficiente para assimilar pensamento e ação? De onde vem essa naturalidade com que estende a mão para não importa que objeto, seja a lâmpada suspensa acima dela ou a lua que brilha ao longe, com a esperança certa de alcançá-las e de se apoderar delas por esse gesto?

Lembrei-me então de que o obsessivo, segundo a hipótese de Freud, “confessa francamente uma parte de sua antiga megalomania infantil” em sua fantasia de onipotência, e procurei averiguar a origem dessa ilusão e seguir seu destino. Esperava, ao mesmo tempo, aprender algo de novo acerca da evolução do ego, desde o princípio de prazer até o princípio de realidade, porquanto me parecia provável que a substituição, imposta pela experiência, da megalomania infantil pelo reconhecimento do poder das forças da natureza constituía o essencial do desenvolvimento do ego.

Freud qualifica de ficção uma organização que seria escrava do princípio de prazer e desprezaria a realidade do mundo externo e é, no entanto – diz ele – praticamente o que acontece com o bebê, desde que se leve em conta os cuidados maternos<sup>7</sup>. Acrescentarei que existe um estado do desenvolvimento humano que realiza esse ideal de um submetido unicamente ao prazer e não só na imaginação e de maneira aproximada, mas na realidade e de modo efetivo.

Refiro-me ao período da vida passado no corpo da mãe. Nesse estágio, o ser humano vive como parasita do corpo materno. Para o ser nascente mal existe “um mundo externo”; todos os seus desejos de proteção, de calor e de alimento estão assegurados pela mãe. Ele não precisa sequer fazer qualquer esforço para apoderar-se dos nutrientes e do oxigênio que lhe são necessários, já que mecanismos apropriados se encarregam de fazer chegar essas substâncias diretamente aos seus vasos sanguíneos. Em comparação, um verme intestinal, por exemplo, deve fornecer muito trabalho, “modificar o mundo externo” se quiser subsistir. A sobrevivência do feto, pelo contrário, incumbe inteiramente à mãe. Portanto, se o ser humano tem uma vida psíquica, mesmo inconsciente, no corpo materno – e seria absurdo acreditar que o psiquismo só começa a funcionar no momento do nascimento – ele deve ter, pela própria circunstância de existir, a impressão de que é realmente *onipotente*. Pois o que é onipotência? É a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a

6. É assim que Silberer designa as autopercepções representadas simbolicamente.

7. *Ges. Schr.*, vol. I, p. 411, nota. Ver também a controvérsia entre Bleuler e Freud a respeito desse problema (Bleuler, “Das autistische Denken” (O pensamento autístico), Jahrbuch, vol. IV).





desejar. É o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o que lhe é necessário à satisfação de suas pulsões<sup>8</sup> portanto, nada tem a desejar, é desprovido de necessidades.

A “megalomania da criança” quanto à sua própria onipotência não é, portanto, *pura* ilusão; a criança e o obsessivo nada pedem de impossível à realidade, quando sustentam com obstinação que seus desejos devem necessariamente cumprir-se; apenas exigem a *volta* de um estado que existiu outrora, a volta desses “bons tempos” em que eram onipotentes. (*Período da onipotência incondicional*)

Com o mesmo direito que nos permite supor a transferência para o indivíduo dos traços mnésicos da história da espécie, e até com mais fortes razões, podemos sustentar que os traços dos processos psíquicos intra-uterinos não deixam de exercer influência sobre a configuração do material psíquico que se manifesta após o nascimento. O comportamento da criança imediatamente após o nascimento fala a favor de uma tal continuidade dos processos psíquicos<sup>9</sup>.

O recém-nascido não se adapta de maneira idêntica, no que se refere a suas diferentes necessidades, a essa nova situação, que é manifestamente para ele uma fonte de desprazer. Imediatamente após o “parto”, ele começa a respirar para suprir a ausência de abastecimento de oxigênio em consequência da ligadura das artérias umbilicais; a posse de um aparelho respiratório pré-formado desde a vida intra-uterina permite-lhe remediar de imediato e ativamente a privação de oxigênio. Entretanto, quando observamos os outros comportamentos do recém-nascido, temos a impressão de que ele não está nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude isenta de desejos de que desfrutava no seio materno, e até mesmo que deseja, com todas as suas forças, reencontrar-se nessa situação. As pessoas que cuidam da criança compreendem instintivamente esse desejo e, assim que manifesta seu desprazer com choro e agitação, colocam-na em condições que se aproximam o mais possível da situação intra-uterina. Põem-na fundo do corpo tépido da mãe ou envolvem-na em cobertores e edredons quentes e macios, com o objetivo manifesto de lhe dar a ilusão da cálida proteção materna. Protegem seus olhos dos estímulos luminosos, os ouvidos dos ruídos, a fim de permitir-lhe continuar desfrutando da ausência de excitações próprias do estado fetal, ou então reproduzem as estimulações suaves e monótonas de que a criança não está isenta nem mesmo no útero (balanço quando a mãe se

8. Como resultado de perturbações devidas, por exemplo, à doença ou a uma afecção da mãe ou do cordão umbilical, a necessidade pode abater-se sobre o indivíduo desde a vida intra-uterina, despojá-lo de sua onipotência e forçá-lo a tentar “modificar o mundo externo”, em outras palavras, a efetuar um trabalho. Esse trabalho pode consistir em inspirar o líquido amniótico em caso de ameaça de sufocação.

9. Freud indicou, de passagem, que as sensações da criança durante o nascimento provocam, provavelmente, o primeiro afeto de angústia do recém-nascido, aquilo que ficará sendo o protótipo de toda angústia, de toda ansiedade posteriores.







Sandor Ferenczi

desloca, sons cardíacos maternos, ruídos abafados filtrando-se do exterior até ao interior do corpo), embalam-na e cantam-lhe cantigas de ninar, de ritmo monótono.

Se tentarmos nos identificar com o recém-nascido não só no plano afetivo (como fazem as pessoas que dele cuidam), mas também no plano do pensamento, devemos admitir que os gritos de aflição e angústia e a agitação da criança constituem uma reação muito mal adaptada, na aparência, à perturbação desagradável que subitamente ocorreu, em virtude do nascimento, na situação de satisfação de que usufruía até então. A partir das reflexões expostas por Freud na parte geral da *A Interpretação de Sonhos*, podemos supor que a primeira consequência dessa perturbação foi o reinvestimento alucinatório do estado de satisfação perdido: a existência tranqüila no calor e na placidez do corpo materno. Por conseguinte, o primeiro desejo da criança não pode ser outro senão o de se reencontrar nessa situação. E o mais curioso é que essa alucinação da criança – com a condição de que se ocupem normalmente dela – realiza-se efetivamente. Logo, do ponto de vista subjetivo da criança, a “onipotência” incondicional de que desfrutava até então só se modificou na medida em que deve investir o que deseja de modo alucinatório (representar) mas sem ter de modificar mais nada no mundo externo a fim de obter efetivamente a plena realização de seus desejos. Não tendo por certo, nenhuma noção do encadeamento real de causas e efeitos, nem da existência e atividade das pessoas que cuidam dela, a criança é levada a sentir-se na posse de uma força mágica, que é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação. (*Período da onipotência alucinatória mágica*)

Pelo efeito produzido pela atividade delas, vê-se que as pessoas encarregadas de cuidar da criança adivinharam suas alucinações. Assim que foram tomadas as medidas elementares a criança acalma-se e “adormece”. O primeiro sono é, portanto, *a reprodução bem-sucedida da situação intra-uterina que preserva, tanto quanto possível, das excitações externas*, com a provável função biológica de concentrar a totalidade da energia nos processos de crescimento e regeneração, sem ser perturbado por uma tarefa exterior a realizar. Considerações que não podem ser expostas neste contexto convenceram-me de que mesmo o sono posterior nada mais é senão uma regressão periódica e repetida ao estágio de onipotência alucinatória mágica e, por esse intermédio à onipotência absoluta da situação ínter-uterina. Segundo Freud, cabe supor em todo sistema que vive segundo o princípio de prazer a posse de mecanismos que lhe permitem escapar aos estímulos da realidade<sup>10</sup>. Parece que o sono e o sonho são as funções preenchidas por esses mecanismos, ou seja, os resíduos da onipotência alucinatória da criança pequena que subsistem na vida adulta. O equiva-

10. Freud: “Formulações sobre os dois princípios...”, op. cit.





lente patológico dessa regressão seria a realização alucinatória dos desejos nas psicoses.

Como o desejo de satisfações pulsionais surge periodicamente sem que o mundo externo tenha conhecimento do instante em que a pulsão se manifesta, a representação alucinatória da realização do desejo não bastará em breve para acarretar efetivamente a realização do desejo. Essa realização está vinculada a uma nova condição: a criança deve produzir certos *sinais*, por conseguinte, efetuar um trabalho motor, mesmo inadequado, a fim de que a situação se modifique no sentido de seus desejos e de que “a identidade de representação” seja seguida pela “identidade de percepção” satisfatória<sup>11</sup>.

O estágio alucinatório já se caracterizava Pelo aparecimento de descargas motoras descoordenadas (gritos, agitação), no momento em que surgiam afetos de desprazer. A criança utiliza agora essas descargas como sinais mágicos, cuja emissão realiza prontamente a percepção da satisfação naturalmente graças a uma ajuda externa, da qual a criança não tem, aliás, a menor suspeita). O que a criança sente subjetivamente no decorrer desses processos assemelha-se, provavelmente ao que experimenta um verdadeiro mágico que apenas precisa fazer um gesto para provocar a seu bel-prazer, no mundo externo, os mais complexos eventos<sup>12</sup>.

Assinale-se que a onipotência do ser humano está vinculada a “condições” cada vez mais numerosas, à medida que aumenta a complexidade dos seus desejos. Em breve essas manifestações por descarga não bastam mais para provocar o estado de satisfação. Os desejos, que assumem formas cada vez mais específicas à proporção do desenvolvimento, exigem sinais especializados correspondentes. Tais são eles, em primeiro lugar, a imitação com a boca dos movimento de sucção quando o bebê deseja ser alimentado e as manifestações características, com a ajuda da voz e de contrações abdominais, quando deseja ser trocado. A criança também aprende progressivamente a estender a mão para os objetos que cobiça. Resulta daí uma verda-

11. Freud: *A Interpretação de Sonhos*.

12. Se procuro um equivalente destas descargas na Patologia, “penso inevitavelmente na epilepsia essencial, a mais problemática das grandes neuroses. E se admito que, no tocante à epilepsia é difícil separar o fisiológico, permitir-me-ei, entretanto, assinalar que os epiléticos passam por ser indivíduos extremamente sensíveis cuja docilidade se converte ao menor pretexto, numa fúria e numa sede de dominação assustadoras. Até agora, esse traço de caráter era geralmente interpretado como um efeito secundário, uma conseqüência de crises freqüentes. Mas cumpre ponderar também uma outra possibilidade, a crise epilética não poderia ser considerada uma regressão ao período infantil da realização do desejo por movimentos descoordenados? Os epiléticos seriam portanto, indivíduos cujos afetos de desprazer acumulam-se e ab-reagem periodicamente em crises paroxísmicas. Se esta explicação for comprovadamente válida, deveremos situar o ponto de fixação de uma futura crise epilética nesse estágio de expressões dos desejos. A pateada irracional o crisar dos punhos, o ranger de dentes, etc. que acompanham as explosões de cólera da maioria das pessoas, sob todos os demais aspectos tidas por saudáveis, seriam meras formas atenuadas dessa mesma regressão.





Sandor Ferenczi

deira linguagem gestual: por uma combinação apropriada de gestos, torna-se capaz de exprimir necessidades muito específicas, as quais, na grande maioria das vezes, serão efetivamente satisfeitas; de modo que a criança – desde que respeite a condição que consiste em exprimir o desejo mediante gestos correspondentes – pode continuar a crer-se onipotente: é o período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos.

Esse período tem igualmente um equivalente em patologia. O salto surpreendente do mundo do pensamento para os dois processos somáticos que Freud descobriu na *conversão histérica*<sup>13</sup> fica esclarecido se o concebermos como uma regressão ao estágio da magia gestual. Com efeito, segundo a psicanálise, as crises histéricas representam, com a ajuda de gestos, a realização de desejos recalçados. Na vida psíquica do indivíduo normal, os inúmeros gestos supersticiosos ou pretensamente eficazes (gestos de maldição, de benção, mãos juntas para a prece, etc.) são resíduos pertencentes ao período do sentido de realidade em que nos sentíamos ainda suficientemente poderosos para violar, com a ajuda desses gestos anódinos, a ordem normal do universo de cuja existência, a bem dizer, não suspeitávamos. Mágicos, adivinhos e magnetizadores ainda encontram crédito quando afirmam esse poder absoluto de seus gestos; sem esquecer o napolitano, que se protege do mau-olhado mediante um gesto simbólico.

Com o recrudescimento das necessidades tanto em quantidade como em complexidade vão multiplicar-se não só as “condições” a que o indivíduo deverá submeter-se se quiser ver suas necessidades satisfeitas, mas também os casos em que seus desejos, cada vez mais ousados, não se realizarão, mesmo respeitando escrupulosamente as condições outrora eficazes. A mão estendida é, com frequência, recolhida vazia, o objeto cobiçado não acompanha o gesto mágico. E mesmo uma potência adversa e invencível pode opor-se pela força a esse gesto e coagir a mão a retomar sua posição anterior. Se até então o ser “onipotente” podia sentir-se uno com o universo que lhe obedecia e seguia os seus sinais, uma discordância dolorosa vai produzir-se pouco a pouco no seio de sua vivência. É obrigado a distinguir do seu ego, como constituindo o *mundo externo*, certas coisas malignas que resistem à sua vontade, ou seja, a separar os conteúdos psíquicos subjetivos (sentimentos) dos conteúdos objetivos (impressões sensoriais). Chamei antes *fase de introjeção* do psiquismo ao primeiro desses estágios, quando todas as experiências ainda estão incluídas no ego, e *fase de projeção* ao estágio que se lhe segue<sup>14</sup>. De acordo com esta terminologia, poderíamos designar os estágios de onipotência como fases de introjeção, e o estágio de realidade como *fase de projeção* do desenvolvimento do ego.

Entretanto, nem mesmo a objetivação do mundo externo desfaz de chofre to-

13. Cf. Os trabalhos de Freud em “Estudos sobre a histeria”.

14. Cf. “Transferência e introjeção”, 1909, Ferenczi, O. C., vol. I, p. 77.





dos os vínculos entre o eu e o não-eu. A criança aprende, por certo, a contentar-se com o fato de dispor apenas de uma parte do mundo, o “ego”, ao passo que o resto, o mundo externo, resiste freqüentemente aos seus desejos, mas isso não o impede de continuar investindo o mundo externo com qualidades que descobre em si mesma, ou seja, qualidades do ego. Tudo parece indicar que a criança atravessa um período animista na sua apreensão da realidade, período em que todas as coisas se lhe apresentam como animadas e em que tenta reencontrar em cada coisa seus próprios órgãos ou seu funcionamento<sup>15</sup>.

Foi feito, certa vez, contra a psicanálise, o comentário irônico de que, segundo essa teoria, o “inconsciente” veria em todo objeto convexo um pênis e em todo objeto côncavo uma vagina ou um ânus. Na minha opinião, essa sentença define muito bem as coisas. O psiquismo da criança (e a tendência do inconsciente que subsiste no adulto) confere – no que se refere ao próprio corpo – um interesse inicialmente exclusivo, mais tarde preponderante, pela satisfação de suas pulsões, pelo gozo que lhe propiciam as funções de excreção e atividades tais como chupar, comer, tocar as zonas erógenas. Nada tem de surpreendente que sua atenção seja atraída, em primeiro lugar, para as coisas e os processos do mundo externo que lhe recordam, em virtude de uma semelhança mesmo longínqua, suas experiências mais caras.

Assim se estabelecem essas relações profundas, persistentes a vida inteira, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos relações simbólicas. Nesse estágio, a criança só vê no mundo reproduções de sua corporalidade e, por outro lado, aprende a figurar por meio de seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Essa aptidão para a figuração simbólica representa um aperfeiçoamento importante da linguagem gestual; ela permite à criança assinalar não só os desejos que envolvem diretamente seu corpo, mas exprimir também desejos que se relacionam com a modificação do mundo externo, doravante reconhecido como tal. Se a criança é tratada com amor, não será obrigada, mesmo nesse estágio de sua existência, a abandonar sua ilusão de onipotência. Ainda lhe basta figurar simbolicamente um objeto para que a coisa (considerada como animada) “venha” até ele, de fato, num grande número de casos; sem dúvida, é essa a impressão que a criança tem nessa fase de pensamento animista, quando seus desejos são satisfeitos. Entretanto, a incerteza quanto ao aparecimento da satisfação faz com que pressinta, pouco a pouco, que também existem potências superiores, “divinas” (mãe ou ama-de-leite), cujas boas graças é necessário conquistar para que a satisfação se siga prontamente ao gesto mágico. Entretanto, a satisfação obtém-se com facilidade, sobretudo com um meio particularmente conciliador.

15. Cf. sobre o animismo, o ensaio de H. Sachs, “Über Naturgefühl” (O sentimento da natureza), *Imago*, I, 1912.





Sandor Ferenczi

Um dos “meios” físicos utilizados pela criança para figurar seus desejos e os objetos que cobiça adquire então especial importância, sobrepondo-se a todos os outros modos de representação: é a linguagem. Em sua origem<sup>16</sup>, a linguagem é a imitação, ou seja, a reprodução vocal de sons e ruídos produzidos pelas coisas ou que se produzem por intermédio delas; a habilidade dos órgãos da fonação permite reproduzir uma diversidade muito maior de objetos e processos do mundo externo, e fazê-lo de um modo mais simples do que pela linguagem gestual. O simbolismo gestual é substituído, portanto, pelo simbolismo verbal: certas seqüências de sons são postas em estreita relação associativa com coisas e processos determinados, e são até progressivamente *identificados* com eles. É o ponto de partida de um importante avanço: tomam-se inúteis a laboriosa representação por imagens e a encenação dramática, ainda mais laboriosa; a concepção e a representação dessas séries de fonemas chamadas palavras permitem uma versão muito mais econômica e preciosa dos desejos. Ao mesmo tempo, o simbolismo verbal torna possível o pensamento consciente na medida em que, associando-se aos processos de pensamento, em si mesmo inconscientes, confere-lhes qualidades perceptíveis<sup>17</sup>.

O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a libertação do desprazer. Apesar de tudo, a criança chega ainda a preservar, mesmo nesse estágio do seu desenvolvimento, o seu sentimento de onipotência. Com efeito, os desejos que a criança concebe sob a forma de pensamento ainda são tão pouco numerosos e relativamente tão pouco complexos que o meio atento e empenhado no bem-estar da criança consegue facilmente adivinhar a maior parte de seus pensamentos. As mímicas que acompanham em geral o pensamento (sobretudo nas crianças) facilitam muito para os adultos essa espécie de leitura dos pensamentos. E se, além disso, a criança formula seus desejos em palavras, seu dedicado meio apressa-se em realizá-los rapidamente. Quanto à criança, ela acredita realmente deter poderes mágicos; encontra-se no *período dos pensamentos e palavras mágicos*<sup>18</sup>.

É para esse estágio do sentido de realidade que parecem regredir os neuróticos obsessivos, incapazes de se desfazerem do sentimento de onipotência de seus pensamentos ou de suas fórmulas verbais e que, como Freud nos mostrou, colocam o pensamento no lugar da ação. Na superstição, na magia e no culto religioso, a fé no

16. Cf. Kleinpaul, *Leben der Sprache*, Leipzig, 1893; e Dr. Sperber, “Ober dein Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache”, *Imago*, I, 1912.

17. S. Freud, *A Interpretação de Sonhos*. (NTF: Nesta última frase, o texto húngaro permite-nos retificar o que, no texto alemão, parece ser um “pastel”.)

18. A interpretação psicológica da “magia!” não exclui, bem entendido, a possibilidade de que haja igualmente nessa crença um pressentimento de fatos físicos (telepatia, etc.).





poder irresistível de certas preces e orações, pragas, maldições e fórmulas mágicas – que basta pensar intimamente ou pronunciar em voz alta para que surtam efeito – desempenha um papel considerável<sup>19</sup>.

Essa megalomania quase incurável do ser humano só na aparência é desmentida por certos neuróticos cuja busca febril de sucesso rapidamente revela-se como encobridora de um sentimento de inferioridade (Adler) muito conhecido dos próprios pacientes. Em todos os casos desse gênero, a análise em profundidade mostra que esses sentimentos de inferioridade, longe de constituírem a explicação última da neurose, já são reações a um *sentimento excessivo de onipotência* em que esses pacientes se fixaram na sua infância e que, mais tarde, impede-os de suportar qualquer frustração. A ambição manifesta desses sujeitos nada mais é do que um “retorno do recalçado”, uma tentativa desesperada de recuperação, modificando o mundo externo, da onipotência de que desfrutavam originariamente sem esforço.

Não é demais repetir: todas as crianças vivem na feliz ilusão da onipotência de que efetivamente se beneficiaram outrora – ainda que isso ocorresse tão-só no seio materno. Depende do “Daimon” e do “Tyche” delas poderem conservar esses sentimentos de onipotência ao longo da vida e converterem-se em otimistas, ou irem engrossar o contingente dos *pessimistas*, que jamais aceitam renunciar a seus desejos inconscientes irracionais, sentem-se ofendidos e rejeitados pelas razões mais fúteis, e consideram-se crianças deserdadas da sorte – porque não podem continuar sendo seus *filhos únicos* ou *preferidos*.

Só depois que a criança fica completamente desligada de seus pais no plano psíquico é que, diz Freud, cessa o reinado do princípio de prazer. E também nesse momento, extremamente variável segundo os casos, que o sentimento de onipotência cede lugar ao pleno reconhecimento do peso das circunstâncias. O sentido de realidade atinge o seu apogeu na ciência onde, em contrapartida, a ilusão de onipotência cai para o seu nível mais baixo; a antiga onipotência dissolve-se em meras “condições” (condicionalismo, determinismo). Encontramos, porém, na teoria do livre-arbítrio, uma doutrina filosófica otimista que ainda realiza as fantasias de onipotência.

Reconhecer que os nossos desejos e pensamentos estão condicionados, significa o máximo de *projeção* normal, ou seja, de objetivação. Existe, porém, uma doença psíquica, a *paranóia*, que se caracteriza, entre outras coisas, pelo fato de transferir para o mundo externo, de projetar, até mesmos seus próprios pensamentos e desejos<sup>20</sup>. Ao que parece, poder-se-ia situar o ponto de fixação dessa psicose na época da

19. Essa “onipotência” (“força motriz”) é também muito característica das palavras obscenas, cf. o meu artigo “Palavras obscenas”, O. C., vol. I, p. 109.

20. “Die Abwehrneuropsychoosen” (As psiconeuroses de defesa), 1894 (Ges. Schr., vol. I). Freud. “Remarques psychanalytiques sur un cas de paranoia” (Cinq psychanalyses, P.U.F.) e Ferenczi: o papel da homossexualidade na patogênese da paranóia”. vol. I desta edição.





Sandor Ferenczi

renúncia definitiva à onipotência, ou seja, na fase de projeção do sentido de realidade.

Até o presente momento, apresentamos os estágios do desenvolvimento do sentido de realidade somente em termos de pulsões egoístas, as chamadas “pulsões do ego”, que estão a serviço da autoconservação; ora, a realidade, como foi constatado por Freud, tem justamente relações mais profundas com o “ego” do que com a sexualidade, em parte porque esta é mais independente do mundo externo (durante muito tempo, pode satisfazer-se de modo auto-erótico), e também em parte porque é reprimida durante o período de latência e não mantém qualquer contato com a realidade. Portanto, a sexualidade permaneceria, durante a vida inteira, mais submetida ao princípio de prazer, ao passo que o “ego” sofreria logo a mais amarga das decepções a cada desconhecimento da realidade<sup>21</sup>. Considerando agora sob o ângulo do *desenvolvimento sexual o sentimento de onipotência* que caracteriza o estágio-prazer, constatamos que o “*período da onipotência incondicional*” dura até o abandono dos modos de satisfação auto-eróticos, sendo que nessa época o “ego” já se encontra há muito tempo adaptado às condições cada vez mais complexas da realidade e, após ter superado os estágios dos gestos e palavras mágicos, já está prestes a reconhecer a onipotência das forças da natureza. O auto-erotismo e o narcisismo são, pois, os *estágios da onipotência do erotismo*; e, como o narcisismo jamais cessa, mas subsiste sempre ao lado do erotismo objetual, pode-se dizer – na medida em que nos limitamos a amar-nos a nós mesmos – que em matéria de amor é possível conservar a vida inteira a ilusão de onipotência. O fato de que o caminho do narcisismo seja igualmente o caminho da regressão, o qual permanece sempre acessível após toda decepção infligida por um objeto de amor, é por demais conhecido para que tenhamos necessidade de demonstrá-lo. Nos sintomas da parafrenia (demência precoce) e da histeria, podemos supor regressões auto-eróticas e narcísicas, ao passo que encontraremos provavelmente os pontos de fixação da neurose obsessiva e da paranóia num certo nível de desenvolvimento da “realidade erótica” (*necessidade de encontrar um objeto*).

A bem dizer, essas relações ainda não foram suficientemente estudadas para todas as neuroses, e temos, por conseguinte, de nos contentar, no que se refere à *escolha da neurose*, com a formulação geral de Freud, em cujos termos o tipo de distúrbio posterior é determinado em função “da fase de desenvolvimento do ego e da libido onde se produziu a inibição do desenvolvimento predisponente”.

Mas nós já podemos tentar completar essa proposição com uma segunda. Segundo a nossa hipótese, o teor em desejos da neurose, ou seja, os modos e os, objetivos eróticos que os sintomas representam como consumados, dependem da fase em

21. Freud: “Formulation sur les deux principes”, op.cit.





que se encontrava o desenvolvimento da libido no momento da fixação; quanto ao mecanismo das neuroses, é provavelmente determinado pelo estágio de desenvolvimento do ego em que o indivíduo se encontrava no momento da inibição predisponente. Aliás, pode-se imaginar que o estágio evolutivo do sentido de realidade predominante no momento da fixação ressurgirá nos mecanismos da formação de sintomas, quando ocorre uma regressão da libido para estágios anteriores. E como o ego atual do neurótico não compreende esse modo antigo de “prova da realidade”, nada impede que tal modo seja colocado a serviço do recalçamento e sirva para representar os complexos de pensamentos e afetos censurados. De acordo com essa concepção, a histeria e a neurose obsessiva, por exemplo, seriam caracterizadas, por um lado, pela regressão de libido a estágios anteriores da evolução (auto-erotismo, edipismo); por outro, no que se refere aos seus mecanismos, por um retorno do sentido de realidade ao estágio dos gestos mágicos (conversão) ou dos pensamentos mágicos (onipotência do pensamento). Repetimos: ainda há muito a fazer antes de se estabelecer com certeza absoluta os pontos de fixação de todas as neuroses. No que precede quis somente indicar uma solução possível – e, na minha opinião, plausível.

Quanto ao que supomos da filogênese do sentido de realidade, é possível que se trate, de momento, de mera profecia científica. Sem dúvida, conseguir-se-á um dia estabelecer um paralelo entre, por um lado, os diferentes estágios evolutivos do ego, bem como seus tipos de regressão neuróticos, e, por outro, as etapas percorridas pela história da espécie humana, tal como Freud, por exemplo, reencontrou na vida psíquica de povos primitivos os traços de caráter dos neuróticos obsessivos<sup>22</sup>.

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento, aos quais o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas. O primeiro grande recalçamento torna-se necessário pelo processo de nascimento que, com toda a certeza, faz-se sem colaboração ativa, sem “intenção” por parte da criança. O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude do corpo materno, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalçar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros. O mesmo jogo cruel repete-se a cada novo estágio do desenvolvimento<sup>23</sup>.

Talvez se pudesse arriscar a hipótese de que foram as modificações geológicas da crosta terrestre, e suas conseqüências catastróficas para os ancestrais da espécie humana, que forçaram o recalçamento dos hábitos preferidos e abriram o caminho

22. Freud: *Totem e Tabu*. “Algumas considerações sobre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos”, 1912-13.

23. Se seguirmos este raciocínio até o fim, é preciso considerar a existência de uma tendência para a inércia ou de uma tendência para a regressão, dominando a própria vida orgânica; a tendência para a evolução, para a adaptação, etc., dependeria, pelo contrário, unicamente de estímulos externos.







Sandor Ferenczi

para a “evolução”. É possível que essas catástrofes tenham constituído pontos de recalçamento na história da evolução da espécie, e sua intensidade e localização no tempo podem ter determinado o caráter e as neuroses da espécie. Segundo uma observação do professor Freud, o caráter da espécie é o precipitado da história da espécie. Pois que já nos aventuramos tão longe no campo dos conhecimentos incertos, não recuaremos agora diante de uma última analogia e colocaremos o grande impulso de recalçamento individual, o período de latência, em relação com a última e mais importante das catástrofes que se abateram sobre os nossos ancestrais (numa época em que certamente já existiam seres humanos na Terra), com a calamidade da era glacial que repetimos ainda fielmente em nossa vida individual<sup>24</sup>.

Esse desejo impetuoso de tudo saber, que me arrastou neste último parágrafo para as lonjuras fabulosas do passado e me fez superar com a ajuda de analogias o que ainda nos escapa, devolve-me ao ponto de partida destas considerações, ao problema do apogeu e declínio do sentimento de onipotência. Como já dissemos, a ciência deve renunciar a essa ilusão. Ou, pelo menos, deve saber sempre em que momento penetra no domínio das hipóteses e fantasias. Nos contos, em compensação, as fantasias de onipotência continuam senhoras absolutas<sup>25</sup>. Aí mesmo onde devemos inclinar-nos com profunda humildade diante das forças da natureza, é onde o conto acode em nosso socorro com seus temas típicos. Na realidade, somos fracos, vulneráveis, os heróis dos contos serão, portanto, fortes e invencíveis; somos limitados pelo tempo e pelo espaço em nossa atividade e em nosso saber: nos contos vive-se eternamente, está-se em mil lugares ao mesmo tempo, prevê-se o futuro e conhece-se o passado. O peso, a dureza e a impenetrabilidade da matéria constituem a todo instante obstáculos em nosso caminho, mas o homem, em seus contos, dispõe de asas, seu olhar trespassa paredes, sua vara de condão abre todas as portas. A realidade é um duro combate pela existência: basta no conto pronunciar alguma palavra mágica: “Abre-te, Sésamo!” Vivemos no perpétuo temor de ser atacados por animais perigosos ou inimigos ferozes: o manto mágico do conto permite todas as transformações e coloca-nos rapidamente fora do alcance. Como é difícil na realidade alcançar um amor

24. A concepção segundo a qual o abandono de mecanismos familiares (evolução) nunca é provocado por uma tendência espontânea, mas unicamente pela coerção externa, parece desmentida pelos casos em que a evolução precede as necessidades reais. O desenvolvimento do mecanismo respiratório ainda na vida intra-uterina seria um exemplo disso. Mas isso só se produz na ontogênese, o que já se pode considerar como recapitulação de um processo evolutivo comandado pela necessidade na história da espécie. Os exercícios lúdicos dos animais (Gross) não são rudimentos de uma futura função da espécie, mas igualmente repetições de aptidões adquiridas filogeneticamente. Portanto, deixam lugar para uma explicação puramente causal e histórica, e não acarretam obrigatoriamente um ponto de vista finalista.

25. Cf. Fr. Riklin, “wunscherfüllung und Symbolik in Märchen” (Realização de desejos e simbolismo nos contos de fadas).





---

O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios

---

que preencha todos os nossos desejos! Mas o herói do conto é irresistível ou então seduz com um gesto mágico.

Assim, o conto, no qual os adultos descrevem de bom grado para seus filhos pequenos seus próprios desejos insatisfeitos e recalçados, oferece, na verdade, uma representação artística extrema da situação perdida de onipotência. □

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
Página 146 é branca





# Comentários sobre o texto clássico de Sandor Ferenczi

*Joel Araújo Nogueira\*, Porto Alegre*



---

\* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Co-editor da Revista de Psicanálise da SPPA.

---

Revista de Psicanálise, Vol. III, Nº 1, abril 1996 □ 147





## 1. Introdução

Ao revisitar este trabalho clássico de Psicanálise, acho necessário lembrar o leitor sobre a importância do tema dentro do desenvolvimento da teoria psicanalítica, salientando que o mesmo já se fazia presente na obra de Freud em períodos diferentes da mesma. A primeira abordagem do tema foi feita em bases neurológicas no *Projeto* (1895), que jamais foi publicado em vida pelo pai da Psicanálise. Posteriormente, no capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* (1900), temos uma exposição semelhante à anterior, só que em termos puramente psicológicos, segundo comentário pertinente do editor inglês Strachey<sup>(1)</sup>.

O texto clássico de Sandor Ferenczi – *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* –, a meu ver, parece uma versão mais atualizada e enriquecida, por aspectos que serão comentados, de outro texto, também não menos clássico, publicado por Freud dois anos antes, em 1911.

Naquela ocasião<sup>(2)</sup>, o fundador da Psicanálise abordou a evolução do Ego a partir do predomínio do princípio do prazer em direção ao predomínio do princípio da realidade. No estágio prazer o Ego débil, primitivo, indiferenciado, seria então regido pelo processo primário do funcionamento mental que previa a descarga instintiva imediata. A teoria psicanalítica clássica vigente na época estava pautada em princípios econômicos que expressavam a busca constante (princípio da constância) de equilíbrio dentro do sistema (Ego primitivo + Id) para evitar o desprazer, desfazendo a tensão existente.

O sujeito freudiano buscava o equilíbrio (prazer) através da descarga, sendo o objeto apenas o veículo oportuno para tal, dentro dos limites impostos pela realidade, na evitação do desprazer e concomitante busca do prazer.

## 2. Comentários

Este texto, como o leitor pode comprovar, é de uma riqueza muito grande. Podemos comentá-lo a partir dos mais variados vértices de observação, sendo que começamos por situá-lo historicamente já na Introdução como um trabalho ampliado e mais bem acabado sobre a versão freudiana do desenvolvimento do Ego e dos princípios reguladores do funcionamento mental: princípio do prazer e princípio da realidade.

No meu ponto de vista, julgo necessário ressaltar a importância do autor Ferenczi quanto ao papel que desenvolve como um dos pioneiros da ciência psicanalítica, no sentido de que foi um elo entre a obra de Freud, base de todos os estudos





psicanalíticos posteriores, e a obra de Melanie Klein, bem como dos assim denominados pós-kleinianos.

A teoria kleiniana foi inspirada não somente pelo gênio de Melanie Klein, mas também pela íntima conexão com seu ex-analista Sandor Ferenczi, resultando na importância das “relações objetais primitivas” não como alternativa à teoria psicanalítica clássica mas como ampliação e complementação da mesma. Posteriormente, constituindo-se em Londres a “Escola das Relações Objetais”, que proporcionou um notável desenvolvimento para a Psicanálise por meio das suas variantes.

Ferenczi, no desenvolvimento do texto em estudo, ressalta a importância da experiência do bebê com o objeto externo.

Na busca do desenvolvimento do sentido de realidade, o Ego primitivo atravessa vários estágios que são descritos de uma forma dinâmica, não estática, sempre em íntima conexão com a mãe (relacional) a representar o meio ambiente total da criança desde o seu desenvolvimento fetal.

O autor descreve o estágio mais primitivo como sendo o “período de onipotência incondicional” vinculando a vida intra-uterina ideal e romanticamente considerada como fase na qual todas as necessidades são supridas pelo entorno útero-materno, o que hoje em dia sabemos não ser a expressão única, completa, do que pode ocorrer efetivamente no referido período. Porém, temos a idéia clara de um psiquismo fetal incipiente e básico para o futuro desenvolvimento do Ego do bebê.

Temos a descrição da “magia gestual” resultando numa linguagem que, através da combinação de gestos entre criança e mãe (o ambiente), produz uma troca de informações importantes que resultaram em interações com coloridos afetivos variados para ambos e que é denominada de “período de onipotência gestual”, sendo correlacionada com a patologia histérica.

Na seqüência da evolução do indivíduo na busca do sentido de realidade, o autor aborda o “período de onipotência do pensamento” estabelecendo estreita correlação com a neurose obsessiva, inibição da ação e exaltação do pensamento mágico, o que se traduz pela prática usual do paciente obsessivo, contraditório, dúbio, com seus rituais de anulação.

Ao finalizar este comentário, quero mais uma vez sublinhar a importância dada por Ferenczi para as relações objetais primitivas, ainda que o objeto considerado seja externo (relacional). A ênfase é dada à mãe como ambiente total da criança no início da vida e com marcas decisivas no desenvolvimento do Ego na busca do predomínio do princípio da realidade sobrepujando o princípio do prazer. E, também, a ênfase dada aos mecanismos de introjeção e projeção tanto no sentido da estruturação do psiquismo quanto no aspecto da comunicação primitiva representada pelo impacto do gesto a definir interações gestuais primitivas que podemos constatar ao





Joel Araújo Nogueira

---

observar um par mãe/bebê ou quando no campo analítico se estabelecem momentos mais regressivos nos quais a comunicação também é mais primitiva.

Sem mais delongas, quero cumprimentar a equipe da *Revista de Psicanálise* da S.P.P.A. pela escolha do texto que possibilitou, tanto ao comentarista quanto ao leitor, revisitar Sandor Ferenczi. Sobre ele, Freud escreveu-lhe no necrológio, que alguns de seus artigos fizeram com que todos os analistas fossem seus alunos. □

## Referências

- (1) *Ed. St. Bras. das Obras Completas de S. Freud*. Vol.XII. p.274.
- (2) FREUD (1911). *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*.

**Joel Araújo Nogueira**  
Rua Fernando Machado, 117  
90010-321 – Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise – SPPA





# Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

**Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 – Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Valor da assinatura: R\$ 45,00 – Vol. I/1994

R\$ 45,00 – Vol. II/1995

R\$ 55,00 – Vol. III/1996

NOME .....

ENDEREÇO .....

CEP..... CIDADE..... TELEFONE .....

(Cheque cruzado, nominal à  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)







*Abril/1996 - Vol. III - Nº 1 - HOMENAGEM A CYRO MARTINS*

## **S U M Á R I O**

### **EDITORIAL**

*Tributo ao Cyro*  
MAURO GUS - 3

### **EDITORIAL A CONVITE**

*Psicanálise e criatividade*  
Cyro Martins - 7

### **PALAVRA DO PRESIDENTE**

LUIZ CARLOS MABILDE - 13

### **MENSAGEM DO INSTITUTO**

*Cyro Martins, professor*  
CLÁUDIO LAKS EIZIRIK - 15

### **A VIOLÊNCIA NA OBRA DE CYRO MARTINS**

DONALDO SCHÜLER - 21

*Cyro Martins*

LUIZ CARLOS MENEGHINI - 37

### **ARTIGOS**

*O diálogo analítico:*

*Constituição e transformação de mundos possíveis*  
ANTONINO FERRO - 45

*Desidentificação: A propósito de um caso clínico*  
EDGAR CHAGAS DIEFENTHAELER - 65

*Níveis lógicos e comunicacionais da transferência*  
JORGE L. AHUMADA - 81

*A injeção de Irma, cem anos depois:*  
*Algumas considerações sobre a função dos sonhos*  
JUAREZ GUEDES CRUZ - 93

### **ENTREVISTAS**

*Entrevista com JORGE L. AHUMADA - 111*

### **CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITANDO OS CLÁSSICOS**

*O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*  
SANDOR FERENCZI - 129

*Comentários de JOEL ARAÚJO NOGUEIRA - 147*

# **Revista de Psicanálise**

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

